



REFLEXÕES

Uma Perspectiva Pastoral e Eclesial

Vol. 2 No. 2 Outubro 2022

REFLEXÕES

UMA PERSPECTIVA PASTORAL E ECLESIAL

VOL. 2 NO. 2 OUTUBRO 2022



Editorial Akademia
Ciudad de Panamá, Panamá

REFLEXÕES – Uma Perspectiva Pastoral e Eclesial

Comitê de Editores

Geir Lie

Leonardo Marcondes Alves

André Batalhão

Endereço

Calle de las Veraneras 19

San Antonio

Ciudad de Panamá

Panamá

Correio

bolreflexoes@gmail.com

Página web

<http://www.akademiaforlag.no/reflexoes/>

ISSN

2703-9129

CONTEÚDO

Editorial	1
Allan H. Anderson Primeiras missões pentecostais na América Latina	5
Jan-Åke Alvarsson Daniel e Sara Berg	29
David D. Bundy Missões Pentecostais no Brasil. O Caso do Norueguês G. Leonard Pettersen	63
Leonardo Marcondes Alves Ministério da Reconciliação. Bases nas Escrituras, Igreja como comunidade reconciliatória e revestimento pelo Espírito	77
Marco A. C. Faleiro Ideologia cristã x conduta cristã	91

EDITORIAL

Tudo tem o seu tempo, e depois de dois anos como editor de *Reflexões* sinto que o meu tempo acabou. Quase desde o início tive o grande privilégio de colaborar com Leonardo Marcondes Alves e André Batalhão no comitê editorial. E estou convencido de que continuarão melhorando a publicação do Brasil e que este trabalho será uma bênção para muitos. Também quero agradecer a Vivi Mentai por suas importantes contribuições com o primeiro número de 2021.

Como escrevi no editorial do último número, nosso desejo é enriquecer a perspectiva teológica e acadêmica de pastores e líderes que se identificam com a tradição pentecostal ou carismática. Eu oro para que a bênção de Deus continue sobre este ministério. Foi uma alegria e uma grande inspiração poder participar do início desta obra.

Geir Lie
Cidade do Panamá, Panamá

É uma honra continuar a missão proposta pelo caro Geir Lie. Desde que nos conhecemos — ainda que virtualmente — sentimos comunhão em muitas coisas. Não é só a geografia nórdica que nos une. A vocação de que devemos servir à Igreja pelo ministério da palavra escrita também nos compele a colaborar.

Vemos uma necessidade de produzir estudos bíblicos, reflexões teológicas e aplicações desses conhecimentos em língua portuguesa, sobretudo, com uma perspectiva dos movimentos de renovo do Espírito Santo. E isso numa linguagem que comunique a um público amplo para além dos muros da academia.

Ao ser voltada a uma aplicação pastoral e para uma audiência ampla, a *Reflexões* propõe várias formas de diálogos. É veículo para compartilharmos os testemunhos de uma identidade forjada por mais de um século de uma história global de renovo do Espírito Santo. Também é fórum de diálogo entre estudiosos dos países do Norte e o Mundo Majoritário. Esperamos traduzir artigos que levem a refletir, a provocar e a lembrar. Como os movimentos pentecostais e carismáticos nunca foram homogêneos, temos aqui a profusão de muitas línguas (e de filiação denominacional) para progredirmos em discernimento.

Por não ser uma revista com procedimento e público acadêmicos, temos algumas liberdades. Uma delas é convidar autores já com uma reflexão já madura e longo trajeto em suas áreas. Outra liberdade, como na prática dos testemunhos comum a muitas igrejas, é dar espaço para autores (muitos novos ainda na palavra impressa) para expressar suas vozes. Assim, apesar de não ser um periódico com revisão por pares, temos uma preocupação constante por um conteúdo que informe, dialogue e provoque reflexões. Portanto, as responsabilidades editoriais não se estendem ao conteúdo ou às opiniões aí expressas.

Neste número temos contribuições notáveis. Allan Anderson providencia um panorama dos primórdios pentecostais na América Latina, indicando os múltiplos trajetos dessa obra na região. Jan-Åke Alvarsson, que no número passado brindou-se com a biografia de Frida Vingren, agora compartilha a inspiradora história do pioneiro Daniel Berg. Outra biografia de um missionário, do noruguês G. Leonard Pettersen, é ofertada por David D. Bundy, um estudioso de longa data do movimento pentecostal na América Latina e suas conexões escandinavas e italianas. Diante de cenários de insegurança e conflitos que avançam para dentro das Igrejas, discorro sobre o ministério da reconciliação. Por fim, Marco A. C. Faleiro expressa suas opiniões acerca de ideologias em relação à conduta cristã na esfera pública.

Estamos em transição. O irmão Geir agora desfrutará de sua aposentadoria na América Central. Mas como conselheiro, mentor e

ocasional contribuidor seguirá conosco. Para o próximo número estudamos ampliar o rol internacional de conselheiros internacionais.

Mantendo a visão de Geir, esta revista beneficiará a Igreja no mundo lusófono com artigos que contribuem para a reflexão teológica e para a história e identidade pentecostal/carismática de forma acessível. Assim, buscamos manter políticas de acesso aberto, independência institucional e uma linguagem compreensível. Esperamos assim que a *Reflexões* permitirá que pastores, líderes e membros interessados estejam em diálogo com estudiosos globais de temas que nos são relevantes.

Estamos certos de que os leitores apreciarão os esforços deste ministério desenvolvido por Geir Lie, sobretudo nesse número.

Tusen takk, muito obrigado *y muchas bendiciones*, Geir!

Leonardo Marcondes Alves
Stavanger, Noruega

PRIMEIRAS MISSÕES PENTECOSTAIS NA AMÉRICA LATINA

ALLAN H. ANDERSON

A independência da América Latina, ocorrida entre 1806 e 1825, reduziu muito o império de Portugal e especialmente o da Espanha, que tentou ferozmente e sem sucesso reter suas colônias de tamanho considerável. Durante os cem anos seguintes, os novos estados emergentes tentaram encontrar suas próprias identidades, com uma série de ditaduras e golpes até que a situação se acalmou relativamente no início do século XX. Um pequeno número de governantes latino-americanos relativamente liberais via o evangelismo protestante como uma opção melhor para o progresso em comparação com o que eles viam como o catolicismo atrasado de seus antigos opressores coloniais. Eles permitiram que a imigração protestante promovesse o comércio com os EUA e a Europa Ocidental.

A tolerância religiosa e o anticlericalismo levaram à secularização da educação e a um ambiente mais fácil para os missionários protestantes no início do século XX. Este foi o contexto em que chegaram as primeiras missões pentecostais. Seus relatórios para os vários periódicos pentecostais dos Estados Unidos constituem as principais fontes da pesquisa realizada neste artigo.

Em 1912, a viajante Lucy Leatherman chamou a atenção para uma exposição diante de missionários cristãos em Boston que estimularam o interesse pelas missões mundiais, mas ignoraram completamente a América Latina:

Por que... um vigésimo dos habitantes do mundo não estava representado? É apenas mais um motivo para chamar a América do Sul de “O Continente Esquecido”. É eminentemente o continente negligenciado pelo resto do mundo e agora negligenciado pela força missionária combinada do mundo. Isso não é um campo missionário?¹

Da mesma forma, a conferência missionária de Edimburgo de 1910 havia deixado a América Latina totalmente fora do programa, considerando-a (como toda a Europa) já cristianizada e, portanto, sem necessidade de missionários. Para os pentecostais do Norte, como seus primos evangélicos no início do século XX, a América do Sul era o “continente abandonado” porque as organizações missionárias estabelecidas acreditavam que já era cristão.² Mas, em contraste, as missões pentecostais, como os evangélicos da época, eram estridentemente anticatólicas. Eles viam a América Latina como um bastião “romanista” e em suas cartas e relatórios abundavam em alusões à “escuridão” e “ilusão” do catolicismo popular nesta região.

Os missionários evangélicos e pentecostais alegaram que o catolicismo era “cristianismo paganizado” ou “paganismo batizado” e que coisas como a queima de Bíblias protestantes, a veneração de Maria e imagens, festivais religiosos “pagãos” e imoralidade desenfreada eram evidências de que a América Latina era tudo menos um continente cristão. Além disso, eles notaram que havia milhões de indígenas ameríndios que não tinham conhecimento do cristianismo. Como a indomável Lucy Leatherman, uma missionária pentecostal pioneira em três continentes, colocou perto do fim de sua vida:

Na América do Sul, diz-se que há apenas um missionário para cada 200.000 pessoas. Diz-se que são 15 milhões de índios, algumas

* Este artigo é uma adaptação do capítulo 7 de Allan Anderson, *Spreading Fires: The Missionary Nature of Early Pentecostalism* (SCM & Orbis, 2007), pp. 191-207. O artigo também foi publicado em espanhol como “Primeras misiones pentecostales en América Latina”, *Hechos* 4-1 (2022), pp. 3-26.

¹ *Bridegroom's Messenger* 104 (15 Fevereiro 1912), p. 4.

² *Bridegroom's Messenger* B59 (1 Abril 1910), p. 4.

tribos ainda não foram tocadas pela civilização do homem branco. O Senhor me deu um encargo, que muitos mais missionários sejam enviados. Os santos orarão ao nosso Senhor para enviar obreiros para este ‘Continente Negligenciado’? Ore para que ele envie cinquenta missionários de uma só vez. Tudo é possível com Deus. Oh, Deus! Aprese os missionários para a América Latina, para sua glória.³

Os cristãos evangélicos pensavam que a América Latina era o “campo mais negligenciado do mundo inteiro”, tendo tão poucos obreiros espirituais qualificados, mas sendo muito aberto aos missionários norte-americanos em particular. Um jornal achava que os latino-americanos “estavam olhando para os Estados Unidos como nunca fizeram no passado.” Portanto, era necessário aproveitar esta situação histórica para que Deus pudesse “encontrar obreiros fiéis que pudesse enviar para este campo que havia sido negligenciado pelos missionários cristãos; porque realmente os campos já estavam brancos para a colheita.”⁴ Os chamados por uma maior conscientização e atividade missionária no “continente abandonado” foram ignorados pelas principais denominações protestantes. No entanto, como o resto do século XX mostraria, a América Latina logo se tornaria um bastião do pentecostalismo.

Algumas denominações pentecostais foram estabelecidas na América Latina vários anos antes da fundação das principais organizações missionárias dos Estados Unidos, das quais algumas vezes erroneamente supõem que elas surgiram. As origens de grande parte do pentecostalismo latino-americano ocorreram em uma época em que as denominações pentecostais norte-americanas ainda estavam se formando. O movimento no Sul, portanto, é muito diferente do Norte. Não devemos considerá-lo totalmente uma criação ou importação americana, especialmente no caso dos dois maiores países pentecostais da época, Chile e Brasil.

No caso de todos esses países latino-americanos, exceto o Chile, onde o pentecostalismo começou com um grande número de crentes

³ *Bridegroom's Messenger* B59 (1 Abril 1910), p. 4.

⁴ *Word & Work* 42:1 (Janeiro 1920), p. 14.

metodistas estabelecidos e um ministro experiente, o movimento teve um início muito lento e levou décadas antes de se tornar significativo em números. No entanto, no final de 1910, missionários pentecostais já estavam operando em vários países da América Latina, incluindo Guatemala, El Salvador, Porto Rico, Cuba, Bolívia, Venezuela, Brasil, Chile e Argentina. Na década seguinte, eles chegariam ao México, Nicarágua, Honduras, Panamá, Colômbia, Equador e Peru. A seguir vamos ver um resumo de sua história.

Missões no México, América Central e Caribe

Os missionários do avivamento da Rua Azusa em Los Angeles foram primeiro para a América Central e México. Documentos pentecostais traziam relatos de diferentes lugares da América Latina onde os missionários estavam ativos. Amos e Effie Bradley eram missionários americanos em San Jerónimo, Guatemala. Eles receberam o batismo do Espírito ali, em 1908, e se corresponderam com o Boletim *The Bridegroom's Messenger* de Atlanta e com outros periódicos.

Na Guatemala, os R. S. Anderson estavam escrevendo para jornais pentecostais dos Estados Unidos em 1911 sobre seu trabalho em Cobán, que consistia em uma gráfica e uma escola. Estes foram assistidos por Eula Fay Watson (que chegou em 1910) e um professor local. No ano seguinte, Conway G. Anderson escrevia regularmente de Zacapa, e James Taylor também era ativo na Cidade da Guatemala na pregação itinerante. Em 1913, o irmão Butler estava em Cobán, e (Srta.) Willie Barnett estava ajudando Watson com planos para um internato e um orfanato. Havia um pentecostal escandinavo, H. A. Johnson, da igreja de T. B. Barratt em Oslo. Ele evangelizou no México em 1911 e 1912, mas nada mais se ouviu falar dele depois.⁵

⁵ *Bridegroom's Messenger* 31 (1 Fevereiro 1909), p. 1; 36 (15 Abril 1909), p. 4; 51 (1 Dezembro 1909), p. 1; 58 (15 Março 1910), p. 2; 62 (15 Maio 1910), p. 3; 82 (15 Março 1911), p. 4; 93 (1 Sept. 1911), p. 1; 104 (15 Fevereiro 1912), p. 3; 106 (15 Março 1912), p. 3; 120 (1 Nov 1912), p. 3; 127 (15 Fevereiro 1913), p. 2; 133 (15 Maio 1913), p. 3; *Word & Work* 32:10 (Oct 1910), p. 314; *Upper Room* 2:4 (Janeiro 1911), p. 7.

Romanita Carbajal de Valenzuela, uma idosa mexicana, convertida ao pentecostalismo em Los Angeles por volta de 1912, possivelmente na Rua Azusa. Ela voltou para Villa Aldama, Cumpas, na província de Chihuahua, no norte do México, em 1913, com seu marido Genaro e sobrinho Miguel García. Lá eles começaram os cultos de uma igreja protestante até que encontraram forte oposição de seu pastor. Em 1914 os Valenzuelas fundaram o que provavelmente foi a primeira denominação pentecostal no México, a *Iglesia Apostólica de la Fe en Cristo Jesús*, que logo assumiu uma posição unicista e batizou em Nome de Jesus. Seu primeiro ministro ordenado foi o ex-pastor metodista Rubén Ortega.

Romanita, que é considerada a mãe do pentecostalismo unicista no México, retornou aos Estados Unidos em 1918, onde morreu. Outras igrejas unicistas do México resultaram de seu trabalho original, após os cismas no movimento a partir da década de 1920. Suas obras incluem dois grandes movimentos, *Luz del Mundo* em 1926 e *El Buen Pastor* em 1942, que se espalharam ativamente por todo o mundo de língua espanhola. Por sua vez, Carrie Judd Montgomery visitou San José, México, onde os Valenzuelas realizaram reuniões evangelísticas, em outubro de 1913. Mais tarde, Chonita Morgan e seu marido também trabalharam nessa área como missionários pentecostais.

Havia outros evangelistas mexicanos no norte do México, incluindo um Sr. Guzmán que viajava com um burro nas aldeias nas montanhas. Este era um ameríndio chamado Sijuri. Os pentecostais unicistas no México tiveram contato e cooperação precoces com *The Pentecostal Assemblies of the World*, cujo missionário Manuel Walker também trabalhou nessa região. Axel e Esther Andersson vieram para o México da Igreja de Lewi Pethrus na Filadélfia, na Suécia, para iniciar um trabalho lá em 1919. Esse trabalho duraria além da morte de Axel em 1981, aos noventa anos. Os setenta anos de trabalho dos Andersson resultaram na criação de várias igrejas pentecostais trinitárias independentes, incluindo a *Iglesia Cristiana Independiente Pentecostés* e a *Unión de Iglesias Evangélicas Independientes*. A eclesiologia pentecostal escandinava que favorece a autonomia local claramente

encorajou a criação de igrejas mexicanas independentes, como aconteceu em outras partes do mundo.⁶

Nos próprios Estados Unidos, as Assembléias de Deus (AD) estabeleceram seu trabalho mexicano como um distrito independente da denominação em 1929, em grande parte pelos esforços anteriores dos missionários Henry e Sunshine Ball e Alice Luce (1873-1955), operando na fronteira do Texas entre refugiados mexicanos e no próprio México. Luce era inglesa e uma ex-missionária anglicana na Índia que recebeu o batismo do Espírito através do ministério de Shorat Chuckerbutty em Allahabad.⁷ Ball era um missionário metodista para os mexicanos em 1914, quando recebeu o batismo do Espírito e se juntou às AD, e Luce se juntou a esse trabalho em 1916. No ano seguinte, os primeiros missionários mexicanos das AD, Loreto e Paulita Garza, foram enviados para Bargas da fronteira dos EUA.

Luce começou uma escola noturna para treinar pregadores mexicanos e passou dois anos trabalhando em Monterrey, México (1917-19) com uma equipe de mulheres que incluía Sunshine Marshall (mais tarde Sra. Ball). Este trabalho foi interrompido pela guerra civil e Luce mudou-se para Los Angeles e depois para San Diego, onde fundou o Instituto Bíblico Berea, em 1926, para pastores hispânicos. Ela ministrou lá quase três décadas até sua morte aos 82 anos. Também trabalhando ao longo da fronteira ocidental do México entre os mexicanos nestes anos estavam os George Thomas (que se mudou para Nacozari, México em 1920) e a Sra. C. Nuzum, uma autora popular de artigos devocionais cristãos.

Francisco Olazábal (1886-1937), ministro metodista de origem mexicana, amigo de Carrie Judd Montgomery e missionário das AD desde 1917, iniciou um trabalho em El Paso, Texas, em 1919, alugando um salão no centro da cidade e pagando aluguel as membros mexicanos. Já em setembro de 1920, durante uma

⁶ *Bridegroom's Messenger* 133 (15 Maio 1913), p. 3; *Triumphs of Faith* 33:12 (Dezembro 1913), pp. 270-1; 37:3 (Março 1917), p. 66; 37:7 (Julho 1917), pp. 156-8.

⁷ Allan Anderson, *Spreading Fires*, p. 90.

convenção missionária das AD em Springfield, Missouri, um relatório menciona pelo nome vários americanos brancos proeminentes na obra mexicana, ao longo das fronteiras, e depois simplesmente se refere a um “evangelista mexicano que pregou nesta conferência e agora estava ministrando em El Paso.”

O nome desse graduado do Moody Bible Institute nem é mencionado, mas é claro que era Olazábal, então liderando uma das maiores obras pentecostais hispânicas nos EUA.⁸ Não é de surpreender que houvesse vários cismas dos hispânicos das AD, principalmente na questão da autonomia. Um cisma significativo ocorreu em 1922, quando Olazábal e um grupo de igrejas para as quais as AD havia rejeitado maior autonomia, se retiraram e fundaram o *Concilio Latinoamericano de Iglesias Cristianas*. Olazábal foi um dos pregadores e organizadores mais eficazes da época, estabelecendo igrejas nos Estados Unidos, Porto Rico e México.⁹

Missões Pentecostais em El Salvador

A data de início do pentecostalismo em El Salvador é contestada. Um relato o coloca em 1904 com o missionário canadense Frederick Mebius, que foi influenciado por Charles Parham. No entanto, Amos Bradley escreveu da Guatemala que Mebius tinha vindo do México. Ele havia sido missionário da Aliança Cristã e Missionária na América do Sul e havia recebido seu batismo pentecostal em 1909. De qualquer forma, Mebius estabeleceu uma igreja entre os trabalhadores do café em uma área remota de El Salvador.

Em 1927 esta igreja cresceu para várias centenas de membros em vinte e quatro congregações, cada uma com um “apóstolo” e um “profeta”. Desses primórdios rurais surgiram as duas maiores denominações pentecostais salvadorenhas, as AD e a Igreja de Deus, bem como várias igrejas independentes em El Salvador, Guatemala, Nicarágua e Honduras. Sabemos que Mebius estava trabalhando

⁸ *Latter Rain Evangel* 13:3 (Dezembro 1920), p. 12.

⁹ *Weekly Evangel* 91 (22 Maio 1915), p. 4; 198 (14 Julho 1917), p. 13; *Triumphs of Faith* 37:3 (Março 1917, pp. 53-4; 37:7 (Julho 1917), p. 158; 182 (31 Março 1917), pp. 12-3; 39:3 (Março 1919), pp. 71-2.

entre mexicanos em El Paso, Texas, em 1914 e pode ter sido um pregador itinerante.

Os Bradleys mudaram-se para Sonsonate, El Salvador, no início de 1911 e relataram reuniões regulares com vinte e cinco cristãos ameríndios. Eles viviam em circunstâncias difíceis em uma casa de dois quartos com uma cozinha que continha apenas um fogão de barro e tijolos cobertos com telhas de ferro. Em 1913, os Bradleys estavam em Ahuachapán, El Salvador, agora trabalhando com a *Iglesia de la Santidad Pentecostal*. Eles escreveram sobre sua congregação de vinte e um membros e a oposição física que estavam enfrentando por parte dos bandidos locais. Em 1917 eles já estavam na Cidade da Guatemala, mas retornaram aos EUA em 1918.¹⁰

Missões Pentecostais na Nicarágua

O primeiro missionário pentecostal na Nicarágua (e talvez em toda a América Latina) parece ter sido Edward Barnes, que chegou lá em 1907 e permaneceu naquele país até pelo menos 1917. Plantando uma obra em León, ele se juntou às AD ali. Não temos informações sobre quando e como ele se tornou pentecostal. Já em 1912, B. Austin e Marie Schoeneich foram com sua família e a mãe de Marie¹¹, a Sra. Yaegge, a Matagalpa, onde encontraram forte oposição do padre católico, que ameaçou de excomunhão qualquer pessoa associada aos pentecostais.

Os Schoeneichs viajaram para uma área remota e montanhosa usando mulas e burros para chegar às aldeias. Eles abriram um Lar Missionário para orientar novos missionários na América Latina. Eles fundaram uma igreja chamada *Misión Apostólica Evangélica* e uma escola para meninos. Foi um trabalho lento. Depois de cinco anos eles tinham apenas dez pessoas batizadas no Espírito Santo, mas outras já haviam sido imersas no batismo nas águas. Em 1916, já havia seis missionários pentecostais estrangeiros na Nicarágua, e mais

¹⁰ *Advocate* 1:1 (3 Maio 1917), p. 13; 4:49 (7 Abril 1921), p. 10; *Weekly Evangel* 210 (13 Outubro 1917), p. 10.

¹¹ *Weekly Evangel* 212 (27 Outubro 1917), p. 12.

dois missionários chegaram no ano seguinte para ensinar na escola de Matagalpa. A Sra. Yaegge morreu lá em 1918. Os Schoeneichs ficaram em León, em 1931 como missionários das Asembléias de Deus (AD). Em 1937, seu trabalho pioneiro em Matagalpa foi continuado por Melvin e Lois Hodges, umos dos missionários e estrategistas mais influentes das AD.

Missões pentecostais no Panamá e no Caribe

J. Wilson Bell era um trabalhador na Zona do Canal do Panamá, mas infelizmente foi declarado insano e acabou internado em 1915. Em 1917, Bell reapareceu brevemente como evangelista da Igreja de Deus na Jamaica, onde ele infringiu a lei novamente. Os pentecostais também estavam ativos nas ilhas do Caribe latino. Em 1913 os primeiros missionários em Cuba foram os J. M. Shirlens, que trabalhavam em Madruga e Aguacate. Em maio de 1920 May Kely ajudou a estabelecer as AD em Cuba e voltou a trabalhar lá permanentemente em 1931, junto com um casal porto-riquenho, Esther e Francisco Rodríguez.¹²

Missionários Pentecostais em Porto Rico

Juan León Lugo (1890-1984), porto-riquenho, foi um dos mais importantes pioneiros do pentecostalismo latino-americano. Lugo foi convertido no Havaí em 1907 por missionários da Rua Azusa e fazia parte de uma congregação pentecostal hispânica lá. Mais tarde, mudou-se para a Califórnia em 1914. Fundou uma igreja pentecostal hispânica em San Jose, Califórnia. Depois de servir como missionário das AD entre hispânicos por 16 meses nos Estados Unidos, mudou-se para Ponce, Porto Rico. Mais tarde naquele ano, juntou-se a ele

¹² *Bridegroom's Messenger* 68 (15 Agosto 1910), p. 4; 127 (15 Fevereiro 1913), p. 2; 128 (1 Março 1913), p. 2; 129 (15 Março 1913), p. 3; 133 (15 Maio 1913), p. 3; 135 (15 Junho 1913), p. 2; 137 (1 Agosto 1913), p. 3; 145 (1 Dezembro 1913), p. 2; *Latter Rain Evangel* 4:12 (Setembro 1912), p. 14; 5:5 (Fevereiro 1913), p. 8; 8:6 (Março 1916), p. 15; 8:10 (Julho 1916), p. 24; *Triumphs of Faith* 34:6 (Junho 1914), p. 136; 37:3 (Março 1917), p. 65; 37:10 (Outubro 1917), p. 235; *Word & Witness* 10:3 (Março 1914), p. 4; 12:7 (Julho 1915), p. 5; *Weekly Evangel* 174 (27 Janeiro 1917), p. 12; *Word & Work* 42:1 (Janeiro 1920) p. 13.

seu amigo Salomón Feliciano Quiñones (também porto-riquenho que se tornou pentecostal no Havaí em 1913) e sua esposa Dionísia. Eles trabalharam com Lugo por um ano antes de ir para a República Dominicana para iniciar uma igreja lá.

Chegando a Ponce, Lugo foi convidado a pregar na Igreja Metodista Episcopal, mas logo as igrejas protestantes se uniram para se opor ao novo movimento. Os pentecostais, por sua vez, tinham pouco respeito pelos arranjos polidos protestantes e evangelizavam por toda a ilha, principalmente em pregações de rua e reuniões domiciliares. Segundo Lugo, as igrejas protestantes ali estavam “secas como um pedaço de madeira”¹³ Esses missionários começaram a pregar nas ruas de Ponce e foram convidados para uma casa para a primeira reunião dentro do interior, onde essa família se tornou sua primeira conversão e uma assembléia foi fundada.

Embora no início tenha sido difícil obter uma permissão para pregar e Lugo foi informado por ministros protestantes que ele não tinha educação e treinamento, no final de 1916 havia 87 convertidos em meio a grande oposição e perseguição das autoridades civis e outras igrejas. Lugo relatou que as pessoas enchiam seu salão de cem lugares todas as noites com alguns caindo sob o poder, recebendo o batismo do Espírito e recebendo curas notáveis, mas os pentecostais receberam uma ordem judicial para encerrar os cultos às 22h30. As pessoas que foram batizadas no Espírito nessas reuniões foram expulsas de suas igrejas, mas o número de pentecostais crescia constantemente.

Outro porto-riquenho, Francisco Ortiz Jr., também conhecido como ‘Panchito’, sua esposa Santitos e seu pai Francisco Ortiz, Sr. (que havia sido pastor de Lugo e Feliciano no Havaí e na Califórnia) vieram de San Jose, Califórnia, em 1917. O jovem Ortiz iniciou uma congregação em Arecibo (a quarta igreja da ilha) e seu pai fundou um jornal antes de sua morte súbita em 1922. Um ministro metodista que se tornou pentecostal e futuro missionário em Cuba foi Francisco Rodríguez. Esta estava a cargo de uma congregação em Don Alonso,

¹³ *Weekly Evangel* 1960 (7 y 14 Outubro 1916), p. 12; 171 (6 Janeiro 1917), p. 12.

e já havia outra congregação em San Antón. Em Lares outro pregador metodista, Tomás Álvarez juntou-se aos pentecostais.

Em 1921, Lugo fundou o que hoje é a maior denominação não católica de Porto Rico, a *Iglesia de Dios Pentecostal*. Em 1929, Lugo foi para Nova York para pastorear a primeira igreja pentecostal porto-riquenha lá. Isso agora é conhecido como o *Concilio Latinoamericano en Nueva York*. A *Iglesia de Dios Pentecostal* enviou missionários para toda a América Latina e para os Estados Unidos, Espanha e Portugal. Foi filiado às AD até 1956, quando se tornou uma denominação independente.¹⁴ Feliciano foi o primeiro missionário pentecostal na República Dominicana a ir para lá em 1917, mas em 1920 ele e Lugo ainda estavam na lista de missionários das AD em Ponce. O trabalho de Feliciano e de vários outros missionários porto-riquenhos na República Dominicana acabaram sendo assumidos pelas AD dos EUA em 1941.

Missões na América do Sul

Na América do Sul havia quatro regiões principais de atividade para os primeiros missionários pentecostais estrangeiros. O mais setentrional deles estava na Venezuela; e o início do pentecostalismo ali está ligado aos missionários da Aliança Cristã e Missionária (ACM). Gerard Bailly, que tinha sido missionário em Caracas com a ACM desde 1896, voltou para lá em 1908 depois de receber o batismo do Espírito em Los Angeles – isso parece ter sido com a *Upper Room Mission* de Elmer Fisher. Lá ele estabeleceu uma escola de treinamento para trabalhadores em 1909 perto de Los Teques e uma igreja em Caracas em 1910.

Esses pentecostais da ACM receberam considerável oposição dos padres católicos locais, mas em 1912 obtiveram novas e maiores instalações para a escola. Metade dos oito homens que treinavam ali para o ministério eram de Porto Rico. Vários desses porto-riquenhos

¹⁴ *Weekly Evangel* 156 (26 Agosto 1916), p. 14; 155 (2 Setembro 1916), p. 13; 164 (11 Novembro 1916), p. 13; 166 (25 Novembro 1916), p. 13; 172 (13 Janeiro 1917), p. 12; 178 (24 Fevereiro 1917), p. 12; 182 (31 Março 1917), p. 12; 197 (7 Julho 1917), p. 12; 200 (28 Julho 1917), p. 13; 212 (27 Outubro 1917), p. 13.

foram para outras partes da América Latina como missionários, incluindo Cástulo Rivera, que foi para a cidade de Colón, Panamá, para trabalhar entre os ameríndios em 1917. Os principais associados dos Baillys, Frank (ou possivelmente Fred) Bullen e Tomás Salazar, um venezuelano, ambos morreram em 1914 e, além de uma breve associação com Frederick Bender, os Baillys continuaram sua missão solo.

A crescente oposição dentro da liderança da ACM às línguas como evidência do batismo no Espírito levou os Baillys a deixar a ACM naquele ano. Eles então fundaram uma igreja pentecostal independente que acabou se tornando conhecida como a *Iglesia Apostólica y Misionera Venezolana*. Em 1918, Bailly começou a trabalhar com os recém-casados Frederick e Christina Bender, germano-americanos, produtos da ACM recém-chegados ao país. Depois de se envolver no trabalho de Bailly, eles se separaram dele e começaram a liderar uma nova denominação pentecostal independente de Barquisimeto. Ela se juntou às AD quando os Benders se aposentaram para os EUA em 1947.¹⁵

A segunda região de atividade pentecostal foram os estados andinos. Em 1909, Earl W. Clark, um missionário ACM que se tornou pentecostal, veio para a Bolívia com uma equipe para abrir uma estação de rádio missionária, completa com uma escola industrial para crianças ameríndias, um moinho de farinha e lojas. Ele abriu a escola três noites por semana na missão do irmão Baker em La Paz no início de 1912; e em 1913, durante uma folga em Chicago, ele planejava estabelecer uma “colônia pentecostal” para cem famílias americanas se estabelecerem na Bolívia para evangelizar os

¹⁵ *Pentecost* 1:6 (Abril-Maio 1909), p. 3; 2:4 (Março 1910), p. 1; 2:9-10 (Setembro-Outubro 1910), p. 4; 2:11-12 (Novembro-Dezembro 1910), pp. 4-5; *Latter Rain Evangel* 3:4 (Janeiro 1911), p. 3; 5:4 (Janeiro 1913), pp. 19-22; *Bridegroom's Messenger* 90 (15 Julho 1911), p. 2; 102 (15 Janeiro 1912), p. 2; 105 (1 Março 1912), p. 1; 123 (15 Dezembro 1912), p. 4; *Flames of Fire* 14 (Outubro 1913), p. 4; 21 (Novembro 1914), p. 7; *Christian Evangel* 60 (26 Setembro 1914), p. 1; *Triumphs of Faith* 35:2 (Fevereiro 1915), pp. 46-7; 36:11 (Novembro 1916), p. 257; *Word & Witness* 12:5 (Maio 1915), p. 6; *Weekly Evangel* 181 (17 Março 1917), p. 11; 219 (22 Dezembro 1917), p. 10.

ameríndios. No entanto, ele se desviou da visão quando trabalhou como assistente de Maria Woodworth Etter em suas campanhas e acabou se casando com sua neta. Desde então, nada se ouviu de seu projeto boliviano.¹⁶

Os primeiros missionários permanentes na região andina foram Howard e Catherine Cragin, que chegaram a Quito, Equador, como missionários pentecostais em 1911, após uma curta e malsucedida estadia em Callao, Peru. Dois anos depois, eles se juntaram a L. B. Sly. Chamaram o Equador de “campo difícil”, mas resistiram até 1917. Os Cragins se mudaram do Equador para a Bolívia em 1913, junto com o filho Paul, a filha Helen e o genro Vern Vandermain. Lá eles se estabeleceram no Lago Titicaca e depois perto de Cochabamba, trabalhando entre os povos Aymara e Quechua. Os Cragins então retornaram ao Peru, onde trabalharam por muitos anos. Em 1914, Frederick e Lizzie Stevens trabalharam no norte do Peru. Mais tarde, outros missionários norte-americanos começaram a chegar lá, na década de 1920, para trabalhar com as AD, a maior denominação pentecostal do Peru.¹⁷

A terceira região de atividade missionária pentecostal na América do Sul foi no cone sul, da Argentina e do Chile. O pentecostalismo chegou à Argentina no início de 1909, quando os pentecostais italianos de Chicago, Luigi Francescon, Giacomino Lombardi e Lucía Menna fundaram a *Iglesia Asamblea Cristiana* entre os imigrantes italianos em Buenos Aires. May Kelty e sua mãe Harriet dos EUA e Alice Wood do Canadá chegaram no início de 1910 a Gualeguaychú, província de Entre Ríos, 160 quilômetros ao norte de Buenos Aires,

¹⁶ *Pentecost* 1:6 (Abril-Maio 1909), p. 3; 2:4 (Março 1910), p. 1; 2:9-10 (Setembro-Outubro 1910), p. 4; 2:11-12 (Novembro-Dezembro 1910), pp. 4-5; *Latter Rain Evangel* 3:4 (Janeiro 1911), p. 3; *Bridegroom's Messenger* 90 (15 Julho 1911), p. 2; 102 (15 Janeiro 1912), p. 2; 105 (1 Março 1912), p. 1; 123 (15 Dezembro 1912), p. 4; 132 (1 Maio 1913), p. 2; *Word & Work* 6:6 (Junho 1914), p. 186; 36:7 (Julho 1914), p. 219.

¹⁷ *Bridegroom's Messenger* 146 (15 Dezembro 1913), p. 4; *Word & Work* 36:9 (Setembro 1914), p. 284; 36:10 (Outubro 1914), p. 315; *Word & Witness* 10:4 (Abril 1914), p. 4; 12:5 (Maio 1915), p. 6; *Trust* 14:7 (Setembro 1915), p. 19; *Weekly Evangel* 187 (28 Abril 1917), p. 11.

trabalhando de uma antiga estação de ACM, doada aos pentecostais de Gualeguaychú.

Esta estação foi seguida por uma segunda estação da ACM dada a eles em Gualeguaychú, oitenta quilômetros a oeste, para a qual os Keltys se mudaram para assumir. May Keltys logo relatou que todos os missionários da ACM em uma estação perto de Buenos Aires haviam sido batizados no Espírito Santo e que outro grupo de missionários da ACM, nas proximidades, também estava recebendo o batismo pentecostal (Lucas 24:49). Mas o trabalho dos Keltys não deu muitos resultados entre os convertidos locais, e eles trabalharam com mulheres e crianças na área, em meio a forte oposição.

Alice Wood, que já era missionária da ACM na Venezuela há doze anos, relatou que o avivamento “realmente chegou” à Argentina em agosto de 1910 e que “Deus está derramando seu Espírito” sobre os missionários em duas estações da ACM. Berger Johnsen, um missionário norueguês, juntou-se a esta missão em 1911 e engajou-se no trabalho itinerante entre as missões protestantes, fazendo também o trabalho de colportor da Bíblia. Alice Wood sofreu um colapso de saúde naquele ano e os Keltys se mudaram para Gualeguaychú para ajudá-la. A princípio eles confessaram que havia pouco a fazer entre os argentinos e que seu ministério se concentrou em compartilhar sua experiência pentecostal com outros missionários.

Em 1912, os Keltys mudaram-se de Santa Fé para Rosário, onde planejavam trabalhar com missionários alemães entre os ameríndios. Dois anos depois, eles se mudaram com R. C. McBrides 1.600 quilômetros ao norte para trabalhar entre os Chiriguanos na província de Jujuy, perto das fronteiras boliviana e chilena. Lá eles abriram uma escola para meninos e uma escola industrial para homens e mulheres. Em 1913, Alice Wood foi acompanhada por uma trabalhadora pentecostal dinamarquesa, Annina Bejlstrup, em Gualeguaychú, mas continuou a descrever as difíceis condições que enfrentava, sem sucesso. Em 1914, Wood se juntou ao AD. O trabalho de Wood recebeu um impulso notável quando um evangelista espanhol, Juan Barrio, se juntou a ela em 1915.

Em 1917 Wood, Barrio e Anita Kildegaard mudaram-se para Veinticinco de Mayo, centenas de quilômetros a sudoeste de Buenos

Aires, nos Pampas. Aqui eles logo relataram trinta cultos e a abertura de uma missão. A congregação foi liderada por Barrio, que se casou com Elisa Seppe no final daquele ano. A mudança para Veinticinco de Mayo foi vantajosa para os missionários, que acharam a área mais receptiva à sua mensagem em comparação com sua experiência missionária anterior. Wood ainda estava nesta estação em 1939 como missionária das AD e permaneceu lá até pouco antes de sua morte em 1951.¹⁸

Johnsen comprou terras no extremo noroeste, onde compartilhou barcos com nativos americanos. Outro missionário dinamarquês, Nils Sørensen, chegou em 1913 para se casar com Bejlstrup e se mudar para o norte de Gualeguaychú, perto de Johnsen. Mas em 1916 eles voltaram para Gualeguaychú por motivos de saúde e de lá um ano depois para Bolívar no sudoeste. Johnsen aparentemente não concordou em ter mulheres no ministério e se separou de Alice Wood e os pentecostais mais ao sul. Sørensen procurou afiliação com Willis Hoover no Chile.¹⁹

A missionária Lucy Leatherman estava na Argentina em 1918 realizando cultos em duas cidades suburbanas perto de Buenos Aires – ela passou quatro anos na América do Sul afiliada à Igreja de Deus antes de retornar aos Estados Unidos. Em 1920 ela reclamou que na maior cidade do hemisfério sul havia apenas uma missão pentecostal (a *Iglesia Asamblea Cristiana*) que era apenas para italianos, liderada pelo irmão “Natucci” de Chicago. Este foi Narisco Natucci, que foi enviado por Francesconi em 1916 junto com Francisco Anfuzzo para revitalizar esta congregação de Buenos Aires. Esta igreja estava “em

¹⁸ “Constitution and By-Laws” das AD, 1939, p. 184.

¹⁹ *Bridegroom's Messenger* 62 (15 Maio 1910), p. 3; 71 (1 Outubro 1910), p. 2; 75 (15 Outubro 1910), p. 1; 73 (1 Novembro 1910), p. 4; 82 (15 Março 1911), p. 1; 87 (1 Junho 1911), p. 1; 100 (15 Dezembro 1911), p. 1; 110 (15 Maio 1912) p. 1; 118 (15 Setembro 1912), p. 4; 136 (1 Julho 1913), p. 2; 137 (1 Agosto 1913), p. 1; *Word & Work* 32:12 (Dezembro 1910), p. 381; 33:5 (Maio 1911), p. 158; 33:7 (Julho 1911), p. 222; 37:2 (Fevereiro 1915), p. 58; 39:12 (Abril 1917), p. 191; *Latter Rain Evangel* 4:10 (Julho 1912), p. 9; *Word & Witness* 10:7 (Julho 1914), p. 4; 12:5 (Maio 1915), p. 5; 12:8 (Agosto 1915), p. 3; *Weekly Evangel* 103 (14 Agosto 1915), p. 4; 121 (1 Janeiro 1916), p. 12; 162 (28 Outubro 1916), p. 13; 179 (3 Março 1917), p. 12; 181 (17 Março 1917), p. 13; 192 (2 Junho 1917), p. 12; 214 (10 Novembro 1917), p. 13.

uma condição florescente”, escreveu Leatherman. Ela pediu que mais trabalhadores viessem para este “continente negligenciado”.²⁰ Houve um progresso lento na obra pentecostal na Argentina durante os primeiros trinta anos. O pentecostalismo só progrediria neste país após a campanha de evangelismo e cura divina do evangelista americano Tommy Hicks em 1954.²¹

O avivamento chileno

Muitos dos primeiros pentecostais na América Latina eram chilenos e nos primeiros anos do século XX foi a mais bem sucedida das diferentes missões pentecostais no continente. Isso é ainda mais surpreendente quando tão pouca cobertura jornalística foi dada aos dramáticos acontecimentos no Chile e no Brasil. Mas a notícia apareceu nos periódicos dos movimentos pentecostais que publicavam em inglês. Essas duas áreas de maior expansão quase não receberam apoio das igrejas norte-americanas. Uma das razões para isso foi porque se tratava de movimentos nacionais com pouquíssima influência do Norte. O Chile apresenta um cenário diferente do restante do pentecostalismo latino-americano, em vários aspectos. Embora seu líder fosse norte-americano, sua expulsão de uma missão metodista norte-americana significava que ele dependia do povo chileno para apoio, infraestrutura e trabalhadores.

Como resultado, a *Iglesia Metodista Pentecostal* foi quase imediatamente uma igreja autogovernada, autossuficiente e autopropagadora, provavelmente a primeira da América Latina. As origens do pentecostalismo no Chile estão associadas a Willis C. Hoover (1858-1936), ministro de avivamento em Valparaíso. Hoover, um ex-médico que estava no Chile desde 1889, era o pastor da maior congregação metodista episcopal do Chile (700 membros) e superintendente distrital. Como os colegas missionários T. B.

²⁰ *Word & Work* 40:30 (Setembro 1918), p. 14; 42:1 (Janeiro 1920), p. 14; 42:7 (Julho 1920), p. 14; *Triumphs of Faith* (Maio 1920), pp. 104-5.

²¹ Norberto J. Saracco, “Argentine Pentecostalism: Its History and Theology.” Dissertação de Doutorado, Universidade de Birmingham, Reino Unido, 1989, pp. 66, 210-6.

Barratt na Noruega, Minnie Abrams e Albert Norton na Índia, J. H. L. Harrow e John Perkins na Libéria, o ministério de Hoover foi produto do famoso zelo missionário do bispo metodista norte-americano William Taylor.

Graças aos relatos de Hoover, temos muitas informações sobre o avivamento pentecostal no Chile. Há alguma evidência de que os Hoovers receberam documentos periódicos pentecostais dos EUA, mas que estes só circularam depois que o avivamento começou em abril de 1909. O próprio Hoover escreveu que sua esposa May Louise em 1907 recebeu uma cópia do panfleto de Minnie Abrams, *The Baptism of the Holy Ghost and Fire* (O Batismo do Espírito Santo e Fogo), escrito em 1906, aprendendo assim sobre o derramamento do Espírito em Mukti, Índia.

A correspondência subsequente da Sra. Hoover com Abrams, seu antigo colega de escola na Escola de Treinamento de Chicago para mulheres missionárias, estimulou o ressurgimento do pentecostalismo chileno. Os Hoovers também fizeram contato com um pastor sueco em Chicago, Alexander e Mary Boddy em Sunderland, Inglaterra e seu jornal *Confidence*, e outros como o colega metodista Barratt em Oslo, aprendendo assim sobre o movimento de avivamento pentecostal que estava ocorrendo em várias partes do mundo.²² A igreja de Valparaíso foi movida a orar e esperar tal “avivamento do Espírito Santo”, e as reuniões diárias de oração “pelo derramamento do Espírito Santo sobre nossa igreja” começaram em janeiro de 1909. Essas reuniões de ‘busca’ coincidiram com a abertura do novo edifício da igreja, o maior edifício protestante do Chile.

Em julho de 1909, após seis meses de oração, o esperado avivamento veio a Valparaíso durante uma dessas reuniões de oração e houve muitas manifestações carismáticas inusitadas e extáticas. Estes incluíam choro, riso incontrollável, gemidos, prostração, rolar no chão, visões reveladoras, cantar e falar em línguas, com pessoas arrependidas confessando seus pecados, de modo que mais de

²² Suplemento de *Confidence* 2:6 (Junho 1909), p. 12; *Latter Rain Evangel* 3:7 (Abril 1911), p. 19.

duzentas pessoas se converteram em um ano.²³ Os batizados no Espírito sentiram-se compelidos a sair às ruas para contar suas experiências. Isso, junto com o barulho gerado pelas reuniões de avivamento, causou uma reação hostil das autoridades civis. A imprensa local e eventualmente a hierarquia metodista reagiram negativamente a este fenômeno espiritual. Em Santiago, alguns dos evangelistas foram presos, incluindo uma jovem inglesa de Valparaíso, Nellie (Elena) Laidlaw, que Hoover descreveu como tendo “manifestações e dons notáveis”. A ela foi negada permissão para profetizar em duas igrejas metodistas em Santiago. Por essa razão, a maioria de seus membros deixou essas igrejas e começou a realizar reuniões em suas casas. O apoio de Hoover a Laidlaw levou à sua rejeição pela Igreja Metodista, e Hoover tornou-se objeto de uma série de relatórios prejudiciais e preconceituosos contra o movimento do Espírito.

No entanto, houve outros relatórios positivos e independentes sobre esse avivamento. Earl Clark escreveu da Bolívia que o “fogo pentecostal” se espalhou por todo o Chile. Em todo o país havia “uma grande bênção acontecendo no avivamento”, com “centenas” sendo “salvos”. Hoover escreveu que esses “incêndios estavam ocorrendo em missões em que passei dois anos no trabalho.”²⁴ De sua parte, A. B. Simpson visitou o Chile no início de 1910 e pregou para quase mil pessoas na igreja de Hoover em Valparaíso. Essa visita foi noticiada em vários jornais pentecostais. Simpson escreveu que Hoover foi “o missionário de maior sucesso no Chile” e que o avivamento foi “acompanhado por muitas das manifestações notáveis que também experimentamos em nosso trabalho (ACM) na Índia, sul da China e muitas partes dos EUA.”

Esses avivamentos incluíam oração fervorosa, falar em línguas e cura divina. De acordo com Simpson, as reuniões foram “uma

²³ Willis C. Hoover & Mario G. Hoover, *History of the Pentecostal Revival in Chile* (Santiago: Imprenta Eben-Ezer, 1930, 2000), pp. 9, 18-20, 29-32, 36, 68-73; *Upper Room* 1:6 (Janeiro 1910), p. 5; *Word & Work* 32:3 (Março 1910), p. 94; *Trust* 9:8 (Outubro 1910), p. 18.

²⁴ *Pentecost* 2:4 (Março 1910), p. 1.

experiência transbordante do amor de Deus e da unção do Espírito, que era sólida e bíblica em suas visões e métodos teológicos.” Simpson advertiu prescientemente que o envio de Hoover de volta aos Estados Unidos “destruiria a maior igreja protestante do Chile e provavelmente causaria a formação de uma missão independente”. Ele também disse que as questões mais sérias estão “penduradas na balança”, especialmente se a igreja metodista “o demitir ou tentar coagir seu povo.”²⁵ Vale notar que Simpson e a ACM só começaram a se distanciar dos pentecostais dois anos depois.

O aviso de Simpson não foi atendido. Em 1910, a Conferência Metodista reuniu-se no edifício da igreja de Hoover em Valparaíso na presença de seus membros. Lá Hoover foi acusado de conduta “escandalosa” e “imprudente” e de propagar ensinamentos “falsos e anti-metodistas ... antibíblicos e irracionais.” Lembrando a denúncia semelhante de Charles Parham sobre o Avivamento da Rua Azusa três anos antes. A Conferência ridicularizou as manifestações do avivamento como “ofensivas à decência e à moral” e implicando-as com “hipnotismo”.²⁶ Hoover foi pressionado a deixar o Chile e retornar aos EUA e quase concordou com esse plano. O bispo Bristol removeu Hoover do cargo de superintendente distrital e disse-lhe que ele tinha que deixar o Chile ou deixar a Igreja Metodista. Enquanto isso, os evangelistas em Santiago decidiram formar uma nova igreja que chamaram de *Iglesia Metodista Nacional* e os oficiais da congregação de Valparaíso e a maioria de seus membros se juntaram a eles. Embora “em um momento de fraqueza” Hoover tivesse concordado em deixar o Chile como o bispo o havia instruído, ele mais tarde mudou de idéia, tomou a segunda opção do bispo e renunciou à Igreja Metodista Episcopal e sua sociedade missionária em maio de 1910. Ele declarou que não se separou nem de Wesley nem do Metodismo. Líderes metodistas tentaram prendê-lo e deportá-lo, mas as autoridades chilenas o libertaram. Na congregação de Valparaíso, 450 dos 700 membros de Hoover e todos os membros

²⁵ *Word & Work* 32:5 (Maio 1910), pp. 156.-7; *Upper Room* 1:10 (Maio 1910), p. 5; *Triumphs of Faith* 30:6 (Junho 1910), pp. 26-7.

²⁶ *Latter Rain Evangel* 3:7 (Abril 1911), p. 20.

das duas congregações de Santiago já haviam renunciado. Hoover foi convidado a se tornar superintendente da nova igreja, cujo nome seria mudado para a *Iglesia Metodista Pentecostal* (IMP), para deixar claro que a divisão não partiu do nacionalismo e que eles permaneceram essencialmente metodistas.

Hoover foi totalmente apoiado pela igreja chilena, provavelmente a primeira igreja auto-suficiente na América Latina, referida em pelo menos um jornal como “uma missão metodista independente”. O próprio Hoover se referiu à sua igreja como um “corpo independente e auto-suficiente”. No primeiro ano, a congregação de Hoover em Valparaíso não só cresceu com 150 novos membros, mas cinco anos depois havia congregações da nova denominação em doze cidades diferentes, cerca de 1.200 membros e “vários outros grupos afiliados ao IMP, todos totalmente autossuficientes.”²⁷ Os missionários chilenos também plantaram congregações do IMP na Argentina e no Peru na década de 1920. A proximidade com o metodismo diferencia o pentecostalismo chileno de outras formas de pentecostalismo clássico.

Significativamente, este movimento chileno com origens no avivamento de Mukti na Índia não estava ligado às igrejas pentecostais norte-americanas, e Hoover foi o fundador de uma igreja indígena chilena. O pentecostalismo chileno, como o movimento Mukti, não seguiu a doutrina do pentecostalismo branco norte-americano clássico, que ensinava a ‘evidência inicial’. Desde a época de Hoover, o movimento chileno considera o fenômeno de falar em línguas como uma das muitas manifestações do batismo no Espírito.

Muitas secessões aconteceram no IMP, a primeira quando Carlos del Campo deixou o movimento para iniciar a *Iglesia del Señor* em 1913. Mais tarde foi formada a *Iglesia Evangélica de los Hermanos Pentecostales*. Com o tempo, Hoover entraria em conflito com a maioria dos

²⁷ Hoover, *History*, pp. 74-100, 240-7; *Trust* 9:8 (Outubro 1910), p. 19; *Upper Room* 2:5 (Maio 1911), p. 5; *Latter Rain Evangel* 3:10 (Julho 1911), pp. 21-4; 6:9 (Junho 1914), p. 19; 13:4 (Janeiro 1921), pp. 2-5; *Bridegroom's Messenger* 97 (1 Novembro 1911), p. 4; *Triumphs of Faith* 32:2 (Fevereiro 1912), p. 48.

pastores chilenos do IMP. Entre outras coisas para o uso de música e instrumentos populares na igreja. O próprio Hoover liderou uma secessão em 1932 e fundou a *Iglesia Evangélica Pentecostal*, que liderou até sua morte em Santiago, quatro anos depois. Depois de Hoover, o IMP foi liderado por Manuel Umaña Salinas, que se tornou seu bispo. A grande maioria dos pentecostais chilenos pertence a igrejas cujas origens estão no IMP.

Neste estágio inicial, apenas uma outra obra pentecostal no Chile é conhecida. Os missionários pentecostais noruegueses trabalhando em Ancud, na ilha de Chiloé, no sul do Chile, a partir de 1912. Os missionários foram Nils Olsen Gunstad e Marie Gustad, Martha Olsen e Kirsti Melbostad, mais tarde acompanhados por um irmão Jakobsen. Estes trabalharam nas ilhas do sul, incluindo a Ilha Sebastiana, onde uma congregação foi estabelecida com um líder local.²⁸

Missões no Brasil

A quarta, maior e, em última análise, a mais prolífica região de atividade pentecostal na América do Sul, estava no imenso país de língua portuguesa, o Brasil. As duas primeiras formas de pentecostalismo foram encontradas em diferentes extremidades do país, mas com conexões comuns com o ministério de William Durham em Chicago. Ele havia profetizado que seu associado desde 1907, Luigi Francesconi (1866-1964), um ex-valdense e líder da primeira igreja pentecostal italiana, pregaria a mensagem pentecostal ao povo italiano. Francesconi estabeleceu congregações italianas nos EUA e na Argentina em 1909. Em 1910, ele foi para São Paulo, Brasil, com uma equipe para começar a trabalhar entre a grande comunidade italiana de lá. Naquela época, havia mais de um milhão de pessoas lá. Francesconi pregou sobre o batismo no Espírito aos presbiterianos italianos e foi expulso de sua igreja. O resultado foi a formação de uma denominação pentecostal, *Congregacioni Christiani*, a primeira igreja pentecostal no Brasil. Por volta de 1935 começou a

²⁸ *Word & Witness* 9:11 (Novembro 1913); p. 4; 10:4 (Abril 1914), p. 4; *Weekly Evangel* 168 (9 Dezembro 1916), p. 12; 198 (14 Julho 1917), p. 13.

adotar o português em seus cultos e a atrair brasileiros, e hoje é conhecido pelo nome português como Congregação Cristã, anteriormente uma das maiores denominações pentecostais do Brasil.

Dois batistas suecos que se tornaram pentecostais e que eram vagamente associados a William Durham, Gunnar Vingren e Daniel Berg, foram responsáveis pelo início do pentecostalismo no nordeste do Brasil. Vingren, formado pela Escola de Divindade da Universidade de Chicago e pastor de uma igreja batista sueca em South Bend, Indiana, e Berg, um leigo de Chicago, receberam profecias separadas de que iriam para o 'Pará'. Quando Vingren descobriu na biblioteca pública onde ficava aquele local, eles viajaram para Belém, no norte do estado do Pará, em 1910. No mesmo ano, Francesconi foi para São Paulo, ao sul. Incapaz de falar português, eles começaram a orar no porão de uma igreja batista pastoreada por um missionário sueco e esperavam um avivamento. Alguns receberam o batismo no Espírito e começaram a evangelizar em seu bairro. Um grupo de dezoito, a maioria membros, foi expulso da igreja em junho de 1911, e Vingren tornou-se seu pastor. Berg e Vingren começaram a falar português em seis meses e em três anos tiveram mais de cem convertidos no Pará. Em cinco anos, foram 400 pentecostais no Norte do Brasil e dez igrejas abertas.

O primeiro pregador brasileiro associado a Vingren e Berg foi Adriano Nobre. Berg ajudou Vingren como evangelista independente, apoiando a missão como despachante de carga e colportor distribuindo Bíblias ao longo de rotas ferroviárias e fluviais, fazendo conversões à medida que avançava. Em 1917 relatou 126 batismos e onze missões estabelecidas ao longo do rio Amazonas e seus afluentes. Dois anos depois, havia vinte e seis assembléias e 500 pessoas no movimento. Como em outras partes da América Latina, turbas violentas foram organizadas contra os pentecostais e alguns crentes foram presos. Os missionários pentecostais acreditavam que

essas turbas haviam sido instigadas por padres católicos locais.²⁹ Como os Hoovers no Chile Vingren e Berg adotaram o Brasil como seu próprio país, a igreja cresceu como uma igreja brasileira desde o início. Vingren deixou claro que o trabalho se espalhou pelos brasileiros que “incendiaram” e o espalharam em outras partes do país, primeiro no interior da Amazônia, depois mais ao sul, pela ferrovia e pelo litoral. Como vimos, “não havia missionário lá quando o Senhor derramou seu espírito e começou uma grande igreja.”³⁰

A igreja resultante foi inicialmente chamada de Missão da Fé Apostólica, mas foi registrada em 1918 como Assembléia de Deus, mas não filiada à versão norte-americana. A denominação cresceu rapidamente, particularmente por meio de sua prática de oração pela cura. Tragicamente, Vingren deixou o Brasil em 1932 com câncer de estômago, mas o trabalho rapidamente se tornou completamente indígena. Muito cedo na história do pentecostalismo no Brasil, surgiram os missionários brasileiros. Os pentecostais de Belém começaram a evangelizar não somente a região amazônica, eles se espalharam para as grandes cidades do Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Em 1913, José Plácido da Costa deixou Belém e foi para o Porto, Portugal, o primeiro pentecostal lá para seguido por outro pentecostal de Belém em 1921, José de Mattos. Os pentecostais brasileiros enfatizaram a cura divina e o estabelecimento de igrejas nas cidades, onde houve notável expansão.

A denominação se espalhou por todos os estados do Brasil, um movimento indígena sem apoio financeiro ou pessoal de outros lugares além do apoio inicial de Vingren da Suécia e dos EUA. Lewi Pethrus em Estocolmo, um companheiro batista até 1913, foi um desses apoiadores. Os membros foram inicialmente recrutados nas camadas mais baixas da sociedade brasileira e o pentecostalismo atraiu brasileiros ameríndios, negros e mestiços (mulatos).

²⁹ *Word & Witness* 9:10 (Outubro 1913), p. 2; 10:3 (Março 1914), p. 4; *Latter Rain Evangel* 8:4 (Janeiro 1916), 14-6, 12:3 (Dezembro 1919), p. 11; *Weekly Evangel* 213 (3 Novembro 1917), p. 13.

³⁰ *Latter Rain Evangel* 8:4 (Janeiro 1916), p. 14.

Houve também uma antiga missão pentecostal no Rio de Janeiro, onde o galês James Roberts e sua esposa, que foram batizados no Espírito na Inglaterra, operavam um orfanato e realizavam cultos regulares de cura pela fé. Em 1915, eles relataram mais de 150 batismos e muitos “casos maravilhosos de cura” resultando em múltiplas conversões.³¹

O pentecostalismo na América Latina se tornaria um dos sucessos mais impressionantes da história das missões, certamente tudo isso aconteceu no início do século XX. Desde seus primórdios – bastante caótico, perseguido e frágil – esse movimento se tornou o maior movimento ‘protestante’ do Sul Global. A maior parte desse crescimento, no entanto, ocorreu na segunda metade do século XX. No ano 2000, eles constituíam possivelmente metade de todos os pentecostais ‘clássicos’ do mundo. Só o Brasil tinha uma das maiores populações de pentecostais do mundo, com taxas de crescimento que não podem deixar de impressionar todos os observadores, simpatizantes ou não de seus métodos de expansão. Algumas das causas dessa notável mudança no cenário religioso da América Latina poderiam ser melhor compreendidas ou colocadas em um contexto histórico e religioso mais amplo através da história de seus primórdios.

³¹ *Flames of Fire* 34 (Janeiro 1916), p. 9.

DANIEL E SARA BERG

JAN-ÅKE ALVARSSON

O missionário pioneiro sueco no Brasil, Daniel Berg, nasceu Gustaf Daniel Högberg em 19 de abril de 1884 em Vargön, paróquia de Västra Tunhem no condado de Älvsborg. Os pais Gustav Verner Högberg (nascido em 1856) e Anna Fredrika Olsdotter (nascida em 1856) viviam então em Rånnums Storegård, onde também trabalhavam.

Os pais eram batistas, o que significava que Daniel não tenha sido batizado na igreja estatal luterana quando criança. Por causa disso, a criança passou a ser considerado um “pagão” pela população estritamente luterana de Vargön. A criança, dizia-se, não teria futuro fora da cidade.¹ A falta de uma certidão de batismo o impediria de progredir.

Um menino da mesma idade, também criado em uma família batista, Petrus Johansson (mais tarde Lewi Pethrus) tornou-se seu melhor amigo. Tocavam juntos e ambos começaram, aos dez anos, a trabalhar na mesma fábrica, mas em turnos diferentes. Desse modo, um trabalhava durante o dia e o outro à noite durante uma semana. Então eles mudaram de turno. Apesar disso, eles ainda encontravam tempo para brincar juntos, por exemplo, para serem “selvagens”.²

¹ Brita Lidman, *Hedningen från Vargön* (Estocolmo, Suécia: Förlaget Filadelfia 1945, pp. 5 f.

² Brita Lidman, *Hedningen från Vargön* p. 6.

Seu amigo Petrus descreveu-o bem mais tarde como “grande e extraordinariamente poderoso”. “Sem medo, ele também era como poucos. Nenhum dos jovens locais era tão ousado e confiante na água quanto ele. Em nossos pátios de recreio nas encostas de Hälleberg, ele demonstrou força mental e bravura excepcionais. Ele deu muitos exemplos do fato de que a aventura estava em seu sangue.”³

Aos quatorze anos, Daniel experimentou uma conversão pessoal e aos quinze, em 1899, foi batizado nas águas entre os batistas de Rånnum, como era então chamada a comunidade de Vargön. O amigo Petrus também foi batizado nesta ocasião. Portanto, ambos os jovens seguiram a fé batista de seus pais.

Aos dezoito anos, Daniel tomou a decisão em 1902 de imigrar para os Estados Unidos. Em seguida, o sobrenome também foi simplificado de Högberg para Berg. Ele acompanhou um amigo próximo a Providence Township, na Pensilvânia. Lá conseguiu um emprego de tratador de cavalos em uma fazenda. Mas ele não gostou muito do trabalho, então tentou carpintaria e alvenaria antes de conseguir um emprego em uma fundição de aço em Pittsburgh, no mesmo estado. Seu próximo emprego foi na fundição de aço por cinco anos antes de decidir começar em uma empresa de frutas.

Quando chegou 1908, ele tinha feito tanto dinheiro que decidiu visitar sua cidade natal. Na ocasião ele tinha “muitos pacotes de presente em sua mochila.”⁴ O velho amigo, agora chamando a si mesmo de Levi Petrus [*sic*], tornou-se um ministro batista em Lidköping. Claro que ele iria procurá-lo. Quando se conheceram, Petrus lhe contou sobre seu batismo no Espírito em 1907 e fez com que Daniel se interessasse por essa experiência. “Eu quero isso também!” segundo o que ele teria dito.⁵

³ Lewi Pethrus, “Daniel Berg – En apostlagestalt” em *Julens Härold* 1963, pp. 3-21.

⁴ Brita Lidman, *Hedningen från Vargön*, pp. 14-5.

⁵ Pethrus, “Daniel Berg – En apostlagestalt”, p. 5. Cf. Brita Lidman, *Hedningen från Vargön*, p. 17.

De volta aos Estados Unidos, ele não encontrou uma congregação pentecostal em Pittsburgh, mas depois viajou para Chicago⁶ e visitou várias igrejas batistas de lá. Somente quando chegou à congregação pastoreada por William H. Durham é que encontrou o que procurava. A congregação de Durham, com muitos membros escandinavos, tornou-se uma “congregação pentecostal” quando o pastor teve sua experiência de batismo no Espírito na Rua Azusa, em Los Angeles, no início de 1907.

Foi aqui que Berg orou e esperou até receber seu batismo no Espírito. De acordo com Sven Lidman, foi um período extraordinariamente intenso de oração:

Daniel Berg orava de maneira diferente e vivia de maneira diferente com seu Deus. Às cinco da manhã saía de sua residência e às sete da noite voltava para casa do trabalho. Depois de se trocar e comer, ficou livre e começou a orar. Ele não orou apenas por minutos, ou mesmo por horas. Havia noites em que ele ficava em vigília em oração, então ele passava da noite de oração para o dia de trabalho. Ele orou para que Deus o batizasse no Espírito Santo, que Deus o fizesse um instrumento para si mesmo, que Deus lhe desse graça, poder e sabedoria do alto, para que ele pudesse sair como uma verdadeira testemunha do Senhor e ganhar almas a Jesus.⁷

Em 15 de setembro de 1909, ele finalmente pôde experimentar o tão esperado batismo do Espírito. Após essa experiência, Daniel deixou o emprego na empresa de frutas para poder “ganhar almas para Jesus” em tempo integral. Em Chicago conheceu Gunnar Vingren, um compatriota que imigrou para os Estados Unidos em

⁶ É aqui que a informação se desfaz. Segundo Brita Lidman, Berg trabalhou em uma empresa de frutas (em Chicago) antes de partir para a Suécia. Segundo Sven Lidman em “Fromma män och tomma händer” em *Människan och tidsandan* (Estocolmo, Suécia: Albert Bonniers förlag, 1932 pp. 101-16), esta empresa de frutas estava localizada em Chicago e Berg continuaram a trabalhar lá mesmo após seu retorno aos EUA. De acordo com Pethrus (“Daniel Berg –En apostlagestalt”), Berg retornou a Pittsburgh antes de viajar para Chicago.

⁷ Sven Lidman, “Fromma män och tomma händer”, pp. 103-4.

1903 e ali formou-se como pastor batista.⁸ Ele agora se tornaria o pastor de uma congregação em South Bend, Indiana, que fica a apenas alguns quilômetros a leste de Chicago. Em Gunnar, Daniel encontrou um amigo que compreendia plenamente suas aspirações espirituais.

Gunnar Vingren teve sua experiência de batismo no Espírito em Chicago, aparentemente na congregação de Durham. Em razão disso, Gunnar teve que se desligar de seu ministério na congregação conservadora onde ele era pastor. Entretanto, ele havia encontrado uma nova congregação em South Bend a qual também tinha recebido sua mensagem positivamente. Depois de um curto período de tempo, ele recebeu uma mensagem profética em uma reunião de oração lá. Em seu diário, ele escreveu o seguinte:

Um dia o Espírito disse ao irmão Adolf Ulldin palavras maravilhosas sobre coisas ocultas. Pelo Espírito, o irmão me disse que eu deveria ir a um lugar chamado Pará e testemunhar sobre Jesus para as pessoas de lá. Também ouvimos pelo Espírito a língua que ali foi falada.⁹

Como ninguém na reunião sabia onde ficava o local, Vingren foi no dia seguinte à biblioteca mais próxima para procurar um atlas. Com a ajuda de um bibliotecário, descobriu que Pará era o nome de uma cidade no Brasil. Ele tomou isso como um sinal de orientação divina e se preparou para viajar para lá.

Quando Daniel veio visitar South Bend, Ulldin recebeu outra profecia. Desta vez, a chamada também incluiu Daniel. Eles iriam para o Pará juntos.¹⁰ Após uma semana de oração, os dois amigos

⁸ Sven Lidman (“Fromma män och tomma händer”) afirma que eles se encontraram em “uma pequena congregação batista sueco-americana, onde também se pregou sobre o batismo do Espírito” (possivelmente a congregação de Durham) (p. 104). Brita Lidman (*Hedningen från Vargön*) afirma que os dois se conheceram em “uma conferência em Chicago” (p. 19).

⁹ Ivar Vingren, *Det började i Pará* (Ekerö, Suécia: MissionsInstitutet PMU 1994), p. 28. Veja também Jan-Åke Alvarsson, Olof Djurfeldt, Ivar Lundgren e Claes Waern, eds., *Pingströrelsen*, volume 2 (Örebro, Suécia: Libris 2007), pp. 140 ff.

¹⁰ Sven Lidman, “Fromma män och tomma händer”, p. 107.

decidiram aceitar o desafio. Eles viajariam juntos para o Brasil, apesar de falhas óbvias nos preparativos. Eles não tinham financiamento, nenhum sabia nada sobre o país e nenhum sabia uma palavra de português.

Quando eles apresentaram seus planos ao pastor Durham na congregação de Chicago, a liderança estava disposta a se apresentar como uma congregação de envio, mas não para fornecer qualquer apoio financeiro.¹¹ Eles tiveram que viajar por conta própria. Além disso, Gunnar sentiu a necessidade de doar seus últimos US\$ 90 na coleta para o jornal de Durham. O dinheiro que conseguiram em Chicago foi suficiente para a passagem de trem para Nova York. Portanto, a realização do plano parecia completamente impossível. Mas coisas estranhas aconteceram. Nas palavras de Gunnar:

Rapidamente encontramos um lugar para nossa bagagem, cada uma consistindo de uma pequena mochila. E nós partimos. Chegando a uma estação fronteiriça, onde iríamos trocar de trem, embarcamos em uma missão cujo líder nos convidou para vir e nos despedir antes de partir para o Pará. Não recebemos nenhuma oferta, mas o irmão líder disse que aqueles que quisessem nos ajudar em nossa viagem poderiam doar individualmente.

Quando olhamos para o que conseguimos, tínhamos mais do que precisávamos.¹²

Em 5 de novembro de 1910, os dois jovens, Daniel Berg e Gunnar Vingren, embarcaram em um vapor inglês com destino ao Brasil. Eles viajaram na terceira classe com conforto mínimo e comida ruim. Chegaram a Belém do Pará no dia 19 de novembro¹³ sem saber para onde estavam indo ou como poderiam começar a trabalhar. Daniel conta em carta sobre as primeiras semanas:

¹¹ Arthur Sundstedt, *Pingsträckelsen och dess genombrott* (Estocolmo, Suécia: Normans förlag 1971), p. 83.

¹² Carta de Gunnar Vingren a Sven Lidman, publicado em Sven Lidman, “Fromma män och tomma händer”, pp. 110-1.

¹³ Sundstedt, *Pingsträckelsen och dess genombrott*, p. 75.

Cada um de nós tinha sua própria mochila, isso era tudo o que tínhamos conosco. Enquanto caminhávamos por uma rua da cidade, chegamos a um parque e nos sentamos em um banco. Lá imploramos a Deus que nos mostrasse para onde ir, e depois de orar, andamos por outra rua, e lá encontramos alguns companheiros de viagem do barco. - - - Nós fomos lá (para o hotel dele) e lá vimos um jornal publicado por um ministro metodista. Este era americano - - - [e] ele nos seguiu até a igreja batista e nos apresentou ao ministro batista, que nos ofereceu para ficar lá o tempo que quiséssemos. Ficamos na igreja em um corredor escuro - - - [e] moramos lá por três meses. Enquanto isso, eu trabalhava durante o dia em uma fundição e nos sustentava parcialmente dessa forma, enquanto Vingren aprendia a língua e à noite ele me ensinava o que aprendia durante o dia.¹⁴

Daniel Berg trabalhou na fundição durante três meses e entretanto conseguiu poupar uma pequena quantia de dinheiro, cerca de 25 USD em valor monetário para esse tempo. Com esse dinheiro mandou buscar uma caixa de Bíblias em português e depois passou a viver de vendê-las no Pará. Ele recebia uma pequena comissão da Sociedade Bíblica para cada Bíblia que vendia. Nos primeiros três anos conseguiu distribuir 2.000 Bíblias, 4.000 Novos Testamentos e 6.000 exemplares dos quatro Evangelhos.

Depois de apenas seis meses, Gunnar e Daniel começaram a pregar em português. Uma mulher, Celina Albuquerque, tornou-se a primeira “pentecostal” nessa viagem missionária quando experimentou seu batismo. Quando surgiu oposição na pequena congregação batista contra a proclamação do batismo no Espírito, foi em sua pequena casa que os pentecostais se reuniram. No início havia 18 pessoas que foram excluídas da congregação e se reuniam lá regularmente.¹⁵

Mas não foi realmente a pregação que fez Berg e Vingren se destacarem no Pará, foram os repetidos milagres de cura.

¹⁴ Carta de Gunnar Vingren a Sven Lidman, publicada em Sven Lidman, “Fromma män och tomma händer”, pp. 112-3.

¹⁵ Brita Lidman, *Hedningen från Vargön*, pp. 43-5.

Inexplicavelmente, as pessoas foram curadas de todos os tipos de doenças, e a notícia se espalhou por toda a cidade. Logo se tornou um pequeno movimento pentecostal que recebeu o mesmo nome que os afro-americanos da Rua Azusa em Los Angeles deram às suas atividades, ou seja, *A Fé Apostólica*.¹⁶

Em um estágio inicial, Berg e Vingren não tiveram apoio externo. Não havia sequer uma coisa chamada “missão”. Berg e Vingren viviam da mesma maneira e nas mesmas condições que os outros membros das congregações. Nunca houve referências a qualquer “igreja mãe” na Suécia. Esta é provavelmente uma das principais razões pelas quais o movimento se tornou tão incrivelmente bem-sucedido ao longo do tempo: foi um movimento brasileiro desde o início.¹⁷

Quando Daniel Berg viajou bastante pelo Pará, começou a evangelizar nas redondezas. Para chegar sistematicamente às pessoas, e também para saber seu caminho, ele usou a mesma tática de seus amigos de rua Azusa: uma ferrovia. De Belém do Pará havia uma ferrovia até a cidade litorânea de Bragança. Daniel começou a andar nessa linha, visitando pessoas e distribuindo Bíblias. Com o tempo, os grupos de crentes cresceram e depois chamaram Gunnar, que organizou congregações e batizou pessoas. Mais uma vez, os milagres de cura foram importantes para o sucesso. Depois de alguns anos, havia 20 congregações ao longo da ferrovia.¹⁸ Em 1914, Otto e Adina Nelson chegaram ao Brasil vindos dos Estados Unidos. Mudaram-se para Bragança e lá alugaram uma casa com o Daniel. Depois de um tempo eles assumiram a responsabilidade pelo trabalho na cidade.

Quando Daniel viu que as congregações entre o Belém e Bragança eram autossuficientes, voltou-se para as ilhas do rio Amazonas. As pessoas viviam ali isoladas e em condições primitivas. Agora Daniel foi capaz de experimentar mais aventuras do que nunca. Ele viajou pelo rio de um lugar para outro. Às vezes era bem recebido. Às vezes,

¹⁶ A revista da Rua Azusa foi nomeada, como dito anteriormente, para *The Apostolic Faith* e a congregação para *The Azusa Street Apostolic Faith Mission*.

¹⁷ Veja Alvarsson et. al. eds., *Pingströrelsen*, volume 2, pp. 140-1.

¹⁸ Brita Lidman, *Hedningen från Vargön*, pp. 62-99.

foi recebido com hostilidade. Em vários lugares, o avanço veio através de um milagre de cura.

O que Berg e Vingren não sabiam quando chegaram ao Pará é que este era o estado mais pobre do Brasil. No Brasil, como em muitos outros países latino-americanos, o pentecostalismo tornou-se principalmente um movimento de reavivamento entre os pobres. Nas primeiras décadas de crise do século 20, esses pobres tinham que ser altamente móveis para ganhar e manter seus meios de subsistência. Isso se aplica não menos aos menos afortunados no estado do Pará. Muitas vezes eles tinham que se mudar, e então levavam a mensagem pentecostal com eles. Desta forma, o avivamento pentecostal se espalhou de cidade em cidade com velocidade impressionante. Dentro de alguns anos havia pequenas congregações pentecostais em todo o país.

Após pouco mais de três anos de trabalho no Pará, chegou a hora de Daniel visitar sua terra natal. Seu amigo de infância, agora chamado Lewi Pethrus, tornou-se pastor de uma pequena, mas crescente congregação em Estocolmo: a Igreja da Filadelfia. Em 6 de fevereiro de 1914, Daniel foi chamado para visitar a congregação. De acordo com a decisão da reunião da igreja, sua tarefa era “fazer uma apresentação sobre a missão no Brasil e arrecadar [fundos] relacionados com isso.” Um resultado concreto da visita de Berg foi que vários na congregação começaram a se preparar para um futuro como missionários no Brasil, outro foi que Berg e Vingren agora puderam receber alguns fundos para trabalhar no Pará e arredores.

Um terceiro resultado foi provavelmente que a relativamente nova revista *Brudgummens röst* publicou o primeiro relatório do Brasil este ano. Era um artigo de Gunnar Vingren.¹⁹ O segundo artigo foi escrito por Daniel após seu retorno ao Brasil, e intitulava-se “Brev från Brasilien” (Carta do Brasil), datada de “Bragança, Brasil, 4 de fevereiro de 1915” e começava com as palavras: “Meu amado irmão [O. L. Björk]” e com o típico louvor de Daniel: “O Senhor está conosco aqui em Bragança.” Segue-se então uma história dramática

¹⁹ *Brudgummens röst*, Dezembro 1914, p. 9.

de Capanema. Cerca de 100 pessoas, armadas com paus e pedras, atacaram o local. Daniel parou na porta para acalmar a situação. Mas não ajudou muito dessa vez. Quando os bastões bateram na porta, Daniel teve que escapar pela porta dos fundos do local.²⁰

Outro relato, datado de julho de 1915, é igualmente típico da maneira de Daniel ver a vida e se expressar:

Acabei de chegar de uma viagem. Estou ausente há 2 meses. O Senhor estava conosco e nos abençoou de maneira maravilhosa, portanto, glória seja ao Seu nome. O primeiro lugar que visitamos foi Afúa, uma pequena cidade, a 4 dias de barco do Pará.

Estivemos lá por um mês e testemunhamos do Senhor, e durante esse tempo houve 13 almas que se entregaram a Jesus e foram batizadas nas águas. Jesus também veio e batizou um irmão com seu Espírito Santo, e falou em novas línguas, que o Espírito lhe deu para falar.²¹

O que é importante para Daniel é constantemente repetido. É fazer com que as pessoas “se entreguem a Jesus”, “batizem as almas na água” e que sejam “batizadas no Espírito Santo”. Era importante fornecer uma estimativa razoável de sucesso. Portanto, as cartas para a Suécia contêm uma enumeração diligente do número dos salvos, o número dos batizados nas águas e o número dos batizados no Espírito, embora em alguns casos seja apenas uma pessoa.

A cooperação com os brasileiros é importante. Uma pessoa que é frequentemente mencionada é um ex-capitão do mar, Adriano Nobre. Foi evangelista da congregação batista de Belém do Pará, intérprete de Gunnar e Daniel nos primeiros dias, e que liderou o “êxodo” desta congregação.²² Ele tornou-se colaborador de Daniel nas ilhas do Amazonas e é colocado em pé de igualdade com os suecos e, por exemplo, também compartilhava dos presentes que

²⁰ *Brudgummens röst*, Número 4, Abril 1915, p. 56.

²¹ *Brudgummens röst*, Número 9, Setembro 1915, pp. 142-3.

²² Vingren, *Det började i Pará*, pp. 30-2.

eram enviados à obra no Pará.²³ Também está na primeira foto que Daniel envia para *Brudgummens röst*. Esta abertura aos colaboradores locais torna-se mais uma chave para o sucesso que o trabalho alcança ao longo do tempo.

Em agosto de 1915, Daniel envia um novo relatório à revista. Então ele “estivera fora por um mês” e evangelizava. Voltou a enfrentar dificuldades em Capanema:

Mas na última noite, quando eu estava de pé e conversando, os inimigos se reuniram do lado de fora da casa e começaram a atirar pedras no quarto onde eu estava. Duas pedras entraram, uma de cada lado de mim, mas nenhuma nos atingiu. O Senhor me deu forças para continuar e liderar a reunião.²⁴

Em 30 de novembro de 1916, ele escreve novamente para O. L. Björk que “ele está nas ilhas [no rio Amazonas] há dois meses e meio.” A partir daí ele fala sobre visitas a Apany, entre outras coisas:

Estivemos lá [em Apany] por um mês, e durante esse tempo batizei 47 almas na água, que em pouco tempo chegaram à fé em Jesus. Os enfermos foram curados através da oração e unção com óleo, e Jesus batizou 11 almas com seu Espírito Santo e fogo. Muitas imagens de santos também foram queimadas. Seu valor ultrapassou mil réis.²⁵

Em um Post scriptum ao artigo ele escreve: “Este ano pude batizar 98 almas na água”. Ele relata aqui a prova mais concreta de sucesso. O que acontece no coração de uma pessoa é difícil de estimar, mas um batismo nas águas significa uma expressão concreta de vontade. E *isso* pode ser quantificado.

Representações de santos católicos também são mencionadas no artigo. Aparentemente, mesmo em famílias pobres nessa época era comum ter imagens de santos na casa para saúde, bênção ou sucesso

²³ Sundstedt, *Pingsträckelsen och dess genombrott*, p. 56, Alvarsson et. al. eds., *Pingströrelsen*, volume 2, p. 143.

²⁴ *Brudgummens röst*, Número 7, Julho 1916, pp. 109-10.

²⁵ *Brudgummens röst*, Número 2, Fevereiro 1917, pp. 26-7. Milréis foi a unidade monetária no Brasil até 1942.

em algum aspecto. Alguns missionários eram abertamente hostis a essas imagens, mas Daniel Berg não era um deles:

Esse era o segredo de Daniel Berg: ele era um inimigo de todo cristianismo irreal, mas não enfatizava suas pinturas nem falava delas. Ele os esquecia de propósito, e ninguém mais se lembrou deles, até que chegou a hora de aboli-los. - - -

– O que fazer? alguns perguntaram. Como as imagens dos santos podem sair assim que você chega?

– Provavelmente é porque não os vejo, não os cumprimento e ainda assim os vi através deles, disse ele rindo. Eles são ar para mim, e então eles perdem sua magia.²⁶

Em 1917, Daniel estava cansado de depender de barcos pequenos e muitas vezes frágeis no rio Amazonas. Com fé, portanto, comprou uma barca para evangelização, que se chamava Boas Novas. Os membros da congregação no Pará fizeram uma coleta e depois fizeram um empréstimo do restante. Então um irmão vendeu parte de sua terra e Daniel conseguiu pagar a dívida.²⁷ Com a ajuda do barco da missão, ele pôde visitar as cidades ao longo do rio Amazonas e em seu delta com mais rapidez e segurança.²⁸

Em uma carta datada de 27 de setembro de 1917, Daniel resume: “Durante os últimos três anos em que estivemos aqui, o Senhor nos deu 10 novas congregações pentecostais nas ilhas”²⁹ O trabalho, portanto, produziu resultados. Mas os sucessos não vieram sem contratempos. Daniel sofria de malária e escreve: “Tenho febre há

²⁶ Brita Lidman, *Hedningen från Vargön*, pp. 70-1.

²⁷ Brita Lidman, *Hedningen från Vargön*, pp. 162 ff. A informação é baseada nas lembranças de Daniel Berg de 1944. Aqui, Vingren, *Det började i Pará*, p. 34, dá uma versão completamente diferente. Ele afirma que os fundos para o navio missionário foram coletados na Suécia durante a estadia de Vingren na Suécia 1916-1917.

²⁸ Um dos missionários que participou cedo de uma viagem missionária às ilhas do delta do rio Amazonas em Boas Novas foi Samuel Nyström em 1917. Enquanto Berg esteve na Suécia entre 1919 e 1920, Nyström também assumiu o comando do trabalho no distrito da ilha. Vingren, *Det började i Pará*, pp. 40-1.

²⁹ *Brudgummens röst*, Número 1, Janeiro 1918, p. 5.

muito tempo. Eu recebo a cada três dias.” Ele estava gravemente doente e foi morar com os Vingrens em Belém do Pará.³⁰

Mas Daniel não desiste. Ao resumir o trabalho durante 1917, ele escreve: “Este ano eu batizei 151 almas na água, e muitas delas receberam o batismo do Espírito Santo. Glória a Jesus por tudo!” Em maio de 1918, aproximadamente o mesmo relato é repetido, mas desta vez com a adição: “Ore por mim, para que, se for a vontade do Senhor, eu possa viajar para Estados Unidos e Suécia em setembro.”³¹ Daniel está exausto e quer descansar.

Em *Evangelii Härold* Gunnar Vingren completa a apresentação do trabalho de Daniel com detalhes adicionais:

Nas ilhas, onde o irmão Daniel Berg trabalha, os pecadores são salvos, os crentes são batizados no Espírito Santo e os doentes são curados. Lugar após lugar está se abrindo em todo o país para este maravilhoso evangelho e, portanto, há uma necessidade crescente aqui de obreiros cheios do Espírito Santo e meios para seu sustento, para que possam viver para o evangelho.³²

Em março de 1919, outro relatório aparece com o título “Brev frân Brasilien” (Carta do Brasil), onde Frida Vingren dá alguns dados adicionais sobre a obra de Daniel:

Agora temos Daniel e Otto Nelson aqui por um tempo. Daniel está bem agora, mas esteve muito doente. Em suas viagens, ele passa por muito sofrimento. Ele está feliz e diz “Glória a Jesus” por tudo. Durante uma viagem que fez há algum tempo, ficou gravemente doente com febre. Antes de ele sair daqui, nós íamos comer, mas ele não conseguiu comer por causa dos calafrios. Doente como estava, partiu à tarde em seu barco. Doente e emaciado, ele voltou para casa depois de uma viagem de dois meses. Agora, porém, louvado seja

³⁰ *Brudgummens röst*, Número 4, Abril 1918, pp. 63-4; veja carta datada de 21 de Dezembro de 1917: “Agora moro junto com o irmão Vingren e sua esposa Frida.” *Evangelii Härold*, No 14, 4 Abril 1918, p. 55.

³¹ *Brudgummens röst*, Número 4, Abril 1918, pp. 63-4 e Número 9, Setembro 1918, pp. 131-2.

³² *Evangelii Härold*, Número 1, 2 Janeiro 1919, p. 3.

Jesus, ele está totalmente recuperado. Ele é uma testemunha fiel do Senhor, que ganhou muitas almas para Jesus neste país.³³

Em julho de 1919, *Evangelii Härold* nos conta que: “Irmão Daniel Berg, Brasil, está agora a caminho da Suécia. Deixou o Brasil no dia 15 de junho em um navio inglês, chegando a Nova York no dia 29. Depois de uma breve visita às Estados Unidos, pretende, se Deus quiser, continuar a viagem de volta à Suécia. Que o Senhor o abençoe em sua jornada e o traga feliz para casa na Suécia!”³⁴

Nos EUA aproveitou para visitar sua ‘própria’ congregação em Chicago e de lá relata com seu jeito característico:

Eu quero deixar uma linha e deixar você saber que o Senhor está conosco e nos abençoa aqui. Louvado seja o nome do Senhor! Ele é o mesmo onde quer que vamos, e Ele trabalha da mesma maneira maravilhosa onde quer que Sua vontade seja obedecida. Aleluia! Estamos nos divertindo muito aqui em Chicago. Os pecadores são salvos, os filhos de Deus são batizados no Espírito Santo e os enfermos são curados. Aleluia!³⁵

Em 18 de janeiro de 1920, Daniel Berg foi anunciado na reunião matinal na Filadélfia Estocolmo junto com Lewi Pethrus.³⁶ Na semana seguinte, é anunciado na *Evangelii Härold* que Berg está “de volta à Suécia”. Claro, ele tem a oportunidade de dar um relato:

Durante os nove anos, junto com os irmãos, que tive a oportunidade de trabalhar lá nada menos que cerca de 1.200 almas se renderam a Deus e foram salvas. A maioria deles é batizada nas águas e muitos foram batizados pelo Senhor no Espírito Santo. Louvado seja Deus.³⁷

³³ *Evangelii Härold*, Número 13, 27 Março 1919, p. 51.

³⁴ *Evangelii Härold*, Número 29, 24 Julho 1919, p. 114.

³⁵ *Evangelii Härold*, Número 36, 11 Setembro 1919, pp. 141-2.

³⁶ *Evangelii Härold*, Número 2, 15 Janeiro 1920, p. 8.

³⁷ *Evangelii Härold*, Número 3, 22 Janeiro 1920, p. 10.

Segue-se uma série de compromissos em Estocolmo, mas também uma “conferência de Pentecostes” em Örebro em fevereiro e um “culto de edificação” em Skövde em maio.

Não está claro quando e onde ele conheceu sua futura esposa, *Sara Ahlberg* de Eskilstuna. Talvez tenha sido um contato antigo, talvez tenha sido algo espontâneo que surgiu entre eles, mas já em 1920 ele estava prestes a se casar, aos 36 anos. A noiva nasceu em 5 de agosto de 1896 em Karlskrona em Blekinge como Sara Sofia Lovisa Ahlberg. Portanto, ela tinha 24 anos e 12 anos mais nova que Daniel. Seu pai, Gustaf Albert Eriksson Ahlberg (nascido em 1861), trabalhou como guarda na Penitenciária de Tjurkö, nos arredores de Karlskrona, enquanto sua mãe, Amanda Sofia Nilsson, (nascida em 1863) era dona de casa.

Sara foi salva em 1915 e batizada na água no mesmo ano, possivelmente em Eskilstuna. Em conexão com seu batismo em 1916, ela experimentou um chamado especial para trabalhar para a missão no exterior. E o Brasil era, naturalmente, uma opção.³⁸

É assim a própria Sara fala, por ocasião de sua viagem ao Brasil, sobre suas experiências espirituais: Dado que as fontes disponíveis falam muito pouco sobre Sara Berg, reproduzimos seu testemunho *in extenso*.

Nasci de novo em 21 de janeiro de 1915. Aquele dia realmente se tornou uma nova vida para mim, algo que eu não havia imaginado antes. Bendita realidade, para ser salvo! No entanto, nunca foi minha intenção que eu fosse batizado, mas quando Jesus me mostrou a importância de dar esse passo, os velhos preconceitos caíram e me foi dada a graça de seguir Jesus até o túmulo batismal em 21 de junho do mesmo ano.

No entanto, minha alma imediatamente implorou por mais de Jesus, então pedi a ele para preencher o que parecia tão vazio em meu coração. Louvado seja Deus, ele também ouviu minha oração, embora na época eu não entendesse que era o poder do Espírito Santo, porque ninguém havia me ensinado. Mais tarde conheci um

³⁸ Vingren, *Det började i Pará*, p. 41.

evangelista, que me falou sobre o batismo do Espírito. Então comecei a procurar ansiosamente por esta experiência abençoada, e louvado seja Jesus, quem procura encontra. Jesus me batizou no Espírito Santo em 6 de abril de 1916.

Foi uma coisa maravilhosa, e desde então tive muitas experiências maravilhosas na companhia do meu Jesus. Eu também tive que lidar com muita oposição em minha vida, mas se Deus é por nós, quem pode ser contra nós?

A partir do momento em que o Senhor me batizou em Seu Espírito Santo, senti um claro chamado para a missão no exterior, embora não soubesse para onde Deus me enviaria. Então me ocorreu uma ideia: você também pode trabalhar na Suécia. Por isso, imediatamente depois eu solicitei a admissão no Lar da Mulher da Bíblia (*bibelkvinnobem*) de Elsa Borg, mas quando me candidatei a uma vaga depois de terminar o curso, Deus deixou claro para mim que eu deveria deixar a Sociedade dos Batistas. Quando dei esse passo e entrei na congregação livre de Eskilstuna (*Eskilstuna fria församling*), Deus me chamou para ir ao Brasil.

Muitas provas passaram desde então, mas tudo contribuiu para minha formação espiritual, e hoje tenho grande confiança de que o Senhor, que me ajudou até agora, continuará cumprindo suas promessas. Louvado seja o seu nome!

Agora sou grato a Deus por estar pronto para sair aos meus amados brasileiros com a mensagem de salvação completa. Ore a Deus por mim, para que eu possa aprender o idioma logo, para que logo eu possa me tornar uma bênção! Deus ouve a oração.³⁹

Daniel e Sara ficaram noivos em Oskarshamn em 28 de maio de 1920 e se casaram em Estocolmo em 29 de julho de 1920. Juntos,

³⁹ *Evangelii Härold*, Número 47, 25 Novembro 1920, pp. 188-9. Sob o título “Fria missionärer till Brasilien” (Missionários livres para o Brasil), nove missionários a caminho do Brasil são apresentados, incluindo Daniel e Sara Berg, bem como seus testemunhos. O texto de Sara é acompanhado por este comentário: “Como mencionado acima, a Irmã Berg está saindo agora como esposa de Daniel Berg, para continuar, junto com o marido, a luta, que já travava há dez anos, pela salvação dos brasileiros. Que Deus os abençoe e os faça uma rica bênção por lá.” O autor do texto (e possivelmente o editor) é Edwin Tallbacka, um escritor diligente em *EH*. [Paragrafar é meu. Completamente ausente em *EH*.]

eles tiveram três filhos: Eva *Elisabet* ('Lisbeth') nascida em 1 de abril de 1925, *David* Gustav em 11 de março de 1929 e *Debora* Margareta em 14 de setembro de 1932. Sara foi designada como missionária para o Brasil na congregação de Salem em Eskilstuna no domingo, 8 de agosto, pouco mais de uma semana após o casamento.⁴⁰ O casal então usou o endereço dos editores de *Evangelii Härold* como seu endereço (Didrik Ficks gränd 3 em Estocolmo).

No dia 20 de novembro, Daniel e Sara viajaram para o Brasil junto com vários outros missionários. Depois de passar algum tempo nos Estados Unidos, onde Sara adoeceu, eles chegaram um pouco tarde ao Pará em 21 de março de 1921. Foi também lá que inicialmente ficaram e dividiram uma casa com seus companheiros missionários. Sara estava lá, junto com Frida Vingren, encarregada de ajudar cerca de trinta pessoas pobres com alimentos. Todos os dias elas ficavam com panelas e conchas e preparavam comida para os menos afortunados da cidade.⁴¹

Logo, no entanto, os Bergs se mudaram para Afúa, no distrito da ilha amazônica. Lá eles construíram uma casa sobre palafitas. O primeiro relatório do Brasil em *Brudgummens röst*, assinado por Sara e Daniel Berg, é datado de 6 de abril de 1921. Nele, eles falam de uma nova barca missionária com vela e motor.⁴² O navio, como seu antecessor, chamava-se Boas Novas.

Os Bergs trabalharam em Afúa junto com Ingrid e Ester Andersson. Eles viajaram com eles em 1921. Ingrid e Ester também atuaram como substitutas na barca missionária quando os Bergs precisavam descansar em Belém do Pará. Mais tarde, Nels J. Nelson juntou-se e tornou-se aquele que assumiu a responsabilidade pela missão do rio quando os Bergs partiram no ano seguinte.

Em 1922, o casal Berg sentiu que era hora de se mudar para o sul do país, para a cidade de Vitória, no Espírito Santo, junto com um

⁴⁰ *Evangelii Härold*, Número 31, 5 Agosto 1920, pp. 121, 124.

⁴¹ Vingren, *Det började i Pará*, p. 168.

⁴² *Brudgummens röst*, Número 6, Junho 1921, p. 96.

aluno da escola bíblica daquele ano no Pará.⁴³ Em setembro do mesmo ano, recebem a visita de sua colega Elisabeth Johansson de Pernambuco, que observa “como às vezes é terrivelmente difícil levar um evangelho completo a um povo preso pelos terríveis laços do catolicismo.”⁴⁴

É possivelmente a resistência massiva que fez com que o casal Berg se mudasse para Santos no estado de São Paulo já em maio de 1924, junto com o evangelista Pedro Trajano.⁴⁵ Um grupo de crentes pentecostais, que se mudaram para lá do Recife, já havia iniciado uma obra em 1923. Os Bergs continuaram essa obra e no início de 1925 foram visitados por seus amigos os Vingrens, que vieram testemunhar tanto milagres de cura quanto conversões no povo.⁴⁶ Em Santos, o casal Berg também tem sua primeira criança, uma menina chamada Elisabet (‘Lisbeth’).⁴⁷

Quando os Bergs tiveram que retornar à Suécia em 1926 porque Daniel contraiu malária, Simon e Linnea Lundgren assumiram o trabalho em Santos e lá permaneceram até 1930. Em 10 de março de 1926, os Bergs chegaram a Gotemburgo e em abril ambos foram apresentados na Igreja Filadélfia em Estocolmo.⁴⁸ Seguiu-se uma longa série de reuniões e participação em conferências em vários lugares. De Malmö é relatado em dezembro que “o missionário Daniel Berg também nos fez uma visita querida e deu testemunho da obra milagrosa de Deus no Brasil. É muito encorajador ouvir o que Jesus está fazendo em diferentes países.”⁴⁹ Em junho de 1927, Daniel participa com uma reportagem sobre o Brasil na conferência

⁴³ *Evangelii Härold*, Número 25, 22 Junho 1922, p. 99.

⁴⁴ *Evangelii Härold*, Número 15, 12 Abril 1923, p. 176.

⁴⁵ *Evangelii Härold*, Número 20, 15 Maio 1924, p. 240.

⁴⁶ Vingren, *Det började i Pará*, p. 64; *Evangelii Härold*, Número 15, 9 Abril 1925, p. 185.

⁴⁷ *Evangelii Härold*, Número 20, 14 Maio 1925, p. 255.

⁴⁸ *Evangelii Härold*, Número 14, 8 Abril 1926, p. 182; Número 15, 15 Abril 1926, p. 191.

⁴⁹ *Evangelii Härold*, Número 50, 16 Dezembro 1926, p. 634.

chamada K olingaredsveckan.⁵⁰ L  ele também recebe uma coleta extra de 600 corocas suecas.⁵¹

Em agosto de 1927   hora de uma reunião de despedida na Filadélfia Estocolmo. Daniel conta, como sempre, o que muitos dos ouvintes já ouviram, sobre pioneirismo, aventuras e dificuldades. Mas Sara tem uma escolha diferente de tema: “Irmã Sara Berg falou sobre o trabalho missionário no Brasil especificamente para mulheres. Nossa irmã expressou sua grande alegria por poder ir trabalhar no Brasil, que se tornou tão querido para eles”⁵²

Em setembro de 1927, o casal Berg conseguiu retornar a Santos. Durante esse período, eles não precisavam se preocupar com as finanças pessoais. Então, o casal Berg havia recebido total apoio missionário.⁵³ Mas dinheiro não é tudo. Em outubro, a família sofre uma tragédia quando a filha Elisabeth, de pouco mais de dois anos, morre. Em uma carta   Suécia, datada de “Santos em 18 de outubro de 1927”, que carece da exclama o confiante de Daniel e, portanto, provavelmente foi escrita por Sara, aprendemos o seguinte:

Com profunda dor, quero informar a você e aos outros irmãos que Jesus chamou nossa pequena e amada Elisabeth ontem à noite às quinze para as três. Ela ficou doente por apenas 4 dias com diarreia sanguinolenta muito grave, que tirou sua vida. Essa doença está acontecendo agora mesmo aqui em Santos. Há muitos que estão doentes, e vários morreram. Sentimos uma perda e dor infinitas e profundas por nossa amada pequena Elisabeth, que esteve conosco por tão pouco tempo. Ela está agora com Jesus, mas   tão pesado para nós termos perdido nosso amado, e não podemos entender o que Jesus quer dizer com isso. Está tão vazio atrás dela. S  estamos

⁵⁰ A grande conferência de verão do movimento pentecostal, agora ‘Nyhemsveckan’ (A semana de Nyhem).

⁵¹ *Evangelii H rold*, Número 28, 14 Julho 1927, p. 354.

⁵² *Evangelii H rold*, Número 34, 25 Agosto 1927, p. 427. (No artigo é dito que foi feita uma oferta ao Congo e ao Brasil que trouxe a incrível marca de 3.600 corocas suecas, uma quantia enorme na época.)

⁵³ Vingr n, *Det b rjade i Pará*, p. 121.

aqui há um mês a partir de amanhã. Ore para que Jesus nos ajude em nossa grande dor!⁵⁴

Não sabemos por que os Bergs decidiram deixar o Santos, se a perda de Elisabeth desempenhou um papel. Mas pouco tempo depois, já em 15 de dezembro, eles se mudaram para a capital do estado de mesmo nome. Lá eles colaboram novamente com seu velho amigo Adriano Nobre. São Paulo já tinha mais de 870 mil habitantes e era a maior cidade da América do Sul. Os Berg começaram a “ter reuniões em diferentes casas e em praças e parques” e em 1929 conseguiram formar uma congregação. No ano seguinte, 1930, esta congregação tinha 140 membros.⁵⁵

Nesse período, em 11 de março de 1929, Sara e Daniel puderam se alegrar por terem tido mais um filho, um certo consolo pela perda da pequena Elisabeth. Ele se tornou um menino chamado David. Quando Daniel escreve uma carta para a Suécia, ele também diz olá do “pequeno David.”⁵⁶

Enquanto Sture Andersson segue para seu campo missionário na Argentina, ele aproveita para visitar os Bergs em São Paulo. Do seu relatório, deduzimos o seguinte:

Na segunda-feira, a convite de Daniel Berg, pudemos visitar seu ótimo local de trabalho na cidade de São Paulo, que fica a duas horas de trem de Santos. Esta cidade tem pouco mais de 1.000.000 de habitantes. Há também uma pequena congregação, que tem atividades regulares em locais alugados desde a chegada dos irmãos Berg. A região de São Paulo, incluindo Santos, parece ser um campo muito aberto para o evangelho.⁵⁷

⁵⁴ *Evangelii Härold*, Número 47, 24 Novembro 1927, p. 598.

⁵⁵ *Evangelii Härold*, Número 22, 31 Maio 1928, p. 342; Número 23, 7 Junho 1928, p. 363. Vingren, *Det började i Pará*, p. 66.

⁵⁶ *Evangelii Härold*, Número 18, 2 Maio 1929, p. 287 (David nascido) e Número 39, 26 Setembro 1929, p. 617. Esta carta termina com “Saudações à sua querida família, bem como a todos os irmãos de todos nós e do pequeno David.”

⁵⁷ *Evangelii Härold*, Número 3, 17 Janeiro 1929, p. 39.

Nos dias 17 e 18 de dezembro de 1929, alguns pastores brasileiros reuniram-se em Natal, no estado do Rio Grande do Norte, para discutir a situação que agora surgia no movimento pentecostal brasileiro. Embora houvesse pastores brasileiros desde o início da obra, agora eram os missionários suecos que, em virtude de seu status e recursos financeiros, tinham responsabilidade geral em todos os estados. Isso causou descontentamento e, para não causar divisão, foi convocada uma conferência na mesma cidade de 5 a 10 de setembro de 1930. Cerca de vinte pastores vieram do lado brasileiro e quase todos os missionários do lado sueco, incluindo Daniel Berg. Gunnar Vingren também esteve na Suécia e convenceu o pastor na Filadélfia Estocolmo, o líder não oficial do movimento pentecostal, Lewi Pethrus, a participar.⁵⁸

Pethrus foi pragmático e quando os pastores brasileiros indicaram que discutiriam se os missionários deveriam ou não ficar, ele propôs transferir a gestão da obra para os estados do norte, onde o movimento Assembleias de Deus já estava relativamente bem estabelecido. Os missionários suecos podiam ir a lugares no sul onde ainda não havia atividade pentecostal. Isso obviamente surpreendeu os pastores e imediatamente o clima melhorou e a conferência continuou em uníssono.

A entrega acabou por ser um golpe de gênio. Em 1930, as Assembleias de Deus no norte contavam com cerca de 14.000 membros e depois se espalharam um pouco também para o sul do Brasil. Dez anos depois, o movimento contava com 40 mil membros no país.

Não se sabe se a decisão da conferência, a perda de Elisabeth ou o fato de se sentirem “finalizados” influenciou o casal Berg a preparar uma viagem à Suécia, mas em carta enviada por Daniel sugere que é principalmente saúde de Sara o que determina o tema:

O irmão Daniel Berg anuncia [8 de junho de 1930] que sua esposa ainda está muito doente, então eles devem deixar o campo. A

⁵⁸ Arthur Sundstedt, *Pingstväckelsen och dess utbredning* (Estocolmo, Suécia: Normans förlag, 1972) pp. 287-8.

congregação [na Suécia] também decidiu que eles podem retornar e foi enviado dinheiro para a viagem, então esperamos, com a ajuda de Deus, vê-los aqui em breve.⁵⁹

Quando o velho amigo de Daniel, Lewi Pethrus, deixou o Brasil no final de setembro⁶⁰ e voltou para a Suécia, o casal Berg também foi. Entre 1930 e 1932, o casal Berg viveu na Suécia. São poucos os vestígios deles nesse período, consistindo principalmente em anúncios de reuniões e relatórios de recursos arrecadados para a construção de igrejas em São Paulo e sua própria manutenção. Os relatos deste último são um pouco difíceis de interpretar, mas é possível que reflitam as frequentes viagens de pregação de Daniel na Suécia.⁶¹ Se isso for verdade, indica um longo caminho a percorrer para criar as condições, em parte para completar a tarefa já mencionada, para construir uma sala de reuniões em São Paulo, e em parte para preparar a nova missão que sentem que será em Portugal. A julgar pelos nomes dos lugares, a Småland, região coberta pelos pentecostais, parece ter sido um lugar particularmente bom para a fomentar recursos econômicos. Às vezes, a presença de Sara Berg também é anunciada, por exemplo, em Hjorthagen no dia de Lucia, domingo, 13 de dezembro de 1931, o que também sugere que ela está bem novamente.

Através do relatório regular de G. E. Söderholm da Conferência Bíblica semanal de Kölingared (*Bibelstudieveckan i Kölingared*), sabemos oficialmente pela primeira vez sobre os novos planos dos Bergs, e possivelmente também como eles surgiram. Apareceu ali um português com raízes brasileiras, José de Matos, que conhecia Daniel Berg há muito tempo e que em 1921 foi enviado como missionário da congregação de Pará para Portugal.⁶² Durante a viagem de Lewi Pethrus ao Brasil em 1930, ele e de Matos se conheceram em Lisboa.

⁵⁹ *Evangelii Härold*, Número 37, 11 Setembro 1930, p. 626.

⁶⁰ Pethrus chegou a Gotemburgo em 4 de outubro e foi recebido na Filadélfia Estocolmo em 8 de outubro. *Evangelii Härold*, Número 39, 25 Setembro 1930, p. 665 e Número 40, 2 Outubro 1930, p. 682.

⁶¹ *Evangelii Härold*, Número 35, 27 Agosto 1931, pp. 602-3.

⁶² Vingren, *Det började i Pará*, p. 42.

Pethrus então levantou algum apoio financeiro de Estocolmo e convidou-o para vir a Suécia para a conferência semanal de Kölingared em 1931. Aparentemente, de Matos reencontrou os Bergs na Suécia e reclamou da falta de missionários pentecostais em sua terra natal:

Uma cordial saudação estende-se à Conferência do único irmão pentecostal atuante em Portugal, José de Matos. Este homem residiu no Brasil como um incrédulo e foi ganho para Deus lá pelo irmão Daniel Berg, depois do qual ele retornou à sua terra natal, Portugal, para tentar espalhar o evangelho da verdadeira salvação lá. E desde então ele trabalhou lá por vários anos com muitas bênçãos e também viu um fruto maravilhoso de seu trabalho.

Agora ele estava muito feliz porque seu pai espiritual, o irmão Berg, e sua esposa se sentiram chamados para trabalhar em Lisboa, capital de Portugal. Foi para ele uma resposta maravilhosa à oração de Deus.⁶³

Aqui vemos a primeira informação de que os Bergs estão planejando um esforço missionário em Portugal. Aparentemente, ambos os cônjuges já se recuperaram o suficiente e também julgaram que são mais necessários lá do que no Brasil. A questão da linguagem certamente também desempenha um papel. Embora as variantes sejam um pouco diferentes, o português é falado em ambos os países.

Mas os preparativos levam tempo. Muitos missionários experimentaram que é difícil mudar de campo, especialmente quando estão tão fortemente associados a um país, como os Bergs com o Brasil. Daniel já havia quase alcançado um status lendário na Suécia. As histórias de suas dificuldades na selva amazônica, contadas primeiro por ele mesmo, mas depois contadas repetidas vezes por outros, eram inúmeras. Daniel era o único amigo de infância de Lewi Pethrus no corpo missionário. Neste ano o próprio Sven Lidman

⁶³ *Evangelii Härold*, Número 26, 25 Junho 1931, p. 458.

publica um ensaio de homenagem em um de seus livros na editora de Albert Bonnier.⁶⁴

Aproximadamente um ano após a Conferência de Kölingared, em 13 de junho de 1932, Sara e Daniel escrevem o primeiro relatório da capital de Portugal, Lisboa. Eles acabaram de chegar lá e foram recebidos por José de Matos e um missionário sueco recém-chegado, Eric Carlsson. Eles também conseguiram um lar temporário enquanto esperam para decidir em qual cidade começarão a obra.⁶⁵

Depois de algum tempo em Lisboa, os Bergs decidem que o Porto, a segunda maior cidade de Portugal, será o seu próximo destino. Localiza-se na zona norte do país, na costa atlântica, junto à foz do rio Douro. Nessa altura, o Porto tinha cerca de 200.000 habitantes. Caracterizava-se então pela sua localização estratégica junto ao Atlântico e era uma importante cidade portuária. É também no Porto que Sara e Daniel têm o terceiro filho, uma menina. Ela nasceu em setembro de 1932 e seu nome é Debora.⁶⁶

Em outubro, Jack e Karin Hårdstedt também chegam a Portugal. Em menos de um ano, o número de missionários pentecostais no país se multiplicou por cinco. Os Hårdstedts instalam-se na capital Lisboa.

Em dezembro de 1932, os Bergs escrevem um relatório para a Suécia do Porto:

No mês passado pudemos orar com cerca de 30 almas, que se entregaram a Jesus em nossas reuniões, e a maioria continua vindo e está feliz e contente por esta gloriosa salvação, que receberam de Jesus. Glória ao Seu nome! Nossa pequena sala fica tão cheia a cada reunião que grande parte do nosso público tem que ficar do lado de fora. Ore para que Jesus em breve nos dê um local maior.⁶⁷

⁶⁴ Sven Lidman era considerado na época um dos maiores escritores da Suécia. Há rumores de que ele seria admitido na Academia Sueca, e se ele não tivesse se tornado um pentecostal em 1921, é provável que ele teria sido.

⁶⁵ *Evangelii Härold*, Número 27, 7 Julho 1932, p. 472.

⁶⁶ *Evangelii Härold*, Número 39, 29 Setembro 1932, p. 670.

⁶⁷ *Evangelii Härold*, Número 2, 12 Janeiro 1933, p. 27.

No relatório, os Bergs também abordam um problema recorrente no trabalho missionário, ou seja, roupas enviadas da Suécia. Com razão, os doadores enviam roupas usadas, o que muitas vezes causa mais problemas do que ajuda. Na reportagem que segue a carta citada, diz-se o seguinte: “Aos amigos, que costumavam se interessar em mandar roupas, etc. aos missionários, o irmão Berg aconselha que então é muito melhor enviar alguns centavos extras, porque o custo da alfândega será tão alto que pode ser impossível para os missionários resgatar os envios.”

Em 13 de maio de 1933, chega um novo relatório da família Berg, que agora é composta por quatro pessoas. Reproduzimos aqui uma seção que dá uma ideia da atividade, que obviamente contém elementos tanto espirituais quanto sociais:

Sentimos que estamos no lugar onde o Senhor quer nos usar. Alugamos um espaço pequeno, com capacidade para cerca de 70 pessoas, e o temos lotado para quase todas as nossas reuniões. No ano passado tivemos o batismo duas vezes, quando um total de 9 almas foram batizadas. No dia 30 de abril deste ano tivemos o prazer de batizar 6 irmãos felizes no Rio Douro. Foi um dia maravilhoso para nós. Uma grande multidão de pessoas se reuniu na margem do rio e ouviu a palavra do Senhor, e acho que a ordenança do batismo causou uma boa impressão na maioria dos que estavam lá. Louvado seja Deus!

Há uma grande diferença entre trabalhar aqui e no Brasil. As pessoas aqui têm uma natureza completamente diferente; mesmo assim, é mais caro morar aqui. As pessoas são muito pobres, então temos que ajudar constantemente um ou outro. Foi tão bom ter o que trouxemos conosco da Suécia, mas agora não temos nada além do essencial, então agora temos que comprar o que é necessário. Adorariamos vestir algumas crianças para o auge do verão. Talvez alguém ou alguns na Suécia gostariam de nos ajudar. Há uma miséria incrível aqui entre as pessoas, tanto espiritual quanto física.⁶⁸

⁶⁸ *Evangelii Hårold*, Número 22, 1 Junho 1933, p. 393.

Em 28 de junho de 1933, o companheiro pioneiro de Daniel, Gunnar Vingren, morreu de câncer. Não se sabe quando Daniel e Sara souberam isso, mas deve ter sido um choque. Agora Daniel é o único que representa a primeira geração de missionários no Brasil.

A 16 de novembro chega o próximo relatório de Portugal. Ele é inesperadamente sincero, talvez influenciado pela morte do amigo, e conta-nos que o pequeno grupo, que estava no Porto quando Berg chegou, se separou e o trabalho estagnou até certo ponto. “Todo mundo queria ser um líder”, eles escreveram. Mas há um pequeno grupo que eles esperam que “cresça em Cristo”. Os Bergs têm duas Escolas Dominicais junto com o trabalho regular, e muito tempo e recursos também são investidos em atividades sociais. Os fundos que eles trouxeram da Suécia se esgotaram e agora eles só contam com o apoio deles. Particularmente, é trabalhoso porque eles não podiam pagar uma cozinha, mas ainda cozinhavam toda a comida em um fogão improvisado. Eles também não têm condições de comprar um fogão para aquecer a casa, e o inverno está chegando. Quando o relatório está sendo escrito, a temperatura externa caiu até 10 graus.⁶⁹

Por um tempo, os Bergs tiveram a ajuda do colega missionário Eric Carlsson no Porto. Mas quando ele deixou o país em 1934, Lisa e Holger Bäckström vêm em seu auxílio. Eles são novos missionários e gostariam de trabalhar em conjunto com os Bergs.⁷⁰

A 5 de agosto de 1935, Daniel Berg escreve um novo relatório do Porto e arredores. Como vários outros missionários que trabalharam em países católicos, ele destaca que: “A luta é acirrada entre essas pessoas. Claro, haverá muitos que dobrarão seus joelhos, mas, infelizmente, tão poucos serão verdadeiramente salvos!” Ele então fala de intensa atividade espiritual com reuniões quase todas as noites, trabalho em postos avançados e continuidade da escola dominical. Eles também tiveram que implementar um e outro batismal. Entremeadado nas informações sobre a atividade espiritual, vislumbra-

⁶⁹ *Evangelii Härold*, Número 51, 21 Dezembro 1933, pp. 871-2.

⁷⁰ *Evangelii Härold*, Número 35, 30 Agosto 1934, pp. 616-7.

se também o compromisso social. Mais uma vez, é Sara Berg quem trata da situação das crianças:

Sara está agora ocupada comprando roupas para as crianças pobres que frequentam a escola dominical. — Precisamos de cerca de 300 coroas suecas para esse fim, porque pensamos que, se possível, podemos vestir 35 crianças. Mas há 40 crianças, todas com extrema necessidade de roupas. Conseguiremos o que for necessário, desde que haja fundos disponíveis, e então faremos uma distribuição para o Natal.⁷¹

Em dezembro de 1935, o diário secular *Dagens Nybeter* publicou uma reportagem sobre o Porto e a obra de Sara e Daniel Berg. A reportagem descreve a atmosfera da localidade e é surpreendentemente positiva, razão pela qual é reproduzida aqui *in extenso*:

PORTUGAL em dezembro.

Se alguém pega a linha 6 numa tarde de domingo na Praça da Liberdade, o grande centro do Porto e os grandes bancos, e pede ao motorista que o deixe na Rua da Prelada, então é claro que está ali para assuntos eclesiais. Se realmente acontece que o motorista não esquece sua missão, vemos também que onde descemos - quase na periferia da cidade - há uma pequena igreja branca. Passamos por esta, no entanto, porque bem ao lado, na fachada de uma casa, vemos a placa 'Assemblea de Deus'.

Lá dentro está Daniel Berg, o grande e poderoso missionário da Filadélfia, falando palavras de fogo no mais puro português para uma plateia de portugueses muito, muito pobres. Um lugarzinho luminoso, limpo e amigável com flores frescas em todos os vasos. Mas embora o espírito de Lewi Pethrus se mova pela sala, nada de extraordinário acontece lá. Pequenos gemidos decentes e aleluias saem linda e autenticamente das gargantas, e apenas um intermezzo muito insignificante ocorre quando, após a pregação do Sr. Berg, chega-se ao canto do salmo. Pois então é costume que a própria

⁷¹ *Evangelii Härold*, Número 37, 12 Setembro 1935, pp. 682-3.

congregação proponha o que quer cantar, e é proposto com muito temperamento.

“Tivemos muita resistência”, diz o Sr. Berg após o término do ato. “Mas agora nosso movimento é reconhecido e protegido pelo Estado. Significa muito aqui. Agora ninguém quebra nosso letreiro ou quebra as vidraças. Normalmente, isso pode acontecer em países católicos, onde os evangelistas ousam aparecer. Podemos ter nossa pequena igreja em paz. Sim, eu tive que procurar por um longo tempo antes de encontrar este lugar.

Faço reuniões aqui quase todos os dias. Eu prego e ensino as pessoas a conhecerem a Bíblia. Quem quiser é então batizado no rio, o rio Douro. Mas então eu tenho que excluir muitos da congregação, é um capítulo triste. Porque os portugueses são atores, isso é certo.

Estive anteriormente no Brasil por muitos anos. Lá, porém, era mais fácil ganhar almas. Mas esses sacerdotes! Ouça-me: um dia vi um padre que ia batizar duzentas crianças. *Duzentos*. Ele queria ter 15 mil réis para cada criança batizada. Um pai pobre não tinha 15 mil réis e também não podia emprestar essa quantia, apesar de um grande esforço. O menino teve que ir para a perdição. Eles são durões e seu maior crime continua sendo negar a *Bíblia* às pessoas. Os padres católicos temem que as pessoas leiam esse livro. Você sabe que os padres aqui *queimam* bíblias? Pilhas de Bíblias são queimadas.”

Nada mais diz o missionário Berg, que é um homem de poucas palavras, exceto quando está no púlpito, é claro. Mas você ainda pode ouvir muito na cidade. Por exemplo, o fato de os portugueses estarem realmente muito impressionados, para não dizer espantados, com o trabalho abnegado que o missionário Berg e a sua mulher estão a fazer no Porto pelos pobres. Algo assim nunca foi visto antes por um pregador. Os próprios sacerdotes [católicos] certamente não são impopulares aqui como, por exemplo, na Espanha, mas as pessoas sabem que a Igreja é separada do Estado e que o clero deve ganhar sua própria renda. *Tome* em vez de dar. Os portugueses também não se incomodam nem um pouco com a visão de clérigos descansando em cafés e bares até tarde da noite, para não mencionar as casas de jogo. Eles também precisam ganhar algo.

Mas alguns deles às vezes são vistos ao sol na Praça da Liberdade, elegantes como encantadores de variedades, cantarolando de alegria e entrando sorratamente no Banco Espirito Santo.

Peder⁷²

Curiosamente, este foi o último relatório dos Bergs em Portugal. Algo surpreendente aparece então na *Evangelii Härold*, em maio de 1936, uma simples mudança de endereço: “Nosso endereço agora é: Änggatan 5, Vänersborg. Telefone 760. Daniel e Sara Berg.”⁷³ Daniel está então de volta à sua terra natal. Vargön, onde nasceu, é hoje considerado um subúrbio de Vänersborg.

É surpreendentemente tranquilo para o casal Berg durante este período, possivelmente eles estão cansados após o ano em Portugal. São poucos os avisos de que, por exemplo, eles participam de reuniões ou conferências. Mas há uma grande exceção. O ano de 1936 é a época das Assembleias de Deus no Brasil comemorarem seu 25º aniversário.⁷⁴ As tensões entre pastores e missionários nacionais acabaram. Agora os brasileiros querem convidar os pioneiros e homenageá-los. Gunnar Vingren morreu há três anos, então o único que resta é Daniel Berg. Ele foi convidado da Suécia, junto com Samuel Nyström, que foi o missionário mais notável após a morte de Vingren. Quando os convidados iam fazer seus discursos, Daniel teve a oportunidade de falar primeiro e na foto oficial da conferência ele está sentado na frente.⁷⁵

Na conferência de outono da Filadélfia, em Estocolmo, a partir de 16 de setembro de 1936, Daniel pôde fazer um relato de sua visita ao Brasil. Ele então disse que foi “muito maravilhoso e emocionante” estar de volta ao Pará. A congregação em Belém havia crescido para 1.700 membros. Além disso, tinha conseguido visitar Bragança e o

⁷² Relatório no *Dagens Nyheter* em Dezembro de 1935, reproduzido em *Evangelii Härold*, Número 3, 16 Janeiro 1936, p. 43.

⁷³ *Evangelii Härold*, Número 21, 20 Maio 1936, p. 430.

⁷⁴ Vingren, *Det började i Pará*, p. 82.

⁷⁵ *Evangelii Härold*, Número 34, 20 Agosto 1936, p. 691; Número 35, 27 Agosto 1936, pp. 714-5.

trabalho nas ilhas do delta do Amazonas, onde iniciou o seu trabalho um quarto de século antes. Havia agora um grande número de congregações com líderes brasileiros. Em um relatório escrito, ele acrescenta que Sara “está muito mais forte agora”, sugerindo que ela teve uma longa convalescença, possivelmente explicando o relativo silêncio do casal.⁷⁶

Nos anos que se seguiram, o casal Berg ficou relativamente quieto novamente. Daniel se anuncia várias vezes ao ano em vários lugares, sempre como “missionário Daniel Berg”. Durante esse período, o endereço também muda de Vänersborg para “Bredden, Rotebro” nos arredores de Estocolmo, onde o próprio Lewi Pethrus tinha uma pequena fazenda.

No entanto, o ano de 1944 foi diferente. Em 19 de abril, Daniel completou 60 anos e foi celebrado por Lewi Pethrus, Sven Lidman e várias outras figuras pentecostais importantes.⁷⁷ No mesmo ano, a descrição de Brita Lidman sobre o primeiro ano de Daniel no Brasil também foi publicada sob o título enganoso *Hedningen från Vargön* (O pagão de Vargön), com uma capa inicialmente criticada que fez pensar em um livro juvenil barato, mas recebeu elogios por sua conteúdo inspirador.

Nos anos seguintes, volta a haver silêncio sobre a família. As crianças crescem, vão para a escola e a Segunda Guerra Mundial atrapalha. Mas quando as condições se estabilizam após a guerra, os Berg começam a pensar em retornar ao Brasil. Em 1949 torna-se uma realidade. Daniel tem então 65 anos, Sara 53 e os filhos David 20 e Débora 17.

Haverá uma reunião de despedida em 11 de abril e partida em 25 de abril de 1949. Em nota de despedida somos surpreendidos por uma citação de Sara:

⁷⁶ *Evangelii Härold*, Número 37, 10 Setembro 1936, pp. 756-7; Número 40, 1 Outubro 1936, pp. 812-3; Número 42, 15 Outubro 1936, p. 852; e Número 43, 22 Outubro 1936, pp. 879-80.

⁷⁷ Veja *Evangelii Härold*, Número 14, 6 Abril 1944, p. 324.

“O tempo na Suécia e na congregação aqui foi maravilhoso em todos os sentidos, mas quantas vezes desejamos ir ao nosso amado Brasil!”

Foi assim que a Sra. Sara Berg interpretou os sentimentos dela e do marido em sua sexta viagem ao Brasil depois de 13 anos longe do Brasil.⁷⁸

Na saída, eles fazem uma breve visita ao antigo campo missionário em Portugal e, em maio, chegam a Santo André, cidade do na região metropolitana de São Paulo, que será sua nova base. No final do ano, eles enviam um relatório para a Suécia onde dizem que “Desde que chegamos aqui da Suécia, vimos mais de 200 almas entregues a Jesus em diferentes lugares, e muitos doentes foram curados por Jesus, e crentes foram batizados no Espírito Santo.”⁷⁹

Quando Daniel completa 70 anos em 1954, ele reaparece em *Evangelii Härold*. Sua atividade se resume em que “ele viaja pelas cidades e prega o evangelho”. O pastor de Estocolmo, Allan Törnberg, o chama neste contexto de “colportor”, uma forma de atividade que caracterizou seu trabalho desde o início.⁸⁰

O nome de Daniel Berg agora tem status quase de culto e a família é visitada por muitos que viajam para ou pelo Brasil. O casal Byrén, a caminho da Bolívia, chama-o de “emigrante sem meios de subsistência”, mas também diz que ele recebeu recentemente uma “pequena pensão” da Suécia, da qual vive a família. A sua obra caracteriza-se de forma semelhante à anterior: “distribui folhetos”.⁸¹

Ele é entrevistado pela rádio IBRA do movimento pentecostal na Suécia em 1956 e Erik Sjöström afirma tê-lo encontrado “entre pilhas de jornais” em 1957 (na Suécia?). Em 1959, recebemos mais notícias

⁷⁸ *Evangelii Härold*, Número 18, 5 Maio 1949, p. 314. Na Suécia, na época, as mulheres eram sistematicamente discriminadas. As mulheres geralmente são listadas apenas como “Senhora” com o nome do marido. Os esforços das mulheres são recebidos com silêncio na maioria dos casos.

⁷⁹ *Evangelii Härold*, Número 1, 5 Janeiro 1950, p. 7.

⁸⁰ *Evangelii Härold*, Número 14, 8 Abril 1954, p. 16; Número 16, 22 Abril 1954, p. 7 e Número 25, 24 Junho 1954, p. 10.

⁸¹ *Evangelii Härold*, Número 29, 21 Julho 1955, p. 6.

de São Paulo. Mais tarde ficamos sabendo que Daniel, entre outras atividades, visita regularmente a “prisão de Santos”. Ele diz que não tem uma congregação específica que ele lidere ou trabalhe. Seu esforço é espalhar o evangelho em tantos lugares quanto possível. Ele também admite que “agora estamos envelhecendo.”⁸² Ele tem então 75 anos.

Em 1960 Assembleias de Deus comemora 50 anos. Então, é claro, Daniel Berg é convidado como o primeiro convidado. Ele é premiado com uma medalha de ouro e um diploma das assembleias brasileiras. O estado de São Paulo permite que ele viaje de graça na malha ferroviária de São Paulo pelo resto da vida! Uma escola leva seu nome.⁸³ As homenagens não vão acabar.

A família ainda é “residente em São Paulo” e, por conta da conferência, recebe a visita de Ivar Vingren, filho mais velho do falecido colega Gunnar Vingren, e do novo diretor na Filadélfia Estocolmo, Willis Säwe.⁸⁴ Alguns anos depois, em 1962, *Evangelii Härold* escreve sobre Daniel como “o velho, mas sempre ativo.”⁸⁵

Em setembro de 1962, Daniel finalmente desiste. Ele sente que ficou muito velho e cansado e a família volta para a Suécia. Ele tem então 78 anos e, na verdade, só tem mais um ano de vida. Ele e Sara fixam residência temporária em Norrbackagatan 5 na Congregação de São Mateus (S:t Matteus församling), Estocolmo. Ele morreu lá em 27 de maio de 1963. Willis Säwe escreve o seguinte obituário:

Em memória

Segunda-feira, 27 de maio de 1963, às 19h20, o missionário Daniel Berg faleceu pacificamente em seu lar temporário em Estocolmo.

Ele é uma figura quase lendária, que assim deixou para sempre a luta terrena. Ele nasceu em 19 de abril de 1884 em V. Tunhem. Em 12 de fevereiro de 1899, foi batizado na capela batista de Vänersborg.

⁸² *Evangelii Härold*, Número 30, 23 Julho 1959, p. 7

⁸³ Alvarsson et. al. eds., *Pingströrelsen*, volume 2, p. 143.

⁸⁴ *Evangelii Härold*, Número 18, 4 Maio 1961, p. 7; Número 49, 6 Dezembro 1962; Número 27, 6 Julho 1961, p. 12; Vingren, *Det började i Pará*, p. 124.

⁸⁵ *Evangelii Härold*, Número 27, 5 Julho 1962, p. 7.

Aos dezoito anos emigrou para a América do Norte, onde também era membro de uma congregação batista.

Depois de uma breve visita à sua terra natal, ele voltou em 1909 para os Estados Unidos, onde foi batizado e chamado por Deus para sair como missionário. A história de como ele e Gunnar Vingren, após uma semana de oração, receberam uma mensagem direta do Senhor de que deveriam ir para o Pará no Brasil é completamente apostólica.

Em 5 de novembro de 1910, Daniel Berg partiu com seu amigo para o Pará, onde desembarcaram em 19 de novembro do mesmo ano após uma viagem de navio terrivelmente difícil de Nova York para o norte tropical do Brasil. Assim começou uma missão aventureira e bem sucedida, que provavelmente não tem equivalente nos tempos modernos. Em constantes viagens e trabalho ininterrupto, sob perigos e ameaças de morte no clima tropical, entre animais selvagens e pessoas maliciosas, Daniel, “O Homem com a pasta da Bíblia”, perambulou e pregou, distribuiu Bíblias, ganhou almas e fundou congregações.

“De minha parte, considero o irmão Daniel um dos maiores missionários do Brasil”, escreveu seu companheiro Gunnar Vingren na época, “porque ele ganhou muitas almas para Jesus, mais do que todos nós!”

Cinquenta anos depois de organizar a primeira assembleia pentecostal em Belém do Pará, ocorrida em 18 de junho de 1911, Daniel Berg foi aclamado por centenas de milhares de jubilosos pentecostais no Brasil. Jamais esquecerei a grande reunião de aniversário em 25 de junho de 1961 no Estádio do Rio de Janeiro, onde se reuniram 40.000 pessoas. O idoso batalhador Daniel Berg recebeu uma grande medalha de ouro e um famoso diploma de pergaminho, no qual os irmãos brasileiros expressaram sua grande “gratidão pelo trabalho abnegado de Daniel no serviço evangélico, como pioneiro e fundador das igrejas pentecostais no Brasil, durante uma contínuo luta, sob perseguição e sofrimento indescritível, cheio de amor evangélico e zelo pela salvação do povo brasileiro.”

Hoje existem cerca de 1.500.000 pentecostais no Brasil. Que estranha confirmação da maravilhosa palavra do livro do Apocalipse: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora,

morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.”

Como pessoa, Daniel Berg era um homem extraordinariamente gentil e adorável. Ele não sabia o quanto desejava [para os outros]. Ele era tão naturalmente humilde e bom que toda a sua personalidade irradiava Cristo.

O anúncio da morte de Daniel Berg desperta perdas e dores não só no grande país do Brasil, mas também em Portugal, Suécia e toda a região nórdica. O enlutado mais próximo é sua esposa e companheira de vida, Sara, que está ao seu lado há mais de 40 anos, assim como seus filhos Deborah, casado com um novo sobrenome Schil, e David, morador de Belo Horizonte no Brasil, como bem como os netos.

Agradecemos a Deus pelo nobre, corajoso e bom Daniel Berg. Na longa lista de grandes pregadores evangélicos do Brasil, que nos últimos anos morreram para estar com o Senhor e que se conectaram de maneira especial com a igreja de Filadélfia em Estocolmo, ele sempre estará entre os primeiros

Paz em sua bela memória!⁸⁶

Sara viveu mais 18 anos após a morte de Daniel. Ela viveu em Trädgårdsvägen 94 em Sollentuna. E lá ela morreu em 11 de abril de 1981.

O Brasil tornou-se o terceiro país da América do Sul a ser alcançado pelo pentecostalismo. Hoje, é também o país com mais pentecostais se considerarmos o número total. É também, como mencionamos anteriormente, o país que possui o maior conjunto de denominações pentecostais do mundo, as Assembleias de Deus, o movimento que Gunnar Vingren e Daniel Berg iniciaram em 1911. Em 2020, 25 milhões de pessoas no Brasil foram estimadas como

⁸⁶ *Evangelii Härold*, Número 23, 6 Junho 1963, p. 2.

membros do movimento que abrange cerca de 100.000 congregações.⁸⁷

Hoje, Vingren e Berg estão tão próximos dos santos quanto pode ser encontrado em um movimento pentecostal. Eles aparecem em sites, em obras históricas e até como personagens de desenhos animados. Quando o movimento comemorou seu centenário em 2011 em Belém, havia atores que faziam os papéis de Berg e Vingren, que desembarcaram no porto de Belém e buscaram o famoso banco do parque. A outra lista de convidados do aniversário incluía líderes pentecostais da Suécia e dos Estados Unidos.⁸⁸ A memória de Berg é mais relevante do que nunca no Brasil.

Daniel Berg era, apesar de seu status icônico, um homem muito “simples”. Ele não era um grande pregador. Ele nunca foi um grande líder. Ele foi principalmente um “ganhador de almas” que provavelmente distribuiu mais Bíblias, partes da Bíblia e folhetos do que a maioria. Ele constantemente falava com as pessoas sobre seu relacionamento com Deus e criava respeito através de sua vida de doação.

Sabemos menos sobre Sara Berg, então também é mais difícil caracterizá-la. Mas pelo que sabemos, também aparece como uma pessoa modesta que coloca o melhor dos outros antes do seu. O fato de que ela desejasse retornar à vida pobre no Brasil depois de treze anos na Suécia fala muito. Ela sabia que a vida no campo missionário não seria fácil, nem prática nem financeiramente segura. No entanto, ela ansiava por mais uma vez compartilhar as dificuldades e sofrimentos com os pobres do Brasil.

Mesmo que as Assembleias de Deus não tivessem se tornado um grande movimento, os esforços de Daniel e Sara Berg teriam sido dignos de todo respeito e um exemplo de verdadeira vida cristã.

⁸⁷ Klas Lundström, Kajsa Ahlstrand, Jan-Åke Alvarsson e Göran Jansson, eds., *Svensk mission och kyrkorna som växt fram* (Skellefteå, Suécia: Artos och Norma Bokförlag, 2021), p. 584. As estatísticas são retiradas de *World Christian Encyclopedia* (2019).

⁸⁸ Informações do ex-pastor da Filadélfia Estocolmo Owe Lindeskär, que foi um dos convidados.

MISSÕES PENTECOSTAIS NO BRASIL

O CASO DO NORUEGUÊS G. LEONARD PETTERSEN *

DAVID D. BUNDY

A autobiografia de G. Leonard Pettersen,¹ missionário pentecostal norueguês de longa data na América do Sul, fornece uma base para refletir sobre o significado do trabalho dos missionários pentecostais escandinavos no continente sul-americano em um momento em que o crescimento surpreendente da tradição religiosa que eles plantaram nesse contexto é surpreendente e/ou assustador o resto do mundo cristão.² Embora geralmente seja negligenciado na discussão atual, a

* Uma versão anterior deste ensaio foi publicada como: David Bundy, "Pentecostal Missions to Brazil: The Case of the Norwegian G. L. Pettersen," *Norsk tidsskrift for misjon* 47 (1993), pp. 171-9. Publicado com aprovação.

¹ G. Leonard Pettersen, *Pinse over grensene* (Oslo: Filadelfiaforlaget, 1989). O autor pede desculpas por não citar estudos pentecostais brasileiros mais recentes. Muitos esforços na última década para comprá-los resultaram em nenhum livro chegando à minha mesa. Tenho recebido inúmeras cartas explicando que os livros são em português e que, portanto, não me interessaria. Explicações em contrário, redigidas em português, não produziram resultados. Espera-se que chegue o dia em que a erudição pentecostal em todos os países esteja disponível para eruditos pentecostais em todo o mundo

² Veja, por exemplo, David Stoll, *Is Latin America Turning Protestant?* (Berkeley: University of California Press, 1990); David Martin, *Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America* (Oxford: Blackwell, 1990). Este fenômeno está produzindo uma vasta quantidade de literatura. Para material mais antigo, veja as

herança de importantes segmentos do pentecostalismo latino-americano geralmente é atribuída à Noruega, Suécia e Dinamarca.³

Pettersen esteve intimamente envolvido com as igrejas pentecostais do Brasil e da Bolívia durante o período formativo de 1936-1965, quando esses grupos evoluíram de pequenos grupos sectários para movimentos religiosos populares. A autobiografia de Pettersen, colocada no contexto dos esforços da missão pentecostal norueguesa e sueca, fornece documentação para o papel das igrejas pentecostais europeias no desenvolvimento dessa tradição na América Latina. Sua peregrinação religiosa pessoal também é ilustrativa das questões que cercam as origens do pentecostalismo. Revela uma trajetória comum de muitos pentecostais desde a participação em redes de Santidade Radical até a participação em redes pentecostais.

Esta questão é importante, pois coloca em questão a interpretação dos avivamentos de Topeka da Rua Azusa como as fontes únicas do pentecostalismo. Também questiona a abordagem multicêntrica que argumenta que os avivamentos no Chile, nos EUA, na Índia e em

bibliografias ainda úteis em Barbara Boudewijnse, André Droogers e Frans Kamsteeg, editores, *Algo más que opio: Una lectura antropológica del pentecostalismo latinoamericano y caribeño* (Colección Sociología de la religión; San José: Departamento Ecueménico de Investigaciones, 1991), pp. 137-76. Para interpretações e bibliografia mais recentes, ver, por exemplo: Gabriel Tchongang, Véronique Lecaros, José Sanchez Paredes, editores, *Le Pentecôtisme: Racines et extension Afrique/Amerique latine* (Collection Religions du Sud; Paris: L'Harmattan, 2014); Martin Lindhardt, editor, *New Ways of Being Pentecostal in Latin America* (Lanham: Lexington Books, 2016); Amos Yong, Vinson Synan e Miguel Álvarez, editores, *Global Renewal Christianity: Latin America. Spirit Empowered Movements: Past, Present, and Future* (Lake Mary, Flórida: Charisma Media, 2016); Jair Fernandes de Melo Santos, *Christ Meets Culture: The Influence of Sociocultural Factors on the Translation of the Gospel in Brazil* (Eugene: Wipf & Stock, 2020); David W. Bebbington, *The Gospel in Latin America: Historical Studies in Evangelicalism and the Global South* (Waco: Baylor University Press, 2022).

³ Sobre as contribuições norueguesas para a missão pentecostal, ver o importante ensaio de Lisbeth Mikaelsson, "The Norwegian Foreign Mission: A Survey of Mission History with an Emphasis on Organization, Expansion, and Gender", em Jessica Moberg e Jane Skjoldli (eds.), *Charismatic Christianity in Finland, Norway, and Sweden: Case Studies in Historical and Contemporary Developments* (Leiden: E. J. Brill, 2018), pp. 49-77.

outros lugares foram erupções espontâneas do pentecostalismo em todo o mundo.⁴

A formação de um missionário

Foi aos 19 anos (1926) que Pettersen se tornou pentecostal.⁵ No entanto, a busca por uma espiritualidade mais intensa havia começado muito antes. Os pais de Pettersen eram membros do Exército da Salvação na Noruega e viviam em Sarpsborg quando ele

⁴ Há um debate entre os estudiosos do pentecostalismo sobre as raízes do pentecostalismo. Paul Fleisch, *Die moderne Gemeinschaftsbewegung in Deutschland* (Leipzig: H. G. Wallman, 1912), defendeu as raízes Wesleyanas/Santidades, assim como Vinson Synan, *The Holiness-Pentecostal Movement in the United States* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1971) e mais tarde, Donald Dayton, *The Theological Roots of Pentecostalism* (Studies in Evangelicalism, 5; Metuchen: Scarecrow Press, 1985). Edith Waldvogel Blumhofer, *The 'Overcoming Life': A Study of the Reformed Evangelical Origins of Pentecostalism* (Diss. de PhD não publicada. Universidade de Harvard, 1977) argumentou que suas raízes devem ser encontradas no evangelicalismo reformado dos EUA. Mais recentemente, os argumentos centraram-se na centralidade do reavivamento da Rua Azusa (1906) argumentado pela maioria dos estudiosos dos EUA, incluindo Cecil M. Robeck Jr., *The Azusa Street Mission and Revival: The Birth of the Global Pentecostal Movement* (Nashville: Thomas Nelson, 2006) para ser o *locus* central dos primórdios pentecostais, embora James R. Goff Jr., *Fields White Unto Harvest: Charles F. Parham and the Missionary Origins of Pentecostalism* (Fayetteville: University of Arkansas Press, 1988) insistiu na centralidade de Parham. Uma teoria de geração espontânea desenvolvida por Allan Anderson, *Spreading Fires: The Missionary Nature of Early Pentecostalism* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 2007) não leva em consideração distinções teológicas e litúrgicas cruciais entre os entendimentos pré-1906 e pós-1906 de “Batismo do Espírito Santo”. Ele está correto ao identificar as redes nas quais essas ideias foram transmitidas. Em um exame do desenvolvimento do pentecostalismo na Escandinávia, argumentou-se que o pentecostalismo evoluiu a partir dos Movimentos Radicais de Santidade à medida que gerações de buscadores após o Batismo do Espírito Santo buscaram melhor compreender e reexperimentar a espiritualidade no modelo do livro bíblico de os Atos dos Apóstolos: David Bundy, *Visions of Apostolic Mission: Scandinavian Pentecostal Mission to 1935* (Studia Historico-Ecclesiastica Upsaliensia, 45; Uppsala: Universitet, 2009), e, *idem*, “TB Barratt: From Methodist to Pentecostal”, *EPTA Bulletin* 13 (1994), pp. 19-49.

⁵ Pettersen, *Pinse over grensene*, p. 18.

nasceu, em 17 de maio de 1907.⁶ Lá eles ouviram pela primeira vez T. B. Barratt falar na Igreja Metodista Episcopal local de Sarpsborg, uma das poucas igrejas metodistas norueguesas a abraçar rapidamente a mensagem pentecostal de Barratt após seu retorno de Nova York, em dezembro de 1906.⁷ Em 1912, os Pettersens se mudaram para Oslo, onde a família continuou a trabalhar no Exército da Salvação. Foi em Oslo, com oito ou nove anos de idade (por volta de 1915), que Pettersen se lembra de ter uma visão na qual foi chamado para ministrar na América do Sul.⁸ Não somos informados sobre as circunstâncias dessa visão, exceto que ocorreu durante uma reunião de oração após um culto do Exército da Salvação, e é difícil determinar, na própria narrativa de Pettersen, o significado disso para suas atividades posteriores.

Pettersen continuou a se desenvolver no meio do Exército da Salvação, mas, obviamente, estava ciente da espiritualidade revolucionária promulgada por T.B. Barratt em Oslo. As relações entre Barratt e o Exército da Salvação estavam tensas desde os primeiros dias dos avivamentos pentecostais. Durante 1907, o líder do Exército da Salvação, Samuel Logan Brengel, chegou à Noruega e lutou frondosamente para impedir as deserções entre os adeptos do Exército da Salvação ao pentecostalismo.⁹

⁶ Oddvar Nilsen, *Ut i all verden: Pinsevevnenes ytre misjon i 75 år* (Oslo: Filadelfiaforlaget, 1984), p. 237.

⁷ Pettersen, *Pinse over grensene*, p. 21. Veja os comentários feitos em agosto de 1908 pelo ex-superior eclesiástico de Barratt, Bispo Episcopal Metodista, William Burt, “My Notes of European Conferences, June 1908 – July 1909.” Burt Papers, Arquivos Metodistas e Centro Histórico, Drew University, Madison, NJ: UB-BGM: OMC F1152: “O movimento Barratt parece não ter causado muita perturbação, exceto em Sarpsborg.” Para a perspectiva de Barratt sobre este período, ver T. B. Barratt, *In the Days of the Latter Rain* (Londres: Elim Publishing Co. 1928) e, *idem*, *Erindringer*, editado com Etterskrift por Solveig Barratt Lange (Oslo: Filadelfiaforlaget, 1941). Sobre os eventos que levaram à conversão de Barratt ao pentecostalismo, veja David Bundy, “TB Barratt: From Methodist to Pentecostal”, *EPLA Bulletin* 13 (1994), pp. 19-49; e, *idem*, *Visions of Apostolic Mission*, pp. 149-72.

⁸ Pettersen. *Pinse over grensene*, p. 23.

⁹ Clarence W. Hall, *Samuel Logan Brengel: Portrait of a Prophet* (Nova York: The National Headquarters, The Salvation Army, sd), pp. 232-8, *et passim*.

No entanto, como *Brengle*, foi dentro do Exército da Salvação, que Pettersen recebeu a instrução teológica e os exemplos de vida que facilitaram sua conversão ao pentecostalismo. Em 1925, seu amigo músico salvacionista, Ansgar Anonsen, tornou-se pentecostal. A conferência anual de verão de 1926 do Exército da Salvação celebrou o ministério do revivalista pietista Albert Lunde. O general Bramwell Booth, como líder da conferência, discutiu em detalhes a herança Wesleyana de Santidade da Inglaterra e sua encarnação no Exército da Salvação, exortando todos a assumir a vida de santidade em uma experiência religiosa pessoal, o “Batismo do Espírito Santo”. Isso intensificou a insatisfação de Pettersen com sua espiritualidade, provocando uma crise que seria resolvida com sua conversão ao pentecostalismo. Foi na casa de reuniões do Exército da Salvação em Arendal, após uma busca espiritual pessoal que durou dois ou três anos, que Pettersen experimentou o “batismo com o Espírito Santo”, conforme ensinado pelas igrejas pentecostais.¹⁰

Após essa experiência, Pettersen, de dezenove anos, deixou o Exército da Salvação e ingressou na Igreja Filadélfia de Barratt, em Oslo.¹¹ Sob a tutela de Barratt e de outros líderes das igrejas de Filadélfia e do peripatético evangelista inglês Smith Wigglesworth, as experiências de Pettersen no Exército da Salvação foram transformadas em ferramentas de um evangelista pentecostal. Ele viajou por toda a Noruega como um “trabalhador de missões domésticas” auxiliando no desenvolvimento dos novos centros pentecostais.¹² Por influência de seu amigo Mentz Østby, ele foi convidado a pregar na Suécia, onde logo foi convidado a ser pastor da Igreja Pentecostal em Arvika, Suécia, quando tinha “22 ½” anos em 1930.¹³

¹⁰ Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 24-5; ver também a discussão dos eventos que levaram a esta experiência, pp. 28-42.

¹¹ Pettersen, *Pinse over grensene*, p. 44.

¹² Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 47-57.

¹³ Pettersen. *Pinse over grensene*, p. 58.

Pettersen chegou à Suécia em um momento em que o incipiente programa missionário, embora muito bem-sucedido, caiu em desgraça com o líder carismático, inseguro, às vezes tirânico, Lewi Pethrus, o autoproclamado líder dos Movimentos Pentecostais Suecos. Pethrus pediu a A. P. Franklin que organizasse a Missão Livre Sueca (*Svenska Fria Missionen*). Seu sucesso e a consequente estatura de Franklin no movimento ameaçaram Pethrus, que precipitadamente destituiu Franklin e o forçou a deixar a igreja e a missão, a descontinuar como uma organização separada das igrejas pentecostais e ser reconstituída como um departamento da Igreja Filadélfia de Pethrus em Estocolmo.¹⁴ O resultado foi retardar o crescimento do programa missionário e das igrejas. No entanto, Pettersen como um estrangeiro pastoreando uma pequena igreja, não foi afetado pelas lutas pelo poder em Estocolmo. Sua reflexão sobre a missão, uma das condições *sine qua non* da autocompreensão pentecostal, continuou. Sua consciência foi elevada através da leitura do volume *Apostolisk väckelse i Brasilien* que comemorou os 25 anos do início do pentecostalismo no Brasil e por meio dos artigos de Lewi Pethrus no periódico pentecostal *Evangelii Hårld*.¹⁵

Para demonstrar sua preocupação com a missão após a arrelia sobre a Missão Livre Sueca, Lewi Pethrus viajou ao Brasil para presidir a Conferência Anual das Assembleias de Deus sediada em Natal, Brasil, de 5 a 10 de setembro de 1930. De lá, escreveu relatórios brilhantes e, primordialmente, confirmou a prática dos missionários pentecostais suecos que encorajaram o desenvolvimento comparativamente rápido e capacitação do

¹⁴ Sobre a controvérsia, ver Bertil Carlsson, *Organizations and Decision Procedures within the Swedish Pentecostal Movements* (Mariefred: np, 1974); Arthur Sundstedt, *Pingstväckelsen och dess utbredning* (Pingstväckelsen, 4; Estocolmo: Normans Förlag, 1972), pp. 55-82 (com textos completos de documentos cruciais); Rakel Fris, *Insyn i mina minnens värld* (Jakobsberg: Rakel och Rikard Fris fond för ytre mission och fångelsemission, 1973); e, Bundy, *Visions of Apostolic Mission*, pp. 446-63.

¹⁵ *Apostolisk väckelse i Brasilien* (Estocolmo: Filadélfia Förlaget, 1934). Ver também *História das Assembleias de Deus no Brasil*, ed. Abraão de Almeida, et al. (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1982) [Daqui em diante, Abraão de Almeida, et al., *História*].

ministério por brasileiros nativos. Significativamente, essa prática se encaixa bem com a eclesiologia congregacionalista modificada de Petrus, impedindo também qualquer missionário de estabelecer uma base de poder ali para ameaçar o *status* da Igreja Filadélfia em Estocolmo.¹⁶ Esse padrão de promoção da liderança indígena em igrejas estrangeiras, resultante de esforços missionários, forneceu a base a partir da qual o pentecostalismo poderia florescer no Brasil, e o congregacionalismo modificado (forte igreja central nacional ou regional com muitas igrejas quase dependentes relacionadas) explica muito sobre o desenvolvimento das estruturas do pentecostalismo eclesiológico no Brasil.¹⁷ Também foi eficaz em atrair missionários para o serviço com expectativas limitadas de autoridade pessoal.

Missionário no Brasil

A aprovação de Petrus no ministério indígena no Brasil, bem como as incríveis narrativas contadas no *Apostoliske väckelse i Brasilien* e *Evangelii Härold*, foram suficientes para estimular o sentimento de “chamado” ao serviço missionário. Meses de negociação levaram à nomeação de Pettersen para o Brasil sob a égide da Missão da Igreja Filadélfia. Ele partiu no final de 1936 para a América do Sul no navio “General San Martin”. Seu apoio financeiro veio tanto da igreja em Arvika, canalizada através da Igreja Filadélfia de Estocolmo, quanto da Igreja Pentecostal Norueguesa “Salen” em Ski.¹⁸

Quando Pettersen chegou ao Rio de Janeiro em 12 de janeiro de 1936,¹⁹ ele se juntou a um projeto missionário ao qual os recursos pentecostais suecos haviam sido comprometidos desde 1910 com a

¹⁶ Sundstedt, *Pingstväckelsen och dess utbredning*, pp. 287-94. A visita é mencionada mas não celebrada em Abraão de Almeida, *et al.*, *Historia*, p. 214; Bundy, *Visions of Apostolic Mission*, pp. 446-7.

¹⁷ Walter Hollenweger, *El Pentecostalismo: Historia y doctrinas* (Buenos Aires: La Aurora, 1976), pp. 119-62. Sobre o pentecostalismo inicial no Brasil, veja as memórias de um dos primeiros missionários pentecostais suecos, Daniel Berg, *Enviado por Deus: Memórias de Daniel Berg* (São Paulo: Assembleias de Deus, 1959).

¹⁸ Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 76-7.

¹⁹ Pettersen, *Pinse over grensene*, p. 78.

chegada de Daniel Berg em Belém, que logo se juntou a Gunnar e Frida Vingren.²⁰ Em 1914, eles podiam relatar batismos em determinadas cidades chegando a centenas de convertidos.²¹ Em 1930, havia mais de 16.000 brasileiros em 150 congregações fundadas pelos missionários suecos e seus colaboradores brasileiros.²² Estas foram organizadas em uma congregação de igrejas no padrão sueco, no entanto, empregando a versão em português do nome escolhido por alguns pentecostais norte-americanos e britânicos - Assembleias de Deus, - uma decisão que gerou grande confusão entre os demógrafos e as Assembleias de Deus dos EUA que, em alguns momentos, reivindica crédito à igreja brasileira, incluindo-as em seus totais denominacionais mundiais. Em 1940, havia cerca de 400.000 membros organizados em 1609 igrejas das Assembleias de Deus.²³

Após uma orientação inicial e algum estudo da língua, Pettersen tornou-se evangelista no estado do Rio Grande do Sul. Ele viajou muito antes de se estabelecer em Uruguaiana, onde, começando com um grupo inicial de 19 pessoas, fundou uma igreja em 1938. A partir desta cidade, ele continuou a evangelizar nas regiões fronteiriças entre Argentina, Brasil e Uruguai. Esta igreja continuou a florescer e no final da década de 1960 tinha mais de 10.000 membros.²⁴

²⁰ Ver o importante artigo de Jan-Åke Alvarsson, “Frida Vingren,” *Reflexões : Uma Perspectiva Pastoral e Eclesial 2:1* (2022), pp. 63-105, e, David Bundy, *Visions of Apostolic Mission*, pp. 352-5.

²¹ Arthur Sundstedt, *Pingstväckelsen och dess genombrott* (Pingstväckelsen, 3; Estocolmo: Normans Förlag, 1971), pp. 54-93, *et passim*; G. E. Söderholm, *Den Svenska Pingstväckelsens spridning utom och inom Sverige* (Supplement till den Svenska Pingstväckelsens Historia; Estocolmo: Förlaget Filadelfia, 1933), pp. 56-97. Para uma perspectiva brasileira, ver Abraão de Almeida, *et al.*, *Historia*.

²² Arthur Sundstedt, *Pingstväckelsen och dess genombrott*, p. 83; G. E. Söderholm, *Tjugo år under Guds trofasthet* (Estocolmo: Filadelfia Förlaget, 1939), p. 63.

²³ Hollenweger, *El Pentecostalismo*, p. 122. Sobre os esforços das Assembleias de Deus dos EUA para incluir o Brasil em suas estatísticas e reivindicá-lo como um campo missionário dependente, ver Hollenweger, *idem*, p. 126. Como Hollenweger sugeriu em 1976, “los pentecostais brasileños se consideran independientes [os pentecostais brasileiros se consideram independentes]”. Isso fica iminentemente claro nas narrativas de Abraão de Almeida, *et al.*, *Historia*.

²⁴ Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 80-7. Ver Abraão de Almeida, *et al.*, *Historia*, p. 332.

Pettersen não teve o prazer de acompanhar todo esse crescimento. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial na Europa em 1939, as tensões no Brasil entre as populações imigrantes forçaram alguns deslocamentos. Pettersen foi primeiro para Porto Alegre e depois para o Santa Maria, cuja localização central facilitava o acesso a todo o Estado do Rio Grande do Sul. Com a igreja fortalecida em Santa Maria, seguiu para a cidade vizinha de Casequi. Foi neste momento que então surgiu a necessidade de um deslocamento mais longínquo. Ele foi convocado (em 1943) para o exército norueguês e instruído a se reportar a Nova York. Permaneceu no serviço militar até 1945, quando pôde retornar ao Brasil.²⁵

No entanto, o tempo longe da igreja e da família não foi desperdiçado. Enquanto estava em Nova York, ele estabeleceu contato com a Igreja “Salen”, uma igreja de imigrantes noruegueses no Brooklyn com laços estreitos com a Noruega, então pastoreada por Harry Ring.²⁶ Ele estudou em detalhes, pela primeira vez, a história e as raízes da tradição pentecostal, com atenção especial ao avivamento galês. Esta pesquisa e estudo continuaram quando ele foi levado pela marinha norueguesa para a Inglaterra. Lá ele renovou contato com Smith Wigglesworth e conheceu outros líderes pentecostais ingleses. Em março de 1945 o encontrou no caminho de volta ao Brasil, após um hiato de dois anos, onde reencontrou sua esposa Ragna, que havia continuado o trabalho evangelístico e pastoral em sua ausência.²⁷

A rápida mudança da conjuntura do pentecostalismo no Brasil tornou impossível su reaparecimento, bem como assumir uma

²⁵ Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 86-8. Ver Abraão de Almeida, *et al.*, *Historia*, p. 327 (Porto Alegre) e p. 330 (Santa Maria).

²⁶ Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 89-99. Sobre a Igreja “Salen” no Brooklyn, ver Stanley Johannesen, “The Holy Ghost in Sunset Park,” *Historical Reflections/Reflexions Historiques* 15,3 (1988), pp. 543-77, que infelizmente não discute os anos da Guerra.

²⁷ Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 100-1. Encontrei poucas informações sobre Ragna Pettersen (1903-1983) que acompanhou o marido ao Brasil em 1936 e a Bolívia em 1953. Ver, Nilsen, *Ut i all verden*, p. 238.

posição anteriormente ocupada. Pettersens retornou brevemente à Noruega para visitar a família e considerar opções missionárias. De volta ao Brasil, enquanto ainda procurava direção, chegou uma carta convidando-o à co-pastorear uma igreja no Rio de Janeiro, juntamente com o pastor brasileiro José Pimentel de Carvalho. No início de 1946, a igreja tinha cerca de 1500 membros. Ao final de cinco anos (1951), havia 4.500 membros e uma rede de cerca de 100 centros de pregação/ministério na cidade.²⁸ Foi nesse período que ele escreveu seu primeiro livro, uma importante descrição dos desenvolvimentos que ocorrem dentro do pentecostalismo na América do Sul.²⁹

Em 1953, as Assembleias de Deus do Brasil aproximavam-se de 750.000 membros, e tinham estruturas de liderança, evangelismo e missão totalmente indígenas. Os Pettersens sentiram que poderiam ser mais úteis mudando-se para uma área menos evangelizada pelos pentecostais. A Bolívia foi escolhida e no final de 1953, Leonard e Ragna Pettersen mudaram-se para La Paz. Devido à deterioração de sua saúde, logo foram forçados a retornar à Noruega, entretanto, continuaram a ter contato com a igreja na Bolívia.³⁰

Pettersen também continuou a escrever sobre missões na América do Sul. Ele é co-autor de um capítulo muito importante para o volume que comemorou cinquenta anos de missões pentecostais norueguesas, descrevendo os desenvolvimentos e outros fatos importantes ocorridos no Brasil. O ensaio é revelador no que diz respeito aos próprios missionários e suas motivações, uma das quais era uma determinada desconfiança e medo do catolicismo romano, seguida de estratégias de missão.³¹ Um relato atualizado dos avanços do pentecostalismo na América do Sul foi publicado em 1966, que

²⁸ Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 105-10; Nilsen, *Ut i all verden*, pp. 85-6. Ver Abraão de Almeida, *et al.*, *Historia*, p. 217 a respeito de Pettersen no Rio de Janeiro.

²⁹ Leonard Pettersen, *Blant folkeslag i Sør-Amerika* (Oslo: Filadelfiaforlaget, 1947).

³⁰ Hollenweger, *El Pentecostalismo*, p. 122 *et passim*; Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 113-4 *et passim*; Nilsen, *Ut i all verden*, pp. 102-3.

³¹ G. Leonard Pettersen e Leif F. Andersen, “Brasil”, *Til jorden ender: Norsk pinsemisjon gjennom 50 år* (Oslo: Filadelfiaforlaget, 1960), pp. 245-64.

fornece uma importante análise das tendências e fatores do crescimento numérico naquele lugar, especialmente no Brasil e na América Central.³²

Pettersen pastoreou por alguns anos a Igreja “Betania” em Tønsberg, Noruega. Houve várias viagens ao Brasil que lhe permitiram manter amizades estabelecidas anteriormente e ministrar em locais onde trabalhou em momentos pretéritos.³³ Felizmente, ele forneceu o volume *Pinse over grensene* que registra detalhes e reflete sobre uma vida de serviço missionário no contexto das igrejas pentecostais norueguesas/suecas/brasileiras/bolivianas.

Conclusão

O trabalho missionário de Pettersen no Brasil é apenas um pequeno capítulo da missão escandinava geral e brasileira, em particular. A narrativa de seu envolvimento chama a atenção para a necessidade de estabelecer integralmente as contribuições de missionários pentecostais suecos e noruegueses, bem como finlandeses e dinamarqueses para o desenvolvimento do pentecostalismo, sendo a terceira maior unidade eclesial do cristianismo (cerca de 21,4% da total). Isso é especialmente necessário para a América Latina, onde essa presença e influência podem ser mapeadas. Isso não quer dizer que os missionários escandinavos foram a única influência. Desde o início, missionários suecos e noruegueses fizeram dos latino-americanos seus parceiros plenos na missão.

Essa falta de dependência de liderança e finanças estrangeiras resultou em um crescimento fenomenal. Na América Latina, de acordo com David Barrett, mais de 78.000.000 (23,57%) dos mais de 330.000.000 pentecostais em todo o mundo viviam em 1988. Os pentecostais compreendiam 19% de todos os cristãos na América Latina.³⁴ Na terceira edição da *World Christian Encyclopedia*, os editores

³² G. Leonard Pettersen, *Sør-Amerika, framtidens kontinent* (Oslo: Filadelfiaforlaget, 1966).

³³ Pettersen, *Pinse over grensene*, pp. 116-42.

³⁴ David B. Barrett, “Statistics, Global,” *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements* (Grand Rapids: Zondervan, 1988), pp. 816-7.

listaram, para 2020: 644.260.000 pentecostais/carismáticos em todo o mundo; para a América Latina 195.000.000 pentecostais/carismáticos ou 29,4% da população; para o Brasil, 108.000.000 pentecostais/carismáticos.³⁵ É importante compreender mais plenamente que existem múltiplas vertentes de heranças pentecostais na América Latina, incluindo a africana, escandinava, cingalesa, indiana, americana, britânica e também as missões entre as nações latino-americanas. A maioria delas se envolveu mais tarde com a história pentecostal brasileira. Compreender a parte da herança missional escandinava é essencial para compreender o fenômeno como ela se apresenta atualmente. São necessário mais trabalhos como o de Jan-Endy Johannesson nas missões pentecostais suecas na China, que estabelece a prosopografia, a extensão geográfica e as estruturas missionais para toda a era pentecostal pós-1906.³⁶

A trajetória individual de filiação religiosa exemplificada por Pettersen, originada de seu movimento do Exército da Salvação (a partir de contatos com os metodistas) ao pentecostal, é uma característica revelada pela pesquisa e relacionada aos primeiros líderes pentecostais escandinavos.³⁷ A mudança das afiliações da Santidade Radical para a Pentecostal é bem atestada em todo o mundo, especialmente para a primeira geração de pentecostais. No entanto, como convertido na segunda geração do pentecostalismo, a experiência de Pettersen indica a necessidade de continuar a análise dos processos de conversão nessa geração. Seu movimento de um contexto Wesleyano/Santidade para o Pentecostalismo e liderança

³⁵ Todd M. Johnson e Gina A. Zurlo, *World Christian Encyclopedia* (3ª ed.; Edimburgo: Edinburgh University Press, 2020), p. 6 (mundial), p. 15 (América Latina), p. 134 (Brasil). A metodologia é discutida, p. xvii

³⁶ Jan-Endy Iohannesson, *Dokumentation av Svensk Pingstmission i Kina 1907-1951* (Forskningsrapporter i missionsvetenskap, missionshistoria och missionsantropologi / Research Reports in Missiology, Mission History and Missionary Anthropology; Estocolmo: MissionsInstitutet-PMU, 1988) e a apresentação mais popular e muito abreviada em *idem, Sädd i mittens rike. Dokumentation av Svensk Pingstmission i Kina 1907-1951* (Estocolmo: MissionsInstitutet-PMU, 1988). Uma nova edição do volume anterior está em preparação.

³⁷ Bundy, *Visions of Apostolic Mission*.

dentro dessa nova arena foi típico ou atípico? Somente uma análise prosopográfica precisa das estruturas e redes de conversão permitirá certeza em relação a essas importantes questões.

A narrativa de Pettersen é uma das muitas que aguardam a atenção de historiadores do cristianismo e da missiologias. Espera-se que pesquisas adicionais sejam feitas para examinar a maior contribuição dos colegas noruegueses de Pettersen, bem como os de outros países escandinavos.

MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO

BASES NAS ESCRITURAS, IGREJA COMO COMUNIDADE RECONCILIATÓRIA E REVESTIMENTO PELO ESPÍRITO

LEONARDO MARCONDES ALVES

E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamos-vos, pois, da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus (2 Coríntios 5:18-20 ARC).

Introdução

Famílias desmoronando, falta de confiança, catástrofes crescendo, desconfiança diante dos desafios de saúde pública e violência política. Descrições do que no passado seria sentenciado como os efeitos de um “mundo sem Deus” é hoje a realidade tanto ao crente quanto ao indiferente à fé. Congregações e denominações amargaram-se com esse cenário e, em muitos casos, tornaram-se vetores de divisão. Nessas circunstâncias de desalento não precisa muito discutir sobre o diagnóstico sobre o estado das coisas atuais. No entanto, é necessário atentar-se aqui é sobre um ministério da Igreja: o ministério da reconciliação.

Como se verá, bíblicamente o ministério da reconciliação transforma um estado de inimizade e distanciamento em um estado de paz, alegria e justiça. Essa transformação reconciliatória ocorre nas relações pessoais e nos próprios atores. É a reconciliação interior, é a reconciliação fraterna entre pessoas e pessoas, entre a humanidade e criação, bem como entre criação e Deus. Aos que acharem audacioso dizer que na reconciliação Deus foi transformado: sim. E essa é a base da reconciliação. Foi com graça e verdade que Deus, a Palavra, tornou-se carne e habitou entre nós (Jo 1:14). Essa transformação divina afetou de tal modo que nos compele a não mais sermos indiferentes, passando de atentar cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros. Por isso, o Senhor tornou-se servo e compartilhou da humanidade (Fp 2:1-18).

Nesse artigo, fruto de uma hermenêutica contextual¹, apresento o ministério da reconciliação em três bases: as Escrituras, a Igreja e o Espírito.² Nas Escrituras apresento os fundamentos para entender o conceito de reconciliação segundo os ensinamentos bíblicos. No segundo ângulo, apresento a Igreja como comunidade de reconciliação com exemplos de práticas efetivadas na história eclesial. Terceiro, crendo que o Espírito Santo reveste de poder, apresento alguns recursos para equipar o ministério da reconciliação.

Escrituras

A escolha dos versos em epígrafe para a abertura deste artigo deve-se a uma anedota. Em uma animada conversa na qual estava tentando defender as posições de minha tradição denominacional, meu

¹ Para manter o foco do artigo, nas considerações finais apresento minhas escolhas metodológicas.

² Essa tríade é um modelo teórico para interpretação bíblica que, a meu ver, é também útil para a análise de fenômenos sociais dos quais envolvem a Igreja. Foi desenvolvido por Kenneth Archer, *A Pentecostal Hermeneutic for the Twenty First Century: Spirit, Scripture and Community* (Londres: T&T Clark, 2004), Amos Yong, *Spirit-Word-Community: Theological Hermeneutics in Trinitarian Perspective* (Londres: Routledge, 2002), J. Thomas, "Women, Pentecostals and the Bible: An Experiment in Pentecostal Hermeneutics." *Journal of Pentecostal Theology*, 1994, 2:41-56.

interlocutor disse que minha igreja era coríntiana – tanto em alusão ao time de futebol quanto as repetidas alusões das epístolas aos Coríntios para fundamentar nossas práticas de culto e nossas doutrinas. O apelido serve bem à cristandade atual: como a igreja de Corinto crentes vivem em uma atmosfera de ficcionalidade. Há desde disputas por picuinhas teológicas até uma vida congregacional magoada. Ainda que seja uma comparação injusta, é uma alerta: ser cristão não é se comportar como uma torcida de futebol em sua plena animosidade. E é nas epístolas aos coríntios que o tema da reconciliação é tratado com tanta profundidade quanto com grande clareza.³

Desse ponto de partida é importante atentar que o conceito bíblico de reconciliação envolve seus autores (pessoas, criação e Deus). Envolve, igualmente, atentar aos conceitos de ministério e de reconciliação. Passemos a eles.

O cerne das epístolas de Paulo à Igreja de Corinto é restabelecer a confiança reconciliatória. A dissensão era grande que se pode inferir que foram várias cartas trocadas entre os ministros de Corinto e Paulo.⁴ Ainda no século I, depois da era apostólica, continuaram as tensões da igreja nessa cidade que levou a circular uma exortação anônima chamada de Primeira Epístola de Clemente aos Coríntios.

Nos versos utilizados como porto de partida vemos que aqueles que experimentaram a obra reconciliadora de Cristo por sua vez são revestidos para o “ministério da reconciliação”. Quando nos atentamos para as nuances do texto grego, vemos que em 2 Cor 5:18, a palavra traduzida como ministério é diaconia, ou seja, é o serviço ao próximo pelo qual fomos confiados a mensagem de reconciliação (v.19). Adicionalmente, Deus mediante Cristo reconciliou consigo sua criação – o mundo. E essa passagem termina com um apelo do verso 20: “Em nome de Cristo, então – somos legitimados a falar

³ French Arrington, *The ministry of reconciliation: a study of 2 Corinthians* (Grand Rapids: Baker, 1980).

⁴ Sobre essa troca de cartas entre os coríntios e Paulo vide 1 Cor 5:9; 7:1; 2 Cor 2:4; 7:8–9.

como se Deus estivesse chamando através de nós – imploramos, em nome de Cristo: ‘Reconciliai-vos com Deus.’” (Tradução minha).

O ministério ou serviço da reconciliação atuante na Igreja resulta da obra reconciliatória divina.

Sob uma perspectiva cristã, toda a Bíblia é sobre reconciliação. “Isso inclui vocês, que antes estavam longe de Deus. Eram seus inimigos, separados por seus maus pensamentos e ações. Agora, porém, ele os reconciliou consigo por meio da morte do Filho no corpo físico. Como resultado, vocês podem se apresentar diante dele santos, sem culpa e livres de qualquer acusação” (Col 1:21-22 NVT). Por esses versos podemos imaginar que Deus torna a reconciliação possível. Sem sua presença teríamos apenas tréguas transitórias, mas não a paz que acompanha a reconciliação.

Pelos versos precedentes vemos que a reconciliação é vinculada com a obra expiatória da justificação. “Pois foi do agrado do Pai que toda a plenitude habitasse no Filho, e, por meio dele, o Pai reconciliou consigo todas as coisas. Por meio do sangue do Filho na cruz, o Pai fez as pazes com todas as coisas, tanto nos céus como na terra” (Col 1:19-20 NVT). A vinda de Jesus Cristo em carne permitiu que a humanidade alienada de Deus fosse confrontada e reconectada. Continua a Igreja – o corpo de Cristo – a confrontar o mundo com o evangelho e discipulado. Esse “incômodo” que a presença do corpo de Cristo, animado pelo Espírito Santo, provoca no mundo alienado é parte desse processo de reconciliação (Rm 5:1-11).

É um erro parar a mensagem bíblica da reconciliação no indivíduo. Antecipando profeticamente o cenário de fragmentação, estranhamento e alienação que seria o século XXI, o teólogo e historiador da Igreja Justo Gonzalez examinou os conflitos que serviam de pano de fundo para o livro do Apocalipse.⁵ Demonstra que essa mesma mensagem aplica-se hoje e possui uma amplitude social. No ministério da reconciliação vivemos juntos a justiça e cura que Cristo nos proporcionou.

⁵ Justo Gonzalez, *For the Healing of the Nations: The Book of Revelation in an Age of Cultural Conflict* (Maryknoll: Orbis Books, 1999).

A paz resultante desse processo reconciliador atesta a efetividade de uma genuína reconciliação. E essa paz não é o silêncio aterrorizante de um campo de batalha onde todos jazem destruídos. Não silenciar os oponentes, nem fomentar novas inimizades. Contrário disso, o conceito bíblico de paz – bem encapsulado na palavra hebraica *shalom* – remete à tranquilidade e à confiança⁶ de uma plenitude divina. É a paz alegre e festiva de que não temos o que temer, pois nossas inimizades já não nos afetam mais.

Reconciliação é uma paz restaurativa. Por vezes, é negligenciado o alcance semântico de termos como o hebraico *rapha* e o grego *soteria*, sendo simplificado nas traduções como respectivamente “cura” e “salvação”. Porém, *rapha* também transmite o sentido mais amplo de “restauração” e *soteria* também compreende noções de “cura” e “restauração”.⁷

Essa restauração é como duas pessoas muito próximas que agora estão brigadas. Mesmo que não haja duas pessoas que concordem em tudo, elas elegem xiboletes para criar dissensões. Param de falar uma com a outra. Em vez de conversar, elas começaram a trocar insinuações. As duas pessoas gradualmente se tornam estranhas. Nesse ambiente de suspeita abundam teorias de conspiração e acusações infundadas. Em seguida, as palavras de suspeita tornam-se mútua depreciação e insultos. Já não há mais confiança. Ato de exclusão seguem sob a justificativa de que o outro não pode ser verdadeiramente meu irmão enquanto se identificar com esse ou aquele grupo. A percepção do mundo passa a ser poluída por um filtro de animosidade. Surgem hostilidades cada vez mais violentas. Nada há para que os levem a reconciliar. Mas, em um ato de graça, um passa a sentir falta um do outro. O desejo de restauração coexiste em conflito com a autoafirmação de que estou certo e o outro errado. Eventualmente, precisarão enfrentar não suas diferenças e posicionamentos, mas seu distanciamento. Terão que renunciar seus posicionamentos irreduzíveis. Foi assim com Esaú e Jacó. Como a

⁶ Matthew Richard Schlimm, *70 Hebrew Words Every Christian Should Know* (Nashville: Abingdon Press, 2018), pp 119-122.

⁷ Michael Brown, *Israel's divine healer* (Grand Rapids: Zondervan, 1995).

raiva de Esaú levou seu irmão Jacó a fugir. Anos depois, Jacó aproximou-se do irmão com medo e com o coração batendo. Mas Esaú correu ao seu encontro e o abraçou e o beijou, e eles choraram (Gn 33:4).

A reconciliação bíblica é um ministério, é pacificadora e restaurativa. Sobretudo, é compelida por ação divina. Não existe reconciliação cristã sem Deus como não existe reconciliação com Deus sem o próximo.⁸ O teólogo alemão Christoph Schwöbel⁹ demonstrou a necessidade de construir-se um entendimento bíblico de reconciliação e que somente quando a Igreja estiver clara do que seria uma reconciliação cristã é que então poderia engajar-se na discussão política. Com base no entendimento bíblico aqui apontado, prossigamos com a atuação da Igreja como uma comunidade reconciliatória.

Comunidade

O missiólogo norueguês Tormod Engelsen fala de três dimensões no ministério da reconciliação.¹⁰ Há uma reconciliação vertical entre Deus e sua criação. A horizontal é entre os humanos. E a circular é entre o universo ou o cosmo físico e espiritual. Aqui não há uma “separação de tarefas” em argumento do tipo que Deus proporcionou a reconciliação pela obra expiatória e agora cabe a nós a reconciliação com o resto. Ao contrário, o mesmo sacrifício divino que proporciona a reconciliação entre humanidade e Deus proporciona e compele a reconciliação horizontal e com a criação. Nisso, a Igreja é participante desta missão.

⁸ A centralidade desse fato é apontada por Miroslav Volf, *Exclusion and Embrace: A Theological Exploration of Identity, Otherness, and Reconciliation* (Nashville: Abingdon Press, 1996). Cf. 1 João 3:15-17.

⁹ Christoph Schwöbel, “Reconciliation: From Biblical observations to dogmatic reconstruction” em Colin E. Gunton (ed.), *The Theology of Reconciliation* (Londres: T & T Clark, 2003), pp. 13-38.

¹⁰ Tormod Engelsen, “Reconciliation with God – Its Meaning and its Significance for Mission” em Robert Schreier e Knud Jørgensen (eds.), *Mission as Ministry of Reconciliation* (Cornwall: Regnum, 2013), pp. 79-89.

Saliento três meios com os quais a Igreja atua como comunidade reconciliatória: o culto, os eventos concretos e as atividades permanentes para a reconciliação.

O teólogo suíço Jean-Daniel Plüss aponta a importância do culto para fundamentar a experiência da fé cristã e suas implicações para a reconciliação.¹¹ O culto, sobretudo na tradição pentecostal, permite amplas oportunidades para expressão dos participantes. No entanto, há momentos de silêncio e de espera, confiantes que o inusitado que se seguirá movido pelo Espírito Santo. Plüss valoriza o silêncio, principalmente para dar ouvidos ao Espírito Santo. O silêncio em comunhão e a santificação no culto são momentos reconciliadores.

O culto é o momento de reconciliação por excelência. É o culto que reencena e ensina – momento em que a Palavra é diligentemente pregada e as ordenanças sacramentais devidamente administradas – a obra reconciliadora de Cristo. Por isso, não há espaços no culto para outras agendas. Imagine se Esaú abraçasse Jacó e dissesse “que bom que nos reencontramos, meu irmão, mas podemos agora discutir sobre a progeneritura?”. Ou quão desejoso estaria Jacó se ao invés de prostrar-se tivesse gritado antes de aproximar-se “Esaú, perdão! Se você deixar suas armas no chão onde eu possa ver, então podemos nos abraçar”. O culto cristão deve ser momentos de reencontros reconciliadores sem espaços para “mas” ou “se”.

O culto é momento de a Igreja orar e vigiar. A distinção entre a denúncia do erro e a aceitação fraterna do outro deve ser fundamentada em bases bíblicas e em um amor genuíno. Por vezes, a Igreja orou e esqueceu de vigiar, infiltrando-se erros na forma de pecado e injustiças. Por vezes, a Igreja vigiou e não orou, tornando-se mais um partido no cenário político-ideológico. A oração e a vigilância são indissociáveis como também são informadas pelas Escrituras. O uso de um jargão teológico para desdenhar as reivindicações e posicionamentos de outras pessoas ou escolher versos nas Escrituras para apoiar minhas posições não expressam uma franca e humilde abertura para a reconciliação. As Escrituras

¹¹ Jean-Daniel Plüss, “Religious Experience in Worship.” *PentecoStudies*, 2003 (2) 1:1-21.

devem ser lidas com uma humildade reconciliadora. Isso requer abertura mútua, expondo nossa vulnerabilidade, vontade de perdoar e mudar, ler e ouvir juntos a Palavra.

O culto também é momento de testemunho, confissão e estarmos contritos. Quando escutamos os irmãos com quem tenhamos alguma estranheza nos cultos, devemos seguir o preceito de sermos rápidos para ouvir, tardio para falar, tardio para irar-se (Tiago 1:19). Em contrapartida, aquele que levanta a voz para edificar a Igreja jamais pode subordinar o testemunho de um reconciliado com Deus às vaidades do mundo.

A reconciliação consiste em confessar os pecados. No entanto, esta confissão não se dá pelos meus próprios parâmetros de pecado, mas segundo o parâmetro de outrem: de Deus e do próximo. Sobre os parâmetros de Deus para o pecado, não precisamos falar muitos: já temos as Escrituras. Para denunciar o pecado as Escrituras canônicas são uma medida (cânone) como o próximo também o é. Ao invés de confissões vagas “se eu tiver feito algo errado” ou “perdoa-me qualquer coisa” que haja uma expressão sincera como “pequei contra ti. Estou pronto a prestar contas dos danos por aquilo que fiz ou não fiz, do que disse ou pensei, mas que tenha sido injusto, infiel e inverídico para ti”. Consequentemente, cientes e arrependidos de nossos pecados podemos sentir nossos corações queimarem quando o Espírito Santo nos compele em comunhão a reconciliar-nos.

Contritos, exercitamos o ouvir, a confessar e a arrepender-se para sermos reconciliados.

A Igreja como comunidade reconciliatória cumpriu esse papel em vários eventos concretos. Falaremos de alguns deles.

A intersecção entre preferências por lideranças, divergências teológicas e tensões raciais levaram os pioneiros pentecostais norte-americanos ao pecado de um cisma e do racismo. Em consequência disso, foi formada a Pentecostal Fellowship of North America (PFNA) em 1948 uma associação de denominações pentecostais brancas, mas excluindo grupos pentecostais negros. Em 1992, desejosos a retornar aos primórdios do avivamento da Rua Azusa, quando “o sangue lavou a linha de cor [racial]”, a PFNA decidiu

buscar a reconciliação. Dois anos de tentativas passaram, mas ainda continuavam os distanciamentos. Entretanto, na reunião entre ministros negros e brancos em Memphis, Tennessee, em 1994 o inusitado ocorreu. Contritos, os líderes das denominações membros da PFNA decidiram dissolver a associação. Em lágrimas, um pastor branco das Assemblies of God, Donald Evans, aproximou-se da plataforma. Sentiu por Deus lavar os pés de Ithiel Clemmons, bispo da Igreja de Deus em Cristo. Contrição e choro tomaram os participantes. Este evento, conhecido como o “Milagre de Memphis”, atesta a ação do Espírito Santo na reconciliação.¹²

A Igreja como comunidade reconciliatória deve estar atenta aos desafios de cada época. Como parte do “vigiar e orar”, a missão de sentinela deve ser crítica ao ponto de não se deixar levar por faccionalismos que normalmente cada nova questão suscita. Igualmente, esperar que o silêncio resolva as coisas é perpetuar conflitos e injustiças. Frequentemente, lideranças temerosas de enfrentar situações difíceis e priorizando uma aparente união na Igreja acabam por silenciar manifestações que levariam à reconciliação.

Atualmente, os problemas mais divisivos são de caráter político. Mudanças demográficas, propagação de doenças (e várias com escala assustadora de epidemia), concentração de poder e riquezas em uma diminuta elite descompromissada com o próximo, novas formas de mídia e comunicação com um fluxo incontrolável de informações, mudanças climáticas e desafios ambientais geram medos e ansios legítimos, mas estranhamento ilegítimo entre irmãos. Os posicionamentos sobre quais propostas e sobre quais figuras políticas devam apresentar respostas a essas questões políticas passaram para as portas de dentro das igrejas em vários países. Em regimes eleitorais, mesmo em democracias com sólida separação entre Estado e religião, os interesses políticos ganharam roupagem e vocabulário teológicos. Sorrateiramente, a disputa pelo espaço público infiltrou-

¹² Frank D. Macchia, “From Azusa to Memphis: Evaluating the Racial Reconciliation Dialogue Among Pentecostals.” *Pneuma* 17 vol. 1 1995, pp. 203–18.

se na Igreja. Consequentemente, várias divisões brotaram entre cristãos.¹³

A Igreja deve ter consciência que a reconciliação em si é um processo difícil. O caso de Ruanda constitui tanto triste eventos de conflitos horrendos quanto exemplos de reconciliação nos quais os cristãos estiveram envolvidos. Em 1994, entre meio milhão e um milhão de pessoas foram massacradas por milicianos hutus. A socióloga da religião Josephine Sundqvist¹⁴ aponta o papel da Association des Eglises de Pentecôte du Rwanda no tortuoso caminho da reconciliação. Depois desse lamentável evento, essa denominação iniciou várias atividades para restaurar a confiança e paz no país. Pautadas por valores de paz, justiça, misericórdia e justiça, os crentes participaram ativamente nas sessões da *gacaca* – tribunal tradicional de mediação e arbitragem –, além de utilizar recursos próprios como o rádio para espalhar a mensagem de reconciliação. Vítimas foram ouvidas e perpetradores confessaram suas participações em opressão e no genocídio. A digressão teológica ajudou a entender a rixa e o conseqüente genocídio como malignos e demoníacos. Assim, houve um envolvimento ativo da Association des Eglises de Pentecôte du Rwanda nesse ministério.

Não é preciso de muitos exemplos para demonstrar o quanto a fé evangélica foi tomada por uma cissiparidade. Cismas e disputas internas nas igrejas por vezes deram origens a movimentos que depois trouxeram bons frutos. No entanto, não justifica ignorar os que foram injustiçados e feridos nessas divisões. É contraditório a insistência de utilizar um ou outro verso bíblico para fundamentar uma separação eclesiástica ou teológica e ignorar João 17:20-26.

¹³ Não é objetivo desse artigo discutir esses pertinentes temas de teologia política, mas um panorama do dano causado pela instrumentalização da fé cristã em uma das vertentes evangélicas norte-americanas pode ser visto em Kevin DeYoung, “Why Reformed Evangelicalism Has Splintered: Four Approaches to Race, Politics, and Gender.” *The Gospel Coalition*, 9 de março de 2021.

¹⁴ Josephine Sundqvist, “Reconciliation as a Societal Process: A Case Study on the Role of the Pentecostal Movement (ADEPR) as an Actor in the Reconciliation Process in Post-genocide Rwanda.” *Swedish Missiological Themes*, 2011 (99), p. 2.

O ministério da reconciliação também deve atuar na restauração familiar. O estranhamento entre membros de uma mesma família e a banalização do matrimônio geram ruínas. Adicionalmente, é comum que surjam diferenças e conflitos entre cristãos e não cristãos. A defesa de interesses legítimos devem ser sempre por meios éticos e a prontidão em aceitar alternativas conciliatórias quando possível.

Das experiências mencionadas dá para inferir várias coisas. Uma delas é que a restituição faz parte da reconciliação. Dar o que é outro de direito ou satisfazer a paz social assumindo responsabilidade por seus crimes é parte da reconciliação. Assim, reconciliação demanda justiça e não é caminho mais rápido para a leniência ou escapar das responsabilidades civis e criminais de danos causados. Por outro lado, o perdão não sustenta mágoa e não alimenta a vingança. Apesar de a reconciliação não dissolver diferenças ou solucionar diferentes interesses políticos servirá para criar espaços seguros para o diálogo fraterno para estabelecer decisões em prol do bem comum. Por fim, a reconciliação toma tempo. Nem todos estão preparados para perdoar e reconciliar. Enquanto isso, a parte desejosa pela reconciliação não deve desanimar e tornar público sua intenção. Aqui, a Igreja deve permanecer como comunidade de reconciliação para todos os povos, não há exceções.¹⁵

Quanto ao modo de organizar permanentemente o ministério da reconciliação, cada congregação local ou denominação deve alinhar-se nessa missão às suas estruturas. Há a opção de formar departamentos que oferecem amparo espiritual e local de mediação. Também é possível incorporar o ministério de reconciliação na formação e trabalho cotidiano dos ministros. As opções são várias, mas como vimos que, com bases nas Escrituras, a reconciliação é parte integral da missão da igreja e ela própria é um local e efeito da reconciliação.¹⁶

¹⁵ Guy BonGiovanni, *The Ministry of Reconciliation* (New Wilmington, PA: House of BonGiovanni, 1983).

¹⁶ Ada Maria Isasi-Diaz, "Reconciliation: An Intrinsic Element of Justice" em David Tombs e Joseph Liechty, (eds.), *Explorations in Reconciliation* (Londres: Ashgate, 2006), pp. 69-85.

Espírito

Dissensões e faccionalismos são também fenômenos de bases espirituais, teológicas e ideológicas. Um documento da Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial faz um diagnóstico preciso dessas causas.¹⁷ Aponta como fatores teologias problemáticas com dualismo irresponsável e uma graça barata; bem como ideologias com falácias de autossuficiência, individualismo ou de superioridade entre as pessoas. Para males em que estejam envolvidos cristãos, é dever dos próprios cristãos remediá-los. Porém, nessa missão não estarão sozinhos.

O Espírito Santo dispensa dons (charismata) e ministérios (diaconia) para aperfeiçoamento dos crentes para edificação do corpo de Cristo (Efésios 4:12). Esses dons servem para o ministério da reconciliação.¹⁸ Por vezes, as dádivas do Espírito Santo não são reconhecidas. Por essa razão elencamos como o Espírito Santo atua na reconciliação e depois os recursos ministeriais (diaconais) nesse serviço.

A ação do Espírito Santo é eficaz na reconciliação. Em Gálatas 5:16-24 Paulo exorta para uma vida guiada pelo Espírito. Contrapondo os resultados dos desejos carnis de dissensões e divisões está o fruto do Espírito: fruto: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

O revestimento de poder do Espírito faz do culto um centro para a reconciliação. Em muitas igrejas de tradições avivalistas há um lugar, como um banco da misericórdia, ou momento, como apelos ao altar, para reconciliar-se com Deus. Os crentes deveriam vir com a mesma humildade a esses espaços e momentos para reconciliar-se com seu próximo.

¹⁷ Evangelization, Lausanne Committee for World. "Lausanne Occasional Paper No. 51: Reconciliation as the Mission of God." 2004. <https://lausanne.org/content/lop/lop-51-reconciliation-as-the-mission-of-god>.

¹⁸ Sobre o papel das dádivas do Espírito Santo no ministério da reconciliação, queira ver Arrington, *The ministry of reconciliation: a study of 2 Corinthians*.

Impulsionados pelo Espírito Santo, há dons de comunicação que rompem o silêncio. Esperar que o silêncio resolva as coisas é perpetuar conflitos e injustiças. Frequentemente, lideranças temerosas de enfrentar situações difíceis e priorizando uma aparente união na Igreja acabam por silenciar manifestações que levariam à reconciliação. Dar ouvido ao que o Espírito diz à Igreja será, por vezes, desconfortável como foi os indiciamentos dos erros nas igrejas da Ásia em Apocalipse.

A ação do Espírito Santo é, sobretudo, de mudar os corações. Bem alerta em Provérbios 18:19 da dificuldade de conquistar uma pessoa ofendida. É nessa esperança de que o coração magoado seja curado que o ministério de reconciliação efetiva-se.

Além dessas dádivas com as quais o Espírito capacita, há recursos de serviço que devem ser desenvolvidos pelas igrejas. O teólogo Kjell Nordstokke elenca vários recursos de diaconia, ou seja, recursos ministeriais à disposição da obra reconciliatória da Igreja.¹⁹ Aqui apresentamos quais recursos servem ao ministério da reconciliação.

1. A familiaridade da Igreja com o tema da reconciliação, incorporando que este conceito é crucial na fé cristã.
2. As Escrituras apresentam narrativas de reconciliação as quais servem como guia, mandado e inspiração.
3. O reconhecimento de que o ser humano reflete sua criação à imagem de Deus aliado ao reconhecimento das forças do mal nos seres humanos e na sociedade.
4. Compartilhar um sistema de valores básicos na reconciliação como princípios orientadores. Entre esses princípios a verdade como libertação e a justiça como restauração de relações que afirmem dignidade e segurança.
5. A extensão da hospitalidade e do espaço seguro garantindo a presença do que foi silenciado e marginalizado.
6. O ministério da reconciliação aparece no culto, quando anunciam o perdão dos pecados e a restauração das relações.

¹⁹ Kjell Nordstokke em *Diakonia in Context: Transformation, Reconciliation, Empowerment: An LWF Contribution to the Understanding and Practice of Diakonia* (Genebra: The Lutheran World Federation, 2010).

7. A capacidade de intermediação é ativa e assume os riscos de tomar novos caminhos em prol da reconciliação.
8. Aprendizado das experiências de reconciliação de tempos recentes, considerando diferentes contextos sociais e políticos.

Para um ministério da reconciliação ser eficaz temos esses dons e recursos. Cabe à Igreja atentar-se a eles.

Considerações finais

O ministério da reconciliação é parte integral da missão da Igreja. As Escrituras, a Igreja como comunidade reconciliatória e a obra do Espírito Santo compelem e dão meios para que esforcemos em viver em paz com todos, procuremos ter uma vida santa, cuidemos uns dos outros, vigiemos que não cresça amarguras que cause perturbação (Heb 12:14,15).

Visto que a reconciliação implica em juntar pessoas, fiz nesse artigo algumas escolhas metodológicas. Primeiro, emprego principalmente autores de nórdico e do mundo anglo. Essa escolha não é para pautar com condescência este debate sério de algo que afeta a todos, mas para ser uma oportunidade de diálogo entre a Igreja no hemisfério norte e o mundo majoritário. Segundo, embora escrevendo a partir de uma perspectiva normativa, não me restrinjo a uma única tradição ou denominação. Ainda que situado em um tradição de renovo e avivamento, o escopo desse artigo é geral para a cristandade. Este artigo emprega uma hermenêutica contextual. Esta abordagem presta a atenção aos contextos dos eventos bíblicos e contemporâneos, bem como aos contextos de composição, transmissão e recepção das Escrituras.

IDEOLOGIA CRISTÃ X CONDUTA CRISTÃ

MARCO A. C. FALEIRO

Como articulista desta revista, mais uma vez tive a oportunidade de apresentar um tema, e o tema escolhido tem haver com a realidade que nós como igreja brasileira estamos vivendo neste ano de 2022. Mas esta realidade não é somente do Brasil, considerando o globalismo que se impõe na sociedade humana, em toda terra, os países estão se moldando a uma cultura e uma ideologia. Cada ano que passa, a sociedade humana busca uma unidade que se reflete em comunidades internacionais comerciais e em unificação de religiões. A religião é a guardiã e a mentora das ideologias que formam as culturas e os modelos políticos do mundo.

O cristianismo com certeza foi o mentor da adaptação da democracia grega aos princípios cristãos bíblicos defendidos pela Igreja Cristã na terra. Não há como dividir a ideologia religiosa de ideologia política, a religião é a base da autoridade, e a autoridade vem de Deus. A autoridade de Deus é liberada por Ele para os líderes do mundo, mas nunca esta autoridade deixa de ser do Soberano Eterno da Terra e de tudo que existe, ou seja, Deus. Apesar da democracia ser um modelo que a Igreja tem liberdades melhores para sua expansão, a democracia não é o modelo bíblico de poder, o modelo bíblico é a teocracia, contudo como vimos na Bíblia, Israel que tinha uma teocracia, escolheu a monarquia, e uma monarquia absolutista, como vimos com as famílias de Saul e Davi.

Deus não queria que as sociedades fossem monárquicas, nem mesmo democráticas, muito menos comunistas ou islâmicas,

contudo, Deus ainda está no poder em qualquer tipo de organização humana. Mas algumas podem ser melhores que outras, ou algumas podem facilitar ou permitir a igreja se expandir e as pessoas conhecerem com maior liberdade a mensagem do evangelho. A academia quer dividir ideologia religiosa de ideologia social ou política, e isto não existe dentro da Bíblia. E nós como cristãos, não dividimos nossa fé, desconsiderando-a quando nos movemos na sociedade como cidadãos. Para nós tudo está ligado à nossa fé. Mas o liberalismo teológico que se afasta da verdade, na busca de um humanismo religioso, como se o homem fosse o centro da religião, e não é, cria este paradigma que é no mínimo uma mentira baseada na ignorância do ensinamento bíblico.

Quando falamos de ideologia temos que destacar a conduta, pois nossa fé ou ideologia, seja como quiser chamar, é a base de nossa conduta. Vamos agir conforme cremos. E para nós, usando as palavras reformadas: A Bíblia é nossa regra de fé e prática. Fé e prática ou mudando as palavras: Ideologia e Conduta. Muitos usam palavras diferentes para tentar criar formas de desviar a igreja da verdade, e criar uma forma de pensar que difere da Bíblia, mas finge ser a Bíblia. São tantas mentiras na sociedade humana, querendo assumir o papel que pertence a Deus para os governos. Quem decide o que é certo ou errado, não são as leis humanas ou os governos, é Deus. Deus é o que determina o que é certo ou errado, e nossa conduta deve estar de acordo com as determinações de Deus. Tudo que fazemos tem que estar de acordo com nossa fé em Jesus, e as orientações da Bíblia Sagrada. Não como sermos dois, um religioso ou outro secular. Somos apenas um, e somos todos, um ser espiritual, que se conduz conforme a orientação do Espírito Santo em nossas vidas. Somos Igreja, não indivíduos. E esta é outra falácia sendo criada na sociedade atual, a ideia que alguém pode ser igreja, sem estar unido à igreja. Não há esta possibilidade na Bíblia. Ninguém é realmente igreja, se não estiver unido presencialmente ou sob o comando de uma igreja local. Quem está sozinho ou fora da comunhão está em estado de desunião, e de quebra de compromisso com Deus. Mas vamos considerar o caso do Brasil para continuar esta análise de conduta e ideologia.

O Brasil está dividido, hoje em 2022, em uma polarização política que na verdade está baseada em ideologias. De um lado, uma ideologia está sendo apresentada pela Organização das Nações Unidas (ONU), e esta ideologia que não é bíblica ou cristã, está sendo aceita por muitas nações, especialmente as que seguem uma corrente de esquerda ou socialista. As ideologias travestidas de cristãs, parecem, mas não são cristãs ou bíblicas, pois não incluem a Jesus e a Bíblia como fonte da construção da ideologia. No Brasil estamos vendo uma tentativa de implantar na sociedade brasileira valores que não são conservadores, considerando os termos políticos, mas na verdade, a maioria da ideologia chamada de conservadora, se identifica com os valores cristãos. Por outro lado, temos um grupo chamado de conservador, que tem sua base em valores cristãos, todavia, também tem seus interesses capitalistas e teoricamente democráticos. Todos se vangloriam de ser democráticos, porém, para nós igreja, o nosso ideal é o Reino de Deus, que é teocrático. Contudo, na história, temos a realidade que a democracia dentro dela, a partir de qualquer realidade, seja a utópica grega ou a idealizada na América do Norte, sempre foi um ambiente mais tranquilo para que a igreja possa viver seus princípios bíblicos cristãos. Entretanto, para nós igreja, em qualquer tipo de governo podemos viver o cristianismo, mesmo que seja em um ambiente de perseguição e de privações legais. Olhando a história, até mesmo a pretensa sociedade cristã medieval facilitou a propagação do evangelho, mas também dificultou em muitos aspectos, criando heresias e condutas anti-Deus e anti-bíblicas. O fato é que nós, como cristãos, podemos ter pensamentos no contexto da política, mas o que realmente podemos e devemos considerar é nossa ideologia de vida. O que nós, como igreja, consideramos como valores cristãos. No Brasil, assim como no mundo, estão criando uma ideia de que quem é cristão ou quem confessa e crê na Bíblia é conservador, e a ideia do conservadorismo com a proposta ilógica da evolução, assume um *status* de antigo, sem evolução. Nós como cristãos não cremos no evolucionismo em nenhuma de suas ideias, nem como ciência, nem como ideologia. Mas com a mentira do evolucionismo sendo ensinado nas academias, a ideologia evolucionista ganhou espaço na maneira de crer das

pessoas. As pessoas hoje acham realmente que o ser humano evoluiu, mas isto é mentira, o ser humano não evoluiu, ele pode crescer, nunca evoluir. A sociedade não evoluiu, ela pode crescer, mas com o pecado, o homem e a sociedade, que é o grupo humano, tem se destruído, sendo corrompida pela maldade dos seus corações corruptos, sem Deus. A sociedade não evoluiu, como disse, por isto, ser conservador é buscar a base do perfeito ou do que foi criado por Deus. Não é uma proposta de ficar no passado ou não querer crescer. Queremos crescer dentro do que Deus criou e do que Deus determinou, nunca entrar em uma utopia ideológica de evolução humana.

O homem não está melhorando, está piorando, e, a cada dia ficando com menos tempo de vida. Deus nos fez para sermos eternos, e vivíamos até o milênio, no tempo pré-diluviano, depois o pecado foi nos afastando de Deus ou da vida dEle, e chegamos aos poucos anos de até 120 anos. Isto é cair, não é evoluir. O homem está piorando sua sociedade se afastando de Deus e de sua palavra, ou de sua moral e ética. Por isto, posso dizer que ser conservador deveria ser o ápice da inteligência humana, pois seria buscar a perfeição que foi perdida. E com esta ideia em mente, percebemos que o mundo está demonizando o conservadorismo e falando mal dos políticos conservadores, criando mentiras de todos aqueles que são contra a evolução humana, que não existe, e que nunca fará o homem deixar de ser homem para ser um outro ser. Nunca fomos macacos, eles foram criados macacos e são o plano de Deus na terra para a espécie deles, nós somos a imagem e semelhança de Deus.

Considerando esta breve explicação, queria me aprofundar nos valores éticos e morais que temos como igreja de Jesus Cristo. E destacar que não há possibilidade de aceitarmos valores que são contrários a Bíblia Sagrada, mesmo que isto seja em alguns casos extremos chamados de ilegais. A igreja já foi e ainda é perseguida, sendo aprisionada e morta, conforme foi profetizado pelo Senhor Jesus Cristo que aconteceria, simplesmente por permanecer fiel ao ensinamento bíblico.

Temos muitos pastores hoje aprisionados em países que a religião islâmica domina, e onde ideologias políticas, como o comunismo, impera. Mas independente da realidade social, a igreja sobrevive e

vive acima de toda proposta ética de conduta. Os reformados nos ensinaram um padrão que se tornou base para a maioria das igrejas cristãs no mundo, principalmente para as evangélicas, pois os católicos têm sua proposta. O que eles nos ensinaram, como foi dito anteriormente neste artigo, é que a “Bíblia é a nossa única regra de fé e prática”. Não uma das propostas éticas e morais, a Bíblia é a única.

Sabemos que a proposta católica incluiu outras bases que são as tradições e o clero, mas nós cristãos evangélicos consideramos que as tradições são contextuais dentro da realidade cultural e da realidade geracional. Também cremos que o clero, não chamado desta forma por nós - pois não o vemos como uma classe separada ou superior dentro da igreja, e podemos chamar de liderança ministerial da igreja, o presbitério eclesiástico - , é também pecadora, apesar da operação da santificação que está disponível à toda igreja, não somente a um grupo, mas a todos. Se a liderança pecar, pode errar, e se errar, não pode ser nossa base de fé e prática ou base moral e ética. Muito menos as tradições que são culturais e limitadas às realidades geracionais, geográficas e temporais.

Temos então uma realidade que considero ser bíblica e cristã: a Bíblia sempre será a única na construção de nossas opiniões. É certo que o ambiente da hermenêutica, ou da interpretação dos textos bíblicos, sempre será humano, a partir do ponto que Deus não está aqui para falar fisicamente conosco. Até mesmo aqueles que podem ser seus profetas, podem estar sendo influenciados na forma como falam, considerando sua perspectiva de mundo, ou sua cosmovisão. Neste caso toda interpretação da Bíblia pode ser influenciada pela cultura, pelo nível de compreensão da língua e do contexto histórico da Bíblia, pelo treinamento intelectual ou desenvolvimento mental, e até pelo sentimento quando se está interpretando. A interpretação é uma realidade humana, portanto nunca pode ser considerada totalmente a verdade, apesar de poder até ser a verdade. Mas somente saberemos isso quando chegarmos diante do justo Juiz da terra, e Ele mesmo nos explicar todas as coisas. Contudo, isto não é motivo ou desculpa para não interpretar a vida, e para não buscar formas reais e práticas para se viver o ensinamento bíblico. Se errarmos com o coração sincero, nós temos fé que Deus é um Deus misericordioso.

Voltando ao tema deste artigo, e este artigo com certeza está sendo muito interpretativo e no campo da apologética pessoal, a ideologia que nós como igreja temos que adotar, temos também que defender. A fuga da responsabilidade de apresentar a ideologia bíblica cristã ao mundo, com uma falácia construída nos dias atuais que diz que “temos que respeitar todas as opiniões”, é uma das mentiras mais perigosas dentro da igreja. Não podemos respeitar a mentira, temos que respeitar as pessoas, não o engano e o erro que pessoas possam estar a viver. Outro dia ouvi um pastor dizer que estava cansado de dizer que amava os homossexuais, mas odiava o homossexualismo. Ele então criou a ideia que para amar alguém temos que aceitar a pessoa da forma que ela é. Então Deus errou e o pastor está certo, pois Deus não aceita o pecador com seu pecado, Ele ordena que o pecador se arrependa e deixe o pecado. Jesus disse a mulher que prostituiu, que Ele a perdoava, contudo falou: “vá e não peques mais”. Deus não é tolerante com pecado, pois pecado é pecado, e o salário do pecado é a morte. Esta ideologia infama e profana, e mentirosa que tenta ligar nossa atitude de obedecer a Deus, falando contra o pecado e chamando o pecador para o arrependimento, é antibíblica e maligna. É a ideia de respeitar sem ligar o respeito ao amor. Pois o amor não se isenta de ajudar alguém que está preso em uma mentira. O amor fala a verdade, o amor denuncia o erro para trazer a libertação para o amado. Amor sem verdade não é amor. Amor sem comprometimento com a verdade é um amor falso que não trará os benefícios reais do amor verdadeiro, pois o amor verdadeiro se dá mesmo que seja crucificado pelos que receberam o amor. E além disto tudo, somente poderemos nos ajudar, se tivermos a liberdade de expressar opiniões e lutar por estas opiniões. Senão algumas opiniões dominantes serão consideradas como a verdade, e por fim serão a lei estabelecida para ser cumprida, tendo em si a força da pena, criando-se crimes de opinião e de fé religiosa.

O que hoje se chama de ideologia é na verdade a fé que domina alguém. Ninguém é imparcial, isto é utopia. Todos temos uma fé e conforme ela vivemos. Pessoas têm tido crenças e transformado elas em “opiniões” ou em “ideologias políticas”, mas não há como dividir as opiniões e as ideologias políticas da crença bíblica, como algumas

proposições apresentadas neste artigo. A Bíblia é a regra de fé e prática da Igreja, ou existe outra regra de fé e prática para a igreja? Muitos querem tirar das igrejas a mensagem sobre conduta social, como não fosse o direito e o dever da igreja de influenciar a sociedade, inclusive lutando por causas justas. Como foi o caso da escravatura, do racismo, da igualdade social, respeitando sempre as diferenças de gênero e físicas ou mentais, e da independência de nações, onde as igrejas foram as bandeiras da luta contra a injustiça. Não podemos como igreja nos calar diante dos erros, talvez até podemos não estar dentro dos exércitos ou da força política, contudo, no mínimo, temos que falar. Entretanto, também deveríamos estar engajados em todas as áreas da sociedade para ser como Jesus disse: “o sal e luz da terra”.

Com tudo isto em mente, podemos levantar bandeiras de nossa fé acerca de várias condutas que têm sido pregadas e até construídas como leis nas nações. Bandeiras como o que a Bíblia diz sobre o homossexualismo, sobre o aborto, sobre a ideologia de gênero e a linguagem neutra. Como igreja não podemos nos isolar do mundo e dizer que não podemos “nos intrometer na política”, ou “em assuntos ligados ao governo”. A Igreja que não se preocupa e não se intromete nas situações da sociedade em que vive é uma igreja no mínimo egoísta, e também medrosa. Não podemos fugir a nossa responsabilidade de nos envolver com os problemas sociais do mundo. Temos que lutar pelo próximo, pois nós amamos ao próximo, seja ele quem for. Nós, como cristãos, temos que influenciar, não podemos nos calar e ter medo da perseguição e da morte. Jesus falou que nós seríamos perseguidos por causa da justiça, que seríamos torturados, aprisionados e até mortos. Não é surpresa se isto acontecer, pois é o que já foi nos avisado que aconteceria se nós nos envolvêssemos com a justiça na terra. Nós somos o elemento de transformação na sociedade humana. Senão estamos sendo, há algo de errado com a igreja. Pois a igreja tem que ser a voz de Deus na terra, tem que ser a influência de Deus na terra, porque a igreja é o corpo de Cristo.

Quando falamos de igreja, estamos falando de grupo, não de indivíduo. Não há nenhuma possibilidade de existir uma igreja virtual

sem a ligação presencial e sem o comprometimento de grupo. Deus já sabia que teria toda esta tecnologia com computadores, internet, e redes sociais. Ele não foi “pego de surpresa”. Deus já escreveu a Bíblia considerando a realidade de nosso tempo. Lembre que Deus sabe tudo que vai acontecer antes de acontecer. A Bíblia foi escrita para nós, dentro de nossa realidade atual. E vendo a igreja se esquecendo que o texto de Hebreus 10:25 fala sobre congregar presencialmente e para não deixar de congregar, como é costume de alguns, nos faz alertar a igreja sobre o perigo de esquecer que a Bíblia é nossa regra de fé e prática. Sei que esta afirmação é reformada, e não é um versículo, e posso compreender que alguém diga que é uma interpretação da verdade, mas temos que considerar que, historicamente, foi a interpretação que fez a igreja reviver e sair da escuridão do período das trevas no tempo medieval.

Considerando a questão levantada, a igreja precisa agir como grupo, se levantar e se posicionar, falando o que crê e vivendo o que acredita. Não podemos ser tolerantes quanto a conduta errada, temos que nos levantar e fazer algo para o errado ser denunciado, e se possível, ser removido ou restaurado, ou renovado, ou salvo. Seja o que for, dentro do contexto dos erros que a sociedade tem vivido, nós temos que ter nossa conduta ligada à nossa ideologia. Inclusive no campo político e no campo acadêmico. Há tantos professores cristãos que defendem a evolução mesmo sabendo que a Bíblia é contrária a esta tese que nunca foi provada (e é só uma hipótese), que é, no mínimo, ilógica. Nunca o imperfeito se aperfeiçoa sem a introdução de alguém que organiza e aperfeiçoa. O acaso nunca se reorganiza, é sempre um plano bem organizado por alguém inteligente que faz o organizado estar organizado. Com isto em mente, e eu somente falei de uma das mentiras que o mundo constrói dizendo que as coisas evoluem, elas não evoluem, elas crescem; somente uma ideologia ilógica e antibíblica torna-se um fator de luta para nós cristãos. Neste caso, os professores cristãos deveriam ser os maiores interventores nas escolas. Entretanto, muitos com medo de perder o emprego, até ensinam a mentira e dizem que são obrigados. Da mesma forma como os políticos produzem leis anti-Deus e anti-Bíblia e dizem que não têm como lutar contra. Eles não deveriam

participar do erro, nem incentivar o mesmo, nem mesmo promovê-lo. A igreja vencerá, nunca um indivíduo da igreja sozinho, pois é o plano de Deus que a igreja vença e coloque o inimigo debaixo dos seus pés.

Nossa ideologia ou crença cristã bíblica, e digo cristã bíblica, pois há alguns criando um cristianismo que não coloca a Bíblia como a fonte da ideologia ou da crença. Mas isto não é cristianismo, pois cristianismo só é cristianismo quando é bíblico. Entretanto, a nossa proposta apologética aqui é que nossa ideologia tem que caminhar com nossa conduta. Não há como acreditar de uma forma e viver de outra. Ou uma ou a outra vencerá, e influenciará ou mudará a outra.

Com toda esta análise termino dizendo que estamos sempre dispostos a discutir opiniões, no entanto, sempre estamos prontos a considerar que somente a base de julgamento é a Bíblia Sagrada. Ou seja, é na Bíblia que encontraremos as bases morais e éticas para interpretar a vida. Mudar é crescer, não é evoluir, como expliquei, e crescer é aprender mais, sempre considerando que não sabemos tudo, e que até o que sabemos pode ser um erro de interpretação, ou uma interpretação parcial. Entretanto, nós como igreja, se somos realmente igreja, ou discípulos de Jesus Cristo, nascidos de novo, temos que ter uma conduta conforme nossa ideologia, ou uma ética baseada na nossa moral cristã bíblica. Não podemos ser um em casa e outro na igreja, e outro no trabalho e outro na rua. Somos o que somos, o mesmo. E procuramos ser iguais a Jesus, mesmo que não sejamos na prática, procuramos andar para ser. Alguém pode dizer que nunca seremos, podemos ter uma discussão interessante sobre isto, pois creio que podemos, contudo, o fato é que mesmo que nunca sejamos enquanto estamos aqui na terra, nada impede de tentarmos ser. Nós temos Jesus como nosso modelo de conduta para imitar.

COLABORADORES DESTE VOLUME

Allan H. Anderson (PhD, Universidade da África do Sul), teólogo britânico e professor aposentado de estudos pentecostais e missionários na Universidade de Birmingham. Ele é frequentemente citado como um dos principais historiadores e estudiosos do pentecostalismo global. É autor da obra clássica *Uma introdução ao Pentecostalismo* (São Paulo: Edições Loyola, 2019).

Jan-Åke Alvarsson, Professor Emérito de Antropologia Cultural na Universidade de Uppsala e ex-diretor do Instituto de Estudos Pentecostais, Uppsala, Suécia. É autor, contribuindo com cerca de trinta livros, os últimos dois como editor/co-editor: *Pentekostalismen i Sverige på 2020-talet* (2021) e *Svensk Mission och kyrkorna som växte fram* (2021).

David D. Bundy (PhD, Universidade de Uppsala, Suécia), Diretor Associado de Manchester Wesley Research Center no Reino Unido.

Leonardo Marcondes Alves, Pesquisador de migração e religião na VID Specialized University, Stavanger, Noruega e um dos editores em colaboração desse periódico..

Marco A. C. Faleiro, Doutor em Ciência da Religião, Mestre em Teologia Sistemática, Bacharel em Teologia Missionário pela SIM - Serving in Mission. Pastor Sênior da Igreja Batista Maanaim (Janaúba, Brasil). Atuou 6 anos em Angola na área acadêmica teológica. Iniciou 6 igrejas e pastoreou 12 igrejas, com 33 anos de ministérios. Atuou em Londres e Lisboa, e em algumas cidades brasileiras, e no Amazonas (vila Ribeirinha).

